

O HOMEM QUE NASCEU PÓSTUMO

Mário Ferreira dos Santos

“Alguns nascem póstumos...”

Nietzsche

Referindo-se à pouca compreensão de seus livros pelo leitor comum, ainda preso aos preconceitos de dois mil anos de uma educação caluniosa à vida, e dominada apenas por esquemas abstratos, Nietzsche dizia:

“Quanto ao problema da compreensão ou da incompreensão, tornar-se-á um assunto supérfluo, por estar ele muito longe ainda da atualidade.

Eu mesmo não sou um homem atual; alguns nascem póstumos.

Chegará o tempo em que surgirão institutos, nos quais se viverá e ensinará o que entendo por viver e ensinar; talvez se instalarão cátedras especiais para interpretar “Zaratustra”.

Contudo, eu estaria em flagrante contradição comigo mesmo se esperasse encontrar desde já ouvidos e mãos dispostos a acolher as minhas verdades: que hoje não me ouçam, que não se queira aceitar nada de mim, parece-me não só natural, mas até justo”.

Em outra passagem de sua obra, presumia que só muitos anos após a sua morte viriam os seus leitores. Já entramos nesse período, e só agora é Nietzsche realmente estudado de ângulos mais precisos.

Sobre três figuras da história foi escrito o maior número de obras: Cristo, Napoleão e Nietzsche. Num período de cinquenta anos, neste século, ninguém recebeu uma literatura tão abundante. E se dá com ele o que se não dá com outros, que brilham muito, e depois são esquecidos. Nietzsche, cada dia que passa, é mais lido, mais analisado. Seus temas estão aí presentes em toda a filosofia moderna, e colocados, bem ou mal, do ângulo que ele desejou colocar.

É natural que este livro, que ora publicamos, focalize apenas alguns desses temas, pois a temática nietzscheana apresenta-os numerosos, além da complexidade da sua problemática, à espera de exegeses por parte dos estudiosos de todos os campos do saber humano.

Pode dizer-se sem receio, e o provaremos ainda no futuro, que não há tema atual geral, nem nas ciências naturais nem nas culturais, que não tenha sido por ele colocado. E sua temática

exigirá, não este século, mas possivelmente dois séculos de estudos, de respostas às perguntas por ele formuladas, bem como para verificar a procedência ou não de muitas das suas soluções.

Considerava ele que uma época poderia ser medida pela sua capacidade de reconhecer os grandes homens. E não tinha dúvidas quanto à que vivia. Não admirava o homem bovino que se formava na Europa e que iria, neste século, como o foi, constituir a maior ameaça de termitismo, ou de abelhismo humanos.

Compreendia merecer “Zaratustra” interpretação após estudos acurados. Obra simbólica, de feitura alciônica, de difícil penetração pelos não-iniciados, seria um livro dos mais lidos, um livro de todos, mas também de ninguém.

Em nosso último tema, sobre a mística, procuraremos dar uma análise simbólica da obra nietzscheana e da sua mistagogia. Compreendemos que o nosso trabalho completa-se, com “Assim Falava Zaratustra”, cujas anotações sobre a simbólica, permite tornar claros muitos aspectos.

“...Entender somente umas seis frases “de “Zaratustra”, o que equivaleria a *vivê-las* elevaria o leitor a um grau de humanidade bem mais alto do que poderiam alcançar os homens “modernos”..., afirmava ele. A penetração no mundo dionisíaco de Zaratustra levará os homens a um “olhar goetheano de boa vontade e de amor”, aproximando-os no alto das montanhas, de onde olharão o nascer do sol com a mesma altivez das águas. Nietzsche não procurava leitores; procurava os *seus* leitores.

Considerava sua obra como dinamite, e julgava-a absolutamente imprópria para a juventude, porque o seu imoralismo – e muitas vezes o afirmou – seria compreendido por ângulos diversos de os por ele desejados.

Ademais, como transmitiria a sua “verdade” a qualquer um? E antes de tudo se deve compreender que, para Nietzsche, uma verdade só o é quando é transmissível. E sabia que poucos, muito poucos, estariam naquela disposição simpática que permitiria recebê-la. Além disso, a maioria dos leitores toma uma posição feminina: gosta de ser fecundada. Nietzsche não queria fecundar, mas apenas romper cadeias, romper elos, dissolver teias de aranha.

]...

Nietzsche, para Brandes, foi um libertário aristocrata. A dignidade do homem estava no uso da liberdade. Pode ser alguém um nietzscheano quando aliena sua personalidade a uma seita?

Que obedeçam os que não são capazes de mandar em si mesmos, mas o homem livre não pode ser apenas o reflexo de seus superiores. Para seguir Zaratustra, é preciso afastar-se dele. O verdadeiro nietzscheano afasta-se dele; conhece-o à beira do caminho, ouve as indicações que oferece, aproveita a sua experiência, mas despede-se dele para buscar a si mesmo, para encontrar-se, para interpretar o seu próprio papel.

Não foi acaso ele quem disse: “quem segue a sua própria estrada, ergue a minha imagem a uma luz mais clara”?

Devemos ser o que ele foi, sincero sempre em cada um dos “nossos” instantes, e tão sinceros que não devemos temer contradizer-nos, repelir-nos até em nossas afirmações.

“Quero andar com homens que tenham o seu próprio modelo e não o devem ver em mim. Isto me tornaria responsável pelo seu modelo e far-me-ia torná-lo escravo”. “Quero provocar sobre mim mesmo a maior desconfiança”.

“Fugi de mim, cuidai-vos de Zaratustra. É da humanidade, de um mestre pôr em guarda os próprios discípulos”.

Nietzsche foi um libertário, e Brandes foi o primeiro a compreender.

É ele um exemplo do homem livre, desse homem livre que há séculos luta contra todos os obscurantistas que se obstinam em negar-lhe a única qualidade verdadeiramente humana que possui: a de ser livre, a de poder ser livre, a de poder e dever ser livre, fiel a si mesmo, e viver plenamente a si mesmo em toda a gama de sua diversidade, contradição, fraqueza e sonho.

“Nada há em mim de um fundador de religiões. Não quero crentes; creio que sou demasiado maligno para poder crer em mim mesmo. Não falo às massas.

Tenho um horrível medo que um dia me santifiquem... “este livro (são de “Ecce Homo” estas palavras) deve esconjurar o perigo que possa advir dos excessos sobre minha pessoa”.

Não queria crentes, mas aqueles que se dizem seus seguidores querem crentes. Não era um fundador de religião, mas os fundadores de novas religiões, os divinizadores da matéria, que a tornam infinitamente criadora, e os idealistas de um autoritarismo totalitário, querem fundar novas religiões.

Não falava às massas; e eles apenas se dirigem às massas. Nietzsche não adulava os pequenos, queria o surgimento de grandes homens, e fortes.

Nos seus últimos dias, teve outra vez fé nos homens e suas palavras são de confiança e de amor. Libertar o homem da massa será a nossa maior tarefa.

Não são tais atitudes as de um verdadeiro libertador?

Os defensores da força e da brutalidade buscam uma filosofia para justificá-las. Buscaram a Nietzsche, que se prestava às interpretações favoráveis ao sentido crepuscular o nazismo.

Entretanto, deve salientar-se:

Nietzsche declara que desejaria ter escrito seu livro máximo: “Vontade de Potência”, em francês. Ele mesmo usa de expressões francesas tanto quanto pode. E, além disso, ajuntava: “para que não parecesse esse livro uma confirmação de qualquer das aspirações do Reich alemão”.

“Custa caro chegar ao poder; o poder embrutece...” Isso é nietzscheano. Não se iludia com o novo deus adorado pelo homem bovino: o Estado.

“Cultura e Estado – não é possível enganar-se a si mesmo – são antagonistas”. Estado cultural “é somente uma idéia moderna. Um vive do outro; um prospera às expensas do outro. Todas as grandes épocas de cultura são épocas de decadência política: o que é grande no sentido da cultura foi impolítico, até anti-político...”

E já refutava previamente o socialismo autoritário, cujos malogros, neste século, vinham corresponder à sua crítica.

O socialismo de Estado não é um progresso humano, mas uma fórmula viciosa. O que havia de socialismo no nazismo? O Estado torna-se senhor, único, absoluto. É uma autocracia de grupo, de casta, como o é na Rússia dos senhores do feudalismo burocrático. Ele negava esse estado “nec-plus-ultra” dos socialistas, esse Estado absorvente, totalizador, criador de homens de rebanho, negador das exceções. Ninguém poderia elevar a voz de Zaratustra num Estado de opressão, de massas bovinas. A interpretação totalitária da obra nietzscheana é uma grande mentira e uma grande falsificação.

No “Tema da Guerra e do Estado”, no corpo desta obra, focalizaremos ainda outros aspectos, onde as provas se amontoarão para refutar toda essa mentira que se espalhou. É um dos aspectos mais dolorosos da cultura verificar-se como as mentiras conseguem impor-se e perdurar por tanto tempo. Valeria a penas colecionar todas as mentiras históricas

sobre o pensamento humano, repetidas nas escolas, nas universidades e nos livros, em consequência de muitos não se dedicarem preferentemente ao estudo dos textos do que às obras de exegese.

Ouçamos esta frase de Nietzsche:

“Em geral, a tendência do socialismo como a do nacionalismo é uma reação contra a formação do indivíduo. Eles têm suas dificuldades com o ego, com o ego semi-maduro, insensato; querem-no colocar de novo sob a campânula da ordem, da”, do *super-nós* do totalitarismo, diríamos.

Quem leu, compreendeu e sentiu a obra de Nietzsche sabe que toda a sua ação foi verdadeira dinamite contra os conceitos generalizadores, contra todas as concepções de totalização. Desafiou o formalismo exagerado, esgrimiou com violência contra o racionalismo, combateu as “totalidades fechadas”. A totalidade, para ele, é uma simplificação, uma sistematização da “práxis” humana. Nós universalizamos as idéias, damos-lhes um caráter total, sem que isso implique realidade, mas por ser simplesmente cômodo.

Humanidade, vontade, instinto, razão, amor, fraternidade são universalizações. Se os homens lutam sob a mesma bandeira e se desavêm, tal se dá pela diferenciação do conceito universalizante. Dois homens falam de amor e não se entendem, e assim podem discutir e se engalfinharem por defender a liberdade. Através da obra de Nietzsche, por centenas de vezes, essas afirmações estão claras, expressivas, categóricas. O totalitarismo é, para ele, uma fórmula primária e preconceitual. Toda e qualquer tentativa que tende a totalizar representa uma afronta à dignidade do homem. O nazismo nivelava os homens pela obediência, aceitava a teoria da guerra eterna no sentido de Klauss Wagner, e afirmava a dialética rosenberguiana da “luta dos contrastes”. Ora a dialética trágica de Nietzsche fundamenta-se na “transubstancição” e na transfiguração. A luta é eterna, porque o movimento é eterno, e aceitar o equilíbrio é cair na interpretação comumente mal compreendida do pensamento hegeliano. A síntese marxista inclui a afirmação e negação da tese e da antítese. Mas Nietzsche dá um passo mais à frente e aceita a transubstancição. A síntese não é simplesmente uma afirmação-negação dos contrários. É muito mais: é a inseparabilidade dos contrários, muito próxima às antinomias de Proudhon, da

contemporaneidade antinômica, que cooperam para alcançar o que este chamava de “justiça”.

Eis o que separa profundamente a concepção dialética nietzscheana da concepção hitlerista, que se fundamenta no choque dos contrários, choque eterno, sem solução, competidor e não cooperador. É como a conservação eterna das negociações, sem aceitar a superação dessa luta, pois quer eternizá-la.

...

Esses dois mil anos de calúnia contra a vida, deram-nos um homem postergado, preterido às coisas, além da valorização dos números e das abstrações que aumentam, sobretudo, no campo dos que se julgam os mais realistas, os mais objetivos, como se a objetivação não fosse já uma abstração. Esgrimia Nietzsche suas armas contra todas as falsificações, todas as mentiras. Sabia ele que era contemporâneo de um dos momentos mais tristes da história, porque poucas vezes o homem caíra tão baixo.

“... Vós, cavaleiros da Triste Figura, fabricantes e vendedores de teias de aranha espirituais, vós sabeis muito bem que não importa se tendes ou não razão; sabeis que nenhum filósofo, com o decorrer do tempo, tem razão; que há muito maior verdade nos pontos interrogativos que pondeis atrás de vossas palavras e frases favoritas (e se vem ao caso, também atrás de vós mesmos), que em todo o esplendor solene com que vos revestis entre os acusadores e os tribunais...”

Não está ainda muito da filosofia jungido aos preconceitos de um passado que não é todo o passado, mas apenas um dos seus aspectos preferentemente atualizados? Não preferimos conservar o que havia de falso, de frágil, de mentiroso na filosofia e rejeitar o que havia de criador, e construir toda uma “teia de aranha” metafísica na qual se aprisionaram até os seus próprios criadores? Um mundo de conceitos, de estandarizações pensamentais de um logicismo anti-vital, acósmico, permitiu a construção de toda uma ciência que se dava na vida, mas continuava lutando contra a vida.

Criamos um passaporte para toda a superficialidade e “sobre as bases sólidas e inamovíveis da ignorância, pode-se fundar até o dia de hoje a ciência; pode-se fundar a vontade de saber sobre a base de uma vontade muito mais poderosa, a vontade de não

saber, de incerteza, da mentira. E não como um oposto, mas como uma feição e um requintamento...”

E essa hipocrisia penetrou até o sangue. “De quando em quando nos inteiramos disso, e rimos-nos em nosso interior ao pensar que o melhor de nossas ciências trata de entreter-nos neste *mundo simplificado*. Inteiramente artificial, alterado e falseado conscientemente...”

Julgamos ser o menos hábil o processo de analisar Nietzsche sob os esquemas do pensamento racionalismo. Sabemos também que muitos desejariam que assim o fizéssemos. Mas prender Nietzsche dentro de esquemas seria negá-lo e não dar a vivência de seu produzir-se flamejante e contraditório. Seu pensamento livre e fragmentário, indisciplinado para os categóricos defensores de um esquematismo *a outrance*, levou-o à incompreensão dos seus contemporâneos. Foi por isso que só se tornou conhecido graças aos espíritos livres, em cujo pensamento pressentiram aquela pujança da liberdade e o compreenderam como um afim. Foi Brandes, o grande crítico do século XIX, o amigo de Ibsen e Strindberg que levou o nome de Nietzsche ao mundo. Era difícil compreender a liberdade que se respirava em suas páginas, quando o homem bovino unia suas forças para ameaçar a cultura e destruí-la.

Sincero demais, convicto de seu valor, e do que era, teve a petulância de dizer o que pensava de si mesmo. Proclamou-se gênio. Que crime extraordinário o de quem se proclama aberta e publicamente que é uma exceção. Todos os que se julgam gênios, e proclamam a si mesmos, sem a audácia de o fazer de viva voz, revoltaram-se contra Nietzsche, num gesto que o psicanalista logo classificaria de auto-punição.

A loucura posterior, que o acometeu, vinha ajudar a argumentação de todos os energúmenos que o combateram. Ao ver um bruto martirizar um pobre animal de carga, num gesto de revolta, defende-o e escorraça o agressor a chicotadas. Depois, em lágrimas, abraça-se ao pobre animal, exclamando, “meu irmão, meu pobre irmão!”. Esse gesto franciscano provocou risos, gargalhadas de homens “equilibrados e sãos”.

E depois sereno, com um rosto onde se expressava a bondade, ele viveu o resto de sua vida entregue à música e ao silêncio. Nesse período, tudo quanto escreveu mostrava incoerência, desordem racional. Perdera a razão... Por acaso não foi o que tanto desejava? Não era sempre o seu desejo libertar-se da rigidez dos esquemas abstratos? Lembra-nos um homem religioso que acusava a Nietzsche da sua loucura e esquecia a loucura de tantos santos e de

tanto crentes. É que o ataque endereçado ao Cristianismo não fora compreendido pelos que se dizem cristãos.

...

Como a obra de Nietzsche é alcionica e sempre escrita num tom de voz mais alto, é natural que os homens da planície, amantes da monotonia ruidosa dos “sapos”, repilam as suas exclamações.¹

“Não existem livros mais soberbos e ao mesmo tempo tão requintados quanto aos meus: alcançam eles, aqui e acolá, ao ponto mais alto a que se possa chegar: ao cinismo; - é necessário, por isso, conquistá-los com dedos delicadíssimos e ao tempo com pulsos valerosos...” São frases como essas que fundamentam a acusação da megalomania nietzscheana.

“... Possuo, em suma, a mais completa arte do estilo que jamais homem algum possuiu.”

“... A arte do *grande* ritmo, do *grande* estilo na confecção dos períodos, para exprimir num enorme “crescendo” e “diminuendo” de paixão sublime, sobre-humana, foi descoberta unicamente por mim; como um ditirambo, como é o último do terceiro livro de Zaratustra, aquele que se intitula “Os sete selos”, eu ascendi mil milhas acima do que até então se chamava poesia”.

Atingindo seu desejo dionisíaco de alienação do racional, fugindo a todas as regras que até então a modéstia estabelecera para as relações entre os homens, ele realizou-se plenamente nesse livro. Foi o livro de um homem que já conhecera o caminho que levaria ao super-homem. Falou de si com a ingenuidade e com o cinismo que ele sempre considerara como imprescindíveis a toda obra superior. Esse livro, mais que qualquer outro, representa a mais sincera, leal e nobre confissão de que alguém fez de si mesmo.

¹ Poderíamos admitir um Napoleão sem pontos de exclamação? Um Alcebíades, um César, um Alexandre?

Poderíamos expressar, assim, esta frase:

“Do alto destas pirâmides quarenta séculos vos contemplam.”

Não sentem todos que falta alguma coisa? E assim:

“Do alto destas pirâmides quarenta séculos vos contemplam!”

Não sentimos o tom de voz? O ponto de exclamação é uma das curvas altas da literatura, da arte, da poesia, da oratória.

Os que se erguem contra o ponto de exclamação e contra a eloquência, quem são eles? Os acentos de surpresa, de pasmo, de admiração, de êxtase, de revolta, de raiva, de ódio, de entusiasmo necessitam pontos de exclamação.

Nietzsche sempre foi um solitário. Vivia ausente dos outros homens. A sua humanidade não consistia em simpatizar com os homens, mas em *suportar* a sua proximidade... “A minha humanidade é uma contínua vitória sobre mim mesmo”. Acusam-no por isso. Sua ausência, esse desejo de solidão, o homem de rebanho não perdoa, porque não compreende. O homem do rebanho *precisa* do rebanho.

A megalomania é comum a homens superiores. Schopenhauer também se julgava um gênio, quando ainda se lhe fazia o cerco do silêncio. Goethe, Kant, Napoleão, Epicuro, Alexandre, Aristarco de Samos... a história está cheia desses homens que jamais usaram da falsa modéstia.

A megalomania nietzscheana tem servido de repasto aos paleólogos desherdados. É fácil buscar-se na sua obra, sobretudo em “Ecce Homo”, sintomas de loucura.

A obra de um autor vive por si mesma e independe (quanto à apreciação) das circunstâncias que geraram. A loucura é sempre um estigma para os medíocres, e o gênio está sempre nessa faixa que precede à loucura. Pelo menos conhece essa fronteira, e viceja sempre nesse estreito lugar, mas o gênio liberta-se pela criação. A megalomania de Nietzsche seria intolerável se ele não merecesse nenhum daqueles títulos. Um superficial que se julgasse gênio mereceria sorrisos, mas um gênio, que tem consciência de sua genialidade, merece respeito.

...

A finalidade de sua obra é a luta contra toda espécie de fariseísmo, de saduceísmo e de filisteísmo. Luta pela vitória da natureza contra todas as forças que se impuseram para desmerecê-la. Luta pela valorização dos nossos instinto caluniados por certos predicadores da moral; luta contra a hipocrisia. Analisando a moral, mostra toda a sua etiologia, e põe de manifesto a auto-sugestão exercida pelas nossas próprias paixões na consciência, e o perturbador influxo exercido no espírito pelo vírus fatal da má consciência, esse envenenamento milenário, esse pessimismo moral, que corrompeu as fontes da vida. Filólogo, estudou a influência das palavras na metafísica. O homem acreditou que dando um nome às coisas havia determinado a sua essência, e pensando haver realizado uma ciência mais elevada dos seres, nada mais fez que um sistema convencional de termos. E assim acabou por definir a metafísica como “a ciência dos erros humanos, elevados à

categoria de verdades fundamentais”. E tinha razão quanto à forma viciosa que a metafísica acabara assumindo na filosofia moderna.

Nietzsche estabeleceu um critério, uma orientação na filosofia, procurando libertá-la do antropomorfismo, que fala mais aos apetites e interesses que à verdadeira e desinteressada sede de verdade, de que tanto o homem afirma possuir.

O alcance dessa deshumanização é “dissipar as sombras que o homem projetou ao redor de si por efeito de suas paixões, de seus sentimentos, de sua sensibilidade”.

Por essas paixões, por esses sentimentos e por essa sensibilidade, o homem carregou-se de cadeias. Formou algemas, criou limites para sua visão, estreitou horizontes, aprisionando-se na planície de um falso objetivismo.

Nietzsche combate ferozmente esse homem objetivo, que ele situa incarnado historicamente em Sócrates, esse homem objetivo que procura, que luta “para tornar o mundo auxiliado pelos teólogos, pelos moralistas e pelos metafísicos, numa imensa escola, num laboratório ou num cárcere”.

E nesse momento de limitação para a ciência, quando assistimos que para ela se estabelece uma nova fronteira, uma fronteira mais séria que todas as que já se estabeleceram, a opinião de Nietzsche avulta de valor, quando nega a essa ciência a possibilidade de explicar o sentido da vida. Não aceita na objetividade, e sim na união das duas metades do homem: a objetiva e a subjetiva.

Essa última vive oculta, silenciada pelas imposições morais do ambiente, pelas cadeias que os homens construíram para ela. Sem a união dessas duas metades não teremos o homem integral, a totalidade do indivíduo. Toda a história humana, para ele, não tem sido mais que a luta dessa outra metade pela sua libertação, para se impor, conquistando os campos que os deuses interditaram.

“O homem tem disputado palmo a palmo aos deuses a posse do mundo e quer agora ser dono do seu destino”.

“A ciência nunca passará de nos proporcionar uma cultura dos meios e não dos fins. E com isso fica afastado o erro dos que acreditam que a filosofia nasceu da ciência e terá, afinal, de converter-se e reduzir-se à ciência”.

“... as culturas se explicam, em grande parte, pelo sentimento que ilumina ou obscurece sua vida, e se transformam pelas grandes metamorfoses desse mesmo sentimento”.

Não é isso Spengler?

Para ele o conceito de cultura compreende fatos espirituais, subjetivos, dos quais a ciência é uma pequena parte, uma disciplina intelectual, para fins práticos, a qual não absorve de maneira alguma a atividade intelectual e subjetiva do homem.

“A cultura é a plenitude da vida espiritual coletiva. A autoridade não basta para lograr esta unidade; impõe-se um pensamento latente, a ação radiante de uma vida interior, à qual ajustamos nossos passos, pela qual estão condicionadas as nossas instituições”.

E quanto à arte, é pela exaltação, pela arte como potencialização do homem, quando diz que ela não pode pretender encerrar em seus quadros o conteúdo total de uma cultura.

Apesar do “seu caráter sintético”, a arte se alimenta de estados contemplativos, desinteressados, estados esses que depuram, que selecionam, e que raramente debilitam a vida. Em regra geral ela é uma potencialização da vida, é uma interpretação, um tom de voz mais alto nesses estados contemplativos, quer objetiva, quer subjetivamente.

A unidade do mundo objetivo e subjetivo não existe na natureza, onde ele não aceita a causação unívoca do ponto de vista científico, mas no sentido do proto-fenômeno de Goethe, e de Spengler. Além disso, a unificação da vida é um ato pessoal, subjetivo. É o homem que unifica o disperso, é o homem que faz a ciência, a arte, a filosofia. Por isso, na natureza, há estética, mas só no homem há arte, porque esta é criação do homem, que vê com olhos mais profundos as coisas do mundo ou as ouve com um ouvido mais apurado. Só essa interpretação é capaz de elevar o homem além da própria humanidade. Só essa maneira de perceber as coisas do mundo, com olhos mais vivos e ouvidos mais subtis, onde exista uma hipertensão, uma hiperestesia, é capaz de elevar o homem acima da sua pequenez. É a arte, não mais com a égide e o destino infeliz, que lhe querem marcar as escolas modernas de simples arte pela arte, sem outra finalidade, mas como um fim mais elevado, como força, como criadora de potencialidades, como progresso afetivo, como meio de exarcebação de impulsos naturais, como magia e como mística.

A ciência faz-nos pesados, como ele diz, faz-nos limitados, estreitos; é a morte subjetiva do homem, pelo limite, pelo contorno. Na nova cultura ecumênica, que vem de um longo filete na história, e que se atualiza aos poucos, teremos a formação de filosofias mais livres, mais criadoras, livres de proselitismo. A libertação do homem será conquistada pela superação, de si mesmo. A nova cultura revelará o homem impondo-se à natureza, como intérprete e

como reformador. É o homem dando cores onde elas existem parcas e esmaecidas, é o homem emprestando sons onde eles não se ouvem mais, criando e fugindo à objetividade unilateral, conquistando o mundo e construindo dentro de si uma nova imagem.

Difícil a caminhada dessa cultura; difícil e trágica. A visão concreta atualizando os contrários, para vivê-los e superá-los, é superior às forças de muitos, que entre os extremos não aspiram aos extremos para vencê-los, mas desejam o meio termo que lhes dê a passividade pastoril das longas e mansas planícies, levemente perturbada em sua tranqüilidade por alguma brisa suave e temerosa de vergar demais as hastes finas dos arbustos que mal emergem à flor da terra.

Amar este mundo, salvá-lo para salvar-se, este será o lema desse homem que há de vir: o novo Prometeu libertado.

...

“O Homem que Nasceu póstumo” surgiu de uma série de pedidos que recebermos para apresentarmos a obra nietzscheana, juntando os aspectos contraditórios dos seus temas, e ficando as “predominantes”, a fim de permitir uma melhor inteligência. Desde logo se vê que seria impossível abordar todos os temas. Por isso escolhemos alguns, precisamente aqueles que têm oferecido maior problemática e mais polêmicas. No futuro, se tivermos a apoiar-nos a boa vontade leitor, continuaremos nossa já iniciada em “O homem que foi um campo de batalha”, que publicamos como prólogo da tradução de “Vontade de Potência”, editada pela Livraria do Globo.

Quanto àquela tradução, fundamo-nos na obra publicada por Elisabeth Foerster Nietzsche. Esperamos, no futuro, poder dar uma tradução do texto aumentado pelo “Nietzsches-Archiv”, mas acrescentado de novas notas esclarecedoras.

Aproveitamos aqui o momento para agradecer à crítica brasileira e à estrangeira que recebeu com aplausos o nosso trabalho. Apenas desejaríamos fazer uma simples anotação a alguns críticos que julgaram demasiado o número de nossas notas. Entretanto, se estivessem eles a par das inúmeras cartas que recebemos, das inúmeras perguntas que nos foram dirigidas, saberiam que aquelas notas eram ainda parcas, porque muitos aspectos da obra não são de fácil compreensão. Numa edição completa desse livro, teremos oportunidade de acrescentar ainda mais notas que corresponderão às dúvidas surgidas, e que nos foram endereçadas.

Neste livro, “O Homem que Nasceu Póstumo”, usamos uma técnica diferente. Levando em parte o terreno da ficção, fizemos Nietzasche falar sobre sua filosofia. Aproveitamos as suas idéias, muitas das suas frases para tornar inteligíveis aqueles temas mais difíceis. Basta que se lei a interpretação que se fez de sua obra, e até por grandes nomes do pensamento universal, para que se compreenda que, ao procedermos como o fizemos, nos colocamos na maneira mais acessível para a boa compreensão da mesma. Nietzsche nunca usaria o nosso método. Sua obra é fragmentária, e ele gostava de permanecer no fragmentário e entre seus símbolos, Se procuramos tornar seus temas mais claros, mais acessíveis, não se entenda por uma “vulgarização” que ofenderia ao próprio Nietzsche, pois sempre respeitamos a sua dureza, a sua implacabilidade e fidelidade de seu pensamento. Apenas suavizamos essa dureza, tanto quanto nos foi possível, no intuito de permitir que seus temas pudessem ser apresentados coordenadamente, já conciliados através das suas contradições.

Dessa forma, respondemos com antecedência à acusação fácil que nos fariam os que não compreendem que Nietzsche, para ser lido, exige esse trabalho de exegese e de ordem, sob pena de sua obra oferecer mais perigos que vantagens.

Desde que se considere que o fragmentário de sua filosofia tinha mais profundas raízes em sua constituição psicológica, compreender-se-á facilmente porque o reduzimos a uma ordem, que não é propriamente a sua, mas que em nada nega o seu pensamento, nem atenta à fidelidade.

...

Atravessamos um momento crucial de nossa cultura, e estamos às portas de uma das maiores ameaças sobre a humanidade.

Colocamo-nos entre aqueles que se convenceram que o momento atual de nivelação, de *especulação na baixa* exige homens da montanha, que lutem por uma elevação humana, por maior dignidade.

E é dirigindo os olhos para a obra do grande solitário do século dezenove, e o anunciador alciónico de uma das maiores possibilidades humanas para o século em que vivemos, que julgamos encontrar os sinais de uma nova aurora que há de luzir, uma aurora cheia de promessas, mas uma aurora também terrível, porque ela anuncia uma imprescriptibilidade: ou segui-la ou perder-se na planície; ou ultrapassar o homem, ou abismar-se no insetismo que nos ameaça; ou caminhar pelo caminho das exceções super-humanas ou achatarmo-nos

na regra de uma sub-humanidade que preferiu recuar, por não ter o brio necessário de forjar, com a sua vontade, o seu próprio destino.

Mário Ferreira dos Santos

O TEMA DA REBELIÃO DOS ESCRAVOS E OUTROS TEMAS

Na noite quente, eu apenas ouvia um leve rumor ao virar as folhas do livro.

A luz da lâmpada sobre a mesa dava contornos irreais aos livros eretos na estante. O sono pesava-me nas pálpebras. Mas a leitura, não a abandonaria só porque meus olhos fechavam cada vez mais demoradamente. O ritmo de minha respiração amaciava-se a pouco e pouco. Não me lembro quanto li. Lembro-me, - e lembrar-me-ei sempre – do instante em que me senti pronunciando baixinhos estas palavras: “Estamos numa época medíocre da vida do homem. Estamos na época do homem bovino. Através de séculos, o homem se algemou à sua concepção do mundo, criou um certo número de palavras e de idéias que melhor correspondiam à fraqueza dos seus instintos e apetites, e algemou-se na estreiteza dos seus conceitos. O homem bovino domina hoje. Os fracos...”

-Isso mesmo!... Isso mesmo!...

Virei-me estarecido para a voz grave que vinha do canto da sala. Estava ante um vulto de altura média, cabelos castanhos, claros, soltos. Um bigode farto caía sobre os lábios. O olhar era fixo, brilhante. A roupa era escura e me deu a impressão de recuo, no tempo.

Recebi-o com espanto e sem voz. Ele olhou para mim, e num tom duro acrescentou:

-Você tem razão. Anima-me saber que estamos numa época em que ainda há homens que pensam. Ainda há os que se defendem, que se afastam do homem bovino, das multidões medíocres.

Essa maldita filosofia dos fracos dominou o mundo, e aí está o início das conseqüências desastrosas: medíocres a dominar medíocres.

Ninguém sabe o que ainda virá. Durante minha vida ninguém me quis ouvir.

E você ainda não havia nascido e eu já elevava a minha voz contra a crescente onda de domínio do homem bovino, que começou com aquela desastrada Revolução Francesa. Convenceram o homem do povo que ele iria dominar.

Os interessados pelo poder, naquela luta, se entrededoraram e o povo ficou no mesmo. Ganhou hipotéticos direitos. São sempre esses os frutos dessas revoluções, partos da montanha, em que os sacrifícios são maiores que o resultado. Ganham ainda mais: ganham esperanças. E passam depois anos, alimentando-se de esperanças, e, pior, convictos que elas alimentam... – E abanava a cabeça. Eu estava espantado e reagia silenciando. Ele pediu licença e sentou-se à minha frente. Seus traços me eram familiares. Ele prosseguiu: - O homem bovino tem uma psicologia toda peculiar. Antes de tudo ele é um grande ressentido. Você conhece os meus trabalhos sobre o ressentimento, sem dúvida... – minha resposta foi uma interrogação muda.

O homem pálido sorriu fechando de leve as pálpebras:

-O homem não conhecia bem a violência do ressentimento. Este se desenvolveu quando lhe disseram que ele era um postergado e acreditou na injustiça dessa postergação. Há um ressentimento que vem das noites seculares e é fruto das insatisfações. Se um dia encontrarme outra vez com você, terei oportunidade de falar sobre este tema. Não desejo a destruição do homem bovino, ele é útil até certo ponto, e deve existir, pela simples razão de que é biologicamente necessário que exista. O que sempre me perturbou e me levou a empregar o melhor de minha vida na campanha contra ele, é o fato de que se impôs pelo número, e determinou, como norma, sua maneira de ser, sua psicologia e sua interpretação da vida e do universo. Esse homem bovino dá um valor exagerado ao conceito que ele faz de “sociedade”, dá-lhe uma subsistência. Para ele a sociedade é um ser consciente, vivo, que se agita, desenvolve, cresce.

O homem é simplesmente uma parte integrante, um átomo. Até juridicamente há esse conceito ôntico de sociedade. Esse conceito anula o indivíduo. Temos isso perfeitamente vivo nos regimes avassalantes, em que o Estado substitui as classes e os indivíduos. Há necessidade de se compreender os conceitos “sociedade” e “humanidade”, em seu sentido prático. São palavras que usamos, conceitos nascidos da lei do menor esforço, que aliás é a lei que orienta a maioria dos atos humanos.

Criaram uma concepção da sociedade e da humanidade e, agora, não podem fugir dela, não podem conceber doutra maneira, sob pena de ofender a santidade da idéia. Esse conceito de sociedade é fruto da fraqueza e os fracos o inventaram para criar uma força. Nem por isso

me rebelo contra eles por imporem esse conceito. Fazem bem. Aliás fazem o que unicamente poderiam fazer. Nunca combati o débil, porque débil, combati a debilidade. O ressentimento nascido da debilidade para ninguém é tão danoso como para o homem débil. Em outros casos – se se trata de uma natureza forte e rica – é um sentimento supérfluo, um sentimento que demonstra quase força e riqueza em que sabe dominá-lo. Sabe-se com quanta seriedade a minha filosofia imprimiu a luta contra o rancor e o desejo de vingança, perseguindo-os até na doutrina do “livre arbítrio”... Os comentadores de má fé da minha filosofia descrevem diferentemente – e nisso não escondem sua absoluta falta de honestidade intelectual – que a minha doutrina da “transmutação dos valores” fosse a simples compreensão dos valores por contradição. Por exemplo: a bondade se transmutaria em maldade, em crueldade.

Ora, tal, além de ser uma taxativa manifestação de má-fé, o é também de ignorância, ou ambas ao mesmo tempo. Nunca separei a bondade da maldade, o amor do ócio, a beleza da fealdade, o belo do horrível. Não no sentido de que não se pode compreender o mal sem o bem, o justo sem o injusto, o positivo sem o negativo, a verdade sem a mentira. Eu fui além: não concebia a verdade sem a mentira. A verdade era a verdade-mentira. A mentira, a mentira-verdade. Incluí essas categorias de limitação de nossas perspectivas como inseparáveis. A transmutação de todos os valores consistia, precisamente, numa nova perspectiva do mundo que incluísse as contradições.

Neguei, assim, o absoluto, o absoluto com que o homem cimentou sua lógica, seu racionalismo afastado da realidade, dessa realidade que é, também, ilusão. Nunca desejei ser um “metafísico”, e tudo fiz para libertar-me desses absolutos. Nem os comentadores mais honestos, e que melhor perceberam a minha obra, chegaram a entender este sentido da minha filosofia.

Por que os fracos são hoje vitoriosos? Vejam como eu vi este problema e que conclusões verdadeiramente dialéticas tirei para benefício dos homens. Em minha análise juntei os fracos e os doentes. Eles são mais compassivos e mais “humanos”, sentimentais, apiedam-se com facilidade, com atitudes compassivas, do sofrimento dos outros. Há uma certa satisfação bem humana em ver alguém sofrer as mesmas dores. La Rochefoucauld já escandalizou o mundo quando “cinicamente” disse isso. Busca o homem, é natural, pôr sinceridade em suas paixões, busca ser sincero, o que não impede que sinta uma íntima

satisfação pela dor do semelhante. É o que fundamenta o impulso sádico-masoquista, que é constante em todos os seres humanos, em graus variados, de que a psicologia hodierna já tomou conta depois de ter-lhe eu tanto aconselhado.

Os fracos e os doentes são mais mutáveis, múltiplos, mais tumultários, e os chamei, ainda, de “divertissants”, mas malignos. E afirmei ainda que foram os doentes os que inventaram a malignidade (*méchanceté* como escrevi em francês, na “Vontade de Potência”). Os fracos e os doentes têm a seu favor a “fascinação”, são mais “interessantes”; nada mais interessante que o louco e o santo, parentes do “gênio”. Os grandes “aventureiros e criminosos”, e até todos os homens, são, também, doentes em certas épocas de sua vida. Todos nós somos *decadentes* durante a metade de nossa existência. A mulher faz uma religião de sua fraqueza, glorifica-a, eleva a humildade, que é uma virtude feminina. A mulher sempre conspirou com os tipos de *decadência*, com os sacerdotes contra os “poderosos”, os fortes, os homens. Imprime, depois, à criança esse sentido de culto da piedade, da compaixão, do amor.

A mãe representa o altruísmo duma maneira *convaincante*...

Defini o artista como uma espécie intermediária, separada da criminalidade em ação, pela fraqueza de vontade e o receio social, o qual não é ainda madura para uma casa de alienados, mas estende com curiosidade suas antenas nas duas esferas.

Ele fez uma pausa. Seu olhar duro perdia-se como se buscasse muito longe o que desejava. Prosseguiu depois:

-Fui mal compreendido. Não pense que desejo justificar-me. Um homem como eu dispensa justificações. Mas esse tema dos fracos é hoje mais atual do que nunca. Quero retornar às minhas palavras anteriores. Para o homem de rebanho, a “sociedade” assume a mais alta avaliação. A esse ideal, a esse tipo de homem, deu um valor cósmico, até metafísico.

A “sociedade” passa a ser um “destino” do homem que tende para ela, como uma finalidade que não pode nem deve tentar desviar. Ir contra o rebanho provoca toda uma série de neuroses, de estados delirantes, que transformam o homem num renegado.

Contra esse sentido “religioso” da “sociedade” que o homem de rebanho aceita, vive e alimenta, eu contrapus o “aristocratismo”. O aristocratismo não significa a destruição da sociedade. É que a sociedade, para mim, não é nem deve artificialmente ser apenas o rebanho. Pra seu próprio equilíbrio, para que esse mesmo rebanho possa atravessar o tempo

e realizar-se, não como um imperativo categórico moral ou social, e sim como uma necessidade intrínseca dos elementos componentes, é mister que haja certos indivíduos excepcionais, cujo alimento é a solidão, para evitar, em suma, que o rebanho se desagregue numa massa amorfa ou se torne presa da exploração tantas vezes perigosa dos pastores. As exceções devem permanecer dentro do rebanho, em luta, em oposição, em choque, para o equilíbrio total, equilíbrio vital, como chamo, que é equilíbrio que procede da luta, que é síntese e não o equilíbrio-podre das forças estáticas, acomodadas, entrosadas na passividade de todas as aspirações pastores. Compreendi que para atingir a “sociedade” o equilíbrio-vital, o equilíbrio das forças em movimento, era necessário, ao lado do ideal do homem de rebanho, o aristocratismo das exceções, não só para servirem de ideal aos que permanecem em baixo, como para permitir que o rebanho societário-animal atingisse um grau mais elevado. Exterminando os contrastes entre os homens, estimulantes e impulsionadores, suprime-se o amor forte, o sentimento elevado, a noção do próprio valor.

Há necessidade do desejo de responsabilidade, o que o homem de rebanho não quer. Este busca, diminuindo a sua liberdade, ou limitando-a na dos outros, reduzir a responsabilidade e obter a segurança. Esse aspecto é profundamente psicológico e muitas neuroses nascem desse sentimento de inferioridade e insegurança que gera a inquietação, a angústia, os desvios, recursos para fugir à luta contra o meio agressivo. Esses tipos humanos existem, e são a maioria. Mas na própria “sociedade” há os que desejam aumentar para si a insegurança e a responsabilidade. Oprimi-los, por serem minoria, é uma solução de ordem política, anti-social e anti-psicológica. Esses homens são necessários à própria sociedade, porque são eles os heróicos, os que buscam além de si mesmo, os que arrastam os homens à melhor conquista de si mesmos e do mundo, adaptando-s melhor e oferecendo, através dos seus esforços, dos seus trabalhos, dos seus sacrifícios, o bem-estar das multidões de rebanho.

Enfim, é preciso que se diga mais uma vez: todo o progresso da espécie exige a exceção. Fui além em minha análise: o princípio da liberdade e da igualdade diminui, e, conseqüentemente, a vontade de ser *responsável*, o que é um indício de que a autonomia diminui; o caráter de luta, de polémica, reduz-se; reduz-se a força de mandar, e a faculdade de se calar, a *grande paixão*, a grande missão, a tragédia, a serenidade. O homem de

rebanho estiola-se, quebra-se ante a disciplina, que fortifica as naturezas fortes, vigorosas e que se arrasta aos grandes empreendimentos.

São assim a dúvida, a grandeza do coração, a experiência, a independência. Essas disciplinas destroem os fracos e são necessários os fortes para empreenderem esses esforços.

Uma forma desprezível e absurda do idealismo é querer que a mediocridade não seja medíocre e que, ao invés de ver um triunfo no fato de ser excepcional, indigna-se da covardia, da falsidade, da pequenez e do aspecto miserável.

Tornar os fracos, como totalidade, fortes, é uma utopia e uma indignidade. A força mata muitas vezes a fraqueza. É necessário que os homens, quando buscam nivelar por baixo, para a conquista do equilíbrio, ou buscam nivelar por cima, para obter esse mesmo equilíbrio admitam uma nivelção do ponto de partida. Já expus várias vezes esse aspecto. Para mim se justifica a necessidade da existência desses tipos acovardados, fracos, irresolutos, para forçar a aparição e o desenvolvimento de seus antípodas. Compreender e manter as distâncias era o que eu pregava, e não criar contrastes, e isso responde às interpretações tendenciosas de minha obra. Toda e qualquer aproximação seria uma indignidade. Separar, aumentar a distância cada vez maior dos fortes, dos vigorosos e dos robustos para com os fracos, e não estabelecer um contraste. Diminuir as formações intermediárias, diminuindo as suas influências, única maneira de conservar as distâncias, o que não impedirá que os que estiverem em baixo atinjam as alturas. Essa mesma distância seria o estímulo.

O intermediário obscurece o caminho e não permite que se desenvolva um desejo mais forte de ultrapassar a si mesmo.

Os intermediários dificultam a marcha e apequenam os grandes. É que estes, muitas vezes, têm os gestos dos grandes, as suas atitudes, e iludem os mais fracos.

É preciso que o fraco reconheça a necessidade de um grande esforço, de uma grande vitória sobre si mesmo. Fui além ainda na minha análise. Penetrei no terreno social e histórico, propus que se conservassem as pequenas produções, em oposição ao desperdício, sem economia das grandes produções; propus subjugar provisoriamente a natureza destruidora, para fazer dela o instrumento dessa economia do futuro.

Em ECCE HOMO eu disse: “ a última coisa que eu proporia seria melhorar os homens...”

Muitos concluíram que eu desejaria perpetuar, na sociedade, o homem com seus defeitos, negando, assim, a evolução, que eu mesmo preguei.

O meu conceito é, no entanto, outro: o sentido de melhorar é o sentido do homem bom.

“Melhorar” os homens, para mim, é torná-los mansos (civilização é uma espécie de amansamento, de doma). No entanto o conceito de melhorar não encerra essa limitação, tão simples, nem para mim. Queria eu, com essas palavras, afirmar que não iria propor fórmulas que assegurassem a transformação do homem, como totalidade.

As soluções humanas não devem ser totais. Hoje, negavelmente, partimos para uma concepção total de sociedade humana. Já houve tempos em que as pequenas coletividades conheciam sua autonomia. Houve pequenos estados soberanos.

A consciência universal é totalizante, e eu que queria a integração do homem no cosmos, a concepção do homem como objetividade e subjetividade, como sangue e espírito, como terra e como céu. A trindade ctônica, Mãe-Terra-Morte, unia-se à trindade Pai-Sol-Vida, digamos. Eu combati as polarizações. O homem é total quando cósmico, quando subjetivo e objetivo. Meu conceito de igualização é a negação da igualdade fundamental. Buscar leis gerais é oprimir a desigualdade e permitir que ela continue. A desigualdade como fundamento é criadora. Não como polarização, não como algema. Que haja elementos desiguais na sociedade, concordo. A cada um deve ser dado de acordo com suas necessidades mais naturais, próprias. Leis gerais criam insatisfações. A totalização das soluções humanas por regras gerais geraria insatisfações.

O conteúdo universal é aceitável, mas a forma deve ser singular. Atingimos o universal pelo singular. Partimos deste, afirmando este, para sermos universais. Assim quando falei de melhorar os homens não seria no sentido de universalizar uma forma de melhoria.

Quando preguei um mundo de fortes, uma espécie humana mais forte, sabia que essa força representaria graus que diferenciariam.

Tal não justificava o abuso dos mais fortes sobre os mais fracos, mas a necessidade de fazer desaparecer esses mais fracos, para impedir o abuso.

Uma das características de nossa época é precisamente pensarmos, desejarmos e lutarmos por um melhoramento da humanidade. Julgamos possível conquistar um plano superior como totalidade, para todos. Ora isso é um preconceito ainda do século dezoito que herdamos e aceitamos como um postulado quase indiscutível. Precisamente resolvi discutir

esse tema. Atingir a uma espécie mais forte de homens, apesar dos mais fracos, não seria uma afronta a estes. Existindo diferenciações, existiriam emulações. É preciso que se ofereçam essas diferenciações para que haja o desejo de atingi-las.

O homem de rebanho é compreensível e o aceito quando o rebanho não constrói uma ditadura e imprime o seu estilo a todos. O homem-massa, no sentido bovino, de aceitação do todo em detrimento do indivíduo, eu sempre combati. Criar as exceções, permitir que elas vivam, aceitar seus direitos é criar, entre os homens, o degrau superior que os outros, os que estejam em baixo possam almejar. Se partimos para uma superação do homem não pensemos que essa superação será atingível por todos. Se não há possibilidade de se atingir um nível superior universal, façamo-lo particular. Criaremos, daí, a possibilidade de que outros o possam atingir, auxiliando os que estejam em baixo para que se ergam. O ponto de partida deve ser nivelado. Que todos conquistem sua segurança, sua possibilidade de viver normalmente, sem mais sofrer as angústias modernas, é uma nivelação de partida. Mas estabelecer daí um ponto de chegada, não aceitei. Não poder alguém seguir adiante, enquanto *todos* não tenham chegado à meta, não é esse o verdadeiro sentido da evolução, porque é antinatural. Seria oprimir o que atingiu a meta a sofrer a angústia da espera dos que se retardaram.

Criar uma espécie humana mais forte é um sentido. Que haja os mais fracos, como os haverá fisiologicamente talvez sempre, não é determinar que os fortes se enfraqueçam. Assim seria nivelar pela fraqueza o homem para sermos justos. Ora, isso é uma concepção medíocre de justiça.

Nivelar é, por isso, um absurdo. Criar, no entanto, possibilidades iguais é justiça. Aceitei a possibilidade de se criar condições humanas capazes de permitir a formação de uma espécie humana mais forte. Hoje a ciência o afirma também. Devemos parar, simplesmente, porque alguns levarão mais tempo que outros? Não! Criemos essa espécie mais forte. E levemos os fracos até ela. Devemos criar condições sociais que impeçam os abusos dos que possam aproveitar-se de sua força para exercer sobre os que estão em baixo sua ditadura. A minha psicologia chocava-se obstinadamente com o espírito do século dezenove e do século dezoito.

Há obstinações na minha obra que são compreensíveis como reação ao sentido de nivelação por baixo que pregavam alguns socialistas. Eu me rebeleí contra esse sentido de nivelção.

Contrapus os direitos dos fortes. Eu dizia: Quer-se “instrumentos” (homens educados pelo sistema educacional então vigente) que possam servir à sociedade. Admitindo que *a riqueza da força seja maior*, poder-se-ia imaginar uma dedução dessa riqueza, cujo fim não visaria a utilidade da sociedade, mas uma utilidade para o futuro. O amolecimento do homem de minha época me levou a crer na possibilidade de uma espécie mais forte, uma espécie que aceitasse a vontade, a responsabilidade, a faculdade de fixar um destino para si própria.

É necessário, para a compreensão de minha filosofia, que se observe o aspecto do século dezenove em que vivi. O “amolecimento” dos homens crescia a passos agigantados. O romantismo começava a dar as suas grandes colheitas na Europa; o pessimismo schopenhauriano encontrara na derrota da França um renascimento, que se alastrava pelos países que eram dominados pela literatura francesa. Havia um certo cansaço na Europa. Nessa época a revolução social nascia, prosperava, mas ajustada aos preconceitos basilares de oitocentos.

A linguagem dos revolucionários era toda feita dos mesmos lugares comuns rousseauianos. Vi nisso tudo decadência, lamúria, jeremiada intolerável. E estava certo. O fim de século processava-se em toda a intensidade de suas dúvidas. A ciência substituiu as tendências de caráter religioso. Um positivismo primitivo e a dúvida eram a vacilação entre a religião e a ciência. Não expressavam tão bem esse aspecto trágico do fim de século a poesia, os “assassinos de Deus”, os “poetas malditos”, a expressão cruel baudelaireana que dominava nas arremetidas dos artistas, niilistas decadentes, que se chamavam a si mesmos decadentes, que se orgulhavam de emprestar a si mesmos qualidades inferiores que não tinham atribuindo-se infâmias não praticadas, nódoas de alma, como o tripudiar masoquistamente sobre a sua derrota subjetiva, uma autopunição de onde fruíam com intensidade prazeres insuspeitados?

Esse aspecto do fim de século me amargurava. Clamei pela necessidade dos fortes. Preguei pelos fortes. Desejei uma nova aristocratização de homens que soubessem sofrer sem conformismo além do próprio sofrimento, homens que não desejassem sua destruição subjetiva, seu esmagamento dentro das massas rebeladas, mas que ambicionassem erguer-se de todas as trevas da idade média, porque, então, ainda estávamos nela apesar dos historiadores. O sentido da idade média ainda perdurava. Baeumler tem razão quando diz

que ela terminou comigo, perdoe a minha chamada megalomania. Nisso eu estava certo. A luta entre a luz e as trevas do fim do século passado foi bem o fim de um era humana. O homem partia para a sua superação – meu ideal como vontade de potência – mas o homem estava sendo superado já. Eu não via essa superação. Por isso doía-me, redoía-me na angústia de ser espectador de uma decadência. Volvi os olhos desesperados para uma idade de ouro esquecida, desprezada. Ia para antes de Sócrates, para longe, na análise da filosofia grega das escolas jônicas e dos eleatas.

Busquei a luz meridiana do dionisíaco e do apolíneo para iluminar toda a tristeza da Europa. Obstinei-me. Meus olhos ensombreavam-se, por isso clamei delicadamente por sol. Propus substituir a tristeza, que amolecia num desejo búdico de niilismo, por aquele excedente de vinho da vida que permitisse a satisfação dionisíaca da embriaguez. A minha crítica deve, por isso, ser colocada dentro da história. Busquei iluminar as trevas, vará-las com firmeza, com robustez. Meu hino ao homem forte era o grito de mais, de muito mais, contra o amolecimento, contra o nirvana que envenenava o organismo da Europa. E diagnostiquei: a Alemanha venceu a França, como Esparta venceu Atenas, mas a cultura francesa continua em pé. A luz mediterrânea não poderia ser obscurecida pelas névoas que vinham do norte.

Gritei desesperadamente, e propus a minha terapêutica heróica -. É preciso crer no super-homem. O homem deve ultrapassar a si mesmo. O homem deve vencer sua derrota, erguer-se de sua derrota. Aquilo era uma luz pra a Europa desesperada. O pangermanismo ameaçava destruir a cultura. Por onde passa a Alemanha é destruída a cultura... Esse foi o meu brado.

Ele baixou o rosto para erguê-lo em seguida. Seus olhos tinham um brilho metálico, e sua voz era agora pausada, tranqüila. E prosseguiu:

-E ante a tendência do “nivelamento” senti que não havia forças para impedi-lo. Era um movimento que se enraizava fortemente.

Por isso propus que se não lutasse contra ele. Dizia então: “O *nivellement* do homem europeu é o grande *processus* que não se poderá entrar: devemos ainda acelerá-lo. Por isso se impõe a necessidade *d'ouvrir un gouffre*, de aprofundar as *distances*, de estabelecer uma *hiérarchie*: e não a necessidade de atrasar esse processo de nivelamento”.

O nivelamento do homem, sabia-o, apressaria a abertura de abismos entre os homens. Essa espécie *nivellé* buscaria uma *justification* (sempre gostei de usar palavras francesas), justificação que seria uma espécie superior. Os ideais, então, em voga no século dezenove, pregavam uma nivelação absoluta. Havia a crença de que era possível tornarem-se os homens iguais, absolutamente iguais. Uma educação estandarizada, alimentos estandarizados tornariam os homens absolutamente iguais.

Lutei contra esse perigo. Hoje sabemos que esse “ideal” malogrou ante os fatos. Ele “temia” ainda o perigo que ameaçava as exceções. Rebelei-me por isso na busca de uma nova hierarquização. O homem bovino não poderia ter uma concepção não bovina como, por exemplo, heróica dos seus semelhantes.

Necessita do apoio, do rebanho, para seu fortalecimento, para seu aumento de poder. Sua concepção é uma concepção necessária. E ele tem razão. Discordo dele, mas ele tem razão. Dentro de suas circunstâncias, de sua constituição humana, dentro de sua psicologia e de sua alma, ele tem razão ao conceber a sociedade como um todo prepotente e forte e como um fim, embora eu a veja como um meio, simplesmente como um meio, como uma ponte, como um caminho, para o maior que há de vir. Não separo o homem do cosmos nem das imprescritíveis leis biológicas e elas não têm esse sentido social que o homem bovino acredita. Por isso este é um torturado contra a sua natureza e os seus impulsos, porque ele luta contra si próprio em benefício da sociedade, não fazendo desse modo a felicidade de ninguém, nem de si mesmo.

Aí calou-se. Com a ponta dos dedos confiscou o vasto bigode que dava a impressão de um cilindro seccionado que lhe cobrisse os lábios. Pendeu para a frente e prosseguiu:

-O sentido político tem dominado o sentido biológico do homem na sociedade. E o que me irrita e me revolta é a ditadura desses conceitos e opiniões. Esse conceito universal da sociedade, conceito ecumênico, pode ser combatido pelo ideal do aristocratism. O nivelamento é o ideal do homem bovino. Ele envenena-se, intoxica-se ao pensar que esse nivelamento possa construir a sua felicidade. Recebeu essa mentira que outros irresponsáveis lhe pregaram, e acreditou nela, e fez dela a base de sua felicidade. A diferenciação é o ideal do homem *aristocratizado*.

Eu defendo a necessidade da exceção. Prefiro a exceção à regra, mas aceito e defendo a regra para valorizar a exceção. Sou, portanto, um homem aparentemente unilateral, mas, na

verdade, sou o menos unilateral dos homens, porque vejo o homem e os seus atos sob todos os aspectos, pois os aceito, e justifico até o erro porque necessário para valorizar o que presumimos por certo e absoluto. Sou tragicamente dialético.

E exceção para mim é o que reage à regra. O homem progride quando reage, quando cria exceções, pois elas são criadoras. O homem avança por caminhos descontínuos, enquanto os homens bovinos acreditam nas grandes avenidas, nas perspectivas retas, nas estradas macadamizadas e odeiam as serras, os abismos e os trechos esburacados, as subidas e os declives. A continuidade do progresso e da vida humana negaria as aventuras, os empecilhos, as dificuldades e as vitórias. Negaria, em suma, o próprio destino. E o homem tem encontrado os seus melhores momentos nesses instantes em que vence dificuldade. É preciso ter o verdadeiro sentido da vitória para desejá-las difíceis. A vitória é um ultrapassamento, um salto.

Se o homem bovino chegasse a dominar com a sua mentalidade o mundo, o que temo e desde já combato, chegaríamos ao domínio de uma filosofia “standard”, de uma música “Standard”, de uma arte “Standard”. Até o gosto se estandarizaria. Criar-se-iam limites, mas esses limites acabariam por gerar ânsias de ultrapassamento.

A vitória do homem bovino seria, tão somente, uma provocação. As exceções nasceriam apesar da educação bovina que já vem desde o lar.

As insatisfações humanas são mais fortes e os instintos não se amordaçam com atitudes. O homem voltaria a lutar, haveria sempre as exceções, homens da noite, homens do destino, que quereriam interrogar as estrelas, procurar nos azuis profundos dos céus, nos horizontes perdidos, algo mais, um algo mais... Sempre mais.

Não quero, repito, a destruição do homem bovino. Não quero também a sua predominância. Apelo para as almas aristocratizadas para reagir contra as algemas que eles querem forjar para os homens. A totalização do homem necessita de limites. Ela é uma criadora de limites.

“Proibido!”, eis a ordem mais geral da sociedade bovina. E isso cria uma psicologia de retrações, de limitações, de má consciência. Eles combatem os direitos individuais para a igualização do homem, para a dominação do homem médio, da média maior. Numa sociedade aristocratizada há necessidade da variedade de gostos, de oposições, de choques psicológicos, de fins diversos. O homem bovino acredita na defesa dos seus direitos, desde

que haja um só direito, e um só fim. Mas defendendo o direito igualizado, ele anula seu próprio direito, porque cria, com seu Estado *non plus ultra*, o seu novo algoz que possui todos os direitos. Fazem falta os contrastes, os níveis diferentes para que os homens se agitem, sublimem seus instintos, conheçam a satisfação das vitórias.

Onde haveria um amor forte numa sociedade bovina? Onde a concepção do sentimento elevado, a noção do valor individual? A vontade de ser responsável é um sinal de autonomia. O que o homem bovino quer é diminuir as suas responsabilidades.

A totalização cria uma bitola. Basta viver dentro dela tudo corre bem. Há sacrifícios a fazer dentro dela e desde que não se fuja daí, os perigos diminuem. Concordar sempre com o que vem de cima, eis a norma. Não haverá mais agressivos intelectuais, homens que queiram determinar pensamentos diferentes. O estoicismo será chamado de atitude nirvânica; a serenidade passa a ser passividade; o sentido do trágico, concepção de derrota melodramática. A disciplina, que torna os fortes mais fortes, destruirá o homem bovino, porque o tornará mais limitado, fazendo-o recuar dos níveis altos de si mesmo.

Até para obedecer há necessidade de uma certa grandeza, e a obediência de um forte tem alguma coisa de belo. O fraco quando obedece dá o aspecto de um destino imprescritível e assume as proporções de autômato. Só lhe resta obedecer. Desmoraliza até a obediência.

Quando manda, toma a impressão de um mandato, de uma fatalidade. Avilta-se até em sua grandeza. Não creio na possibilidade de uma sociedade aristocratizada para esses decênios próximos.

Mas creio para idades futuras, uma sociedade de homens que saibam sentir a angústia da dúvida, que o bom coração seja construtivo e não destrutivo. O homem bovino criou um novo idealismo: a mediocridade não é medíocre. Não aceita a desvalorização do desvalor. Esse homem não vê nenhum triunfo no fato de se ser excepcional. O medíocre é o fim, a base, a norma, mas o homem precisa, proclamo, precisa continuar conservando as distâncias... Quão incompreendido fui na minha concepção dos fracos!

Mas, na verdade, nunca fiz questão de que ninguém me compreendesse. Foi sempre esta a minha atitude, o meu consolo, o meu prazer, maligno desejo de torturar aqueles que me liam. Quando combati os fracos, eu não queria que os fracos prosseguissem sendo fracos. Eu combati a fraqueza. É verdade que duvidei e nunca acreditei na utopia de uma humanidade forte. Eu acreditava e acredito no super-homem.

Para mim o super-homem é uma conquista individual e não uma conquista de massas. Sempre frisei isto muito bem. O homem só atingiria a super-humanidade através de si mesmo, cada um através de si mesmo. Era preciso amar muito esse homem superado, e desprezar esse homem vencido e derrotado para que os homens pudessem compreender a grandeza de uma exceção.

Sempre julguei que o valor de um povo se medisse pela sua capacidade em criar homens excepcionais. Vivi muito junto do “Haustier”, desse domesticado animal de rebanho, que foi o alemão meu contemporâneo, para duvidar da super-humanidade dos alemães.

Quando falei na destruição dos fracos não pregava a destruição de homens, mas a destruição da fraqueza. Que oferecia eu aos homens senão uma atitude heróica ante a vida, senão uma vitória, esse grande medicamento da alma? Indiquei aos fracos um caminho a seguir, mas preguei aos obstinados que desejavam permanecer fiéis à morte, que buscassem a morte. A esses obstinados em não querer ouvir as vozes alciônicas, em não querer compreender e sentir a beleza da vida, que ansiavam por sua “donzela pálida, marmórea e fria”, que buscassem, enfim, a morte. Não deveríamos impedir o seu caminho.

Devíamos até estimular aos suggestionados pela morte que a seguissem de uma vez. Esse sentido imoral da minha obra scandalizou os obstinados, mas a culpa do escândalo não me cabe. Cabe à obstinação dos que desejam perpetuar e construir na vida um vale de lágrimas e transformar sua existência numa contínua preparação para a morte. A imoralidade está ante a natureza, não em mim.

Eu, o imoralista, preguei outra espécie de moral, moral cheia de sol, cheia de vida. Minhas experiências de enfermo aguçaram a minha inteligência, minha arte do filigrana, meu sentido extraordinário da compreensão, meu instinto dos matizes e todas as sutilezas dos meus órgãos de observação, aguçados em meus longos anos de enfermidade e de cura, me permitiram observar concepções e valores *mais sãos*, colocando-se dentro de meu ponto de vista de enfermo, e, inversamente, consciente da plenitude e do sentimento de si que possui a vida mais abundante, pude baixar serenamente o olhar para o laboratório secreto dos instintos de decadência.

Assim me analisei. Sempre compreendi que a doença é mais instrutiva que a saúde. Ela permite avançar, modificar, transformar. Quanto deverão os homens às suas doenças? Não são nesses instantes em que pairamos entre a vida e a morte, entre o avanço e o recuo, que

brotar em nós uma fixidez de águias? Não é a doença, tantas vezes, o nosso verdadeiro mestre, na vida? Não são esses instantes em que nos chocamos ante o perigo que modelam a nossa personalidade? Quanto devem a história do homem, a biologia, a evolução, a ciência, a filosofia à doença?

Quem sabe, talvez um dia, alguém exclame, com a ciência das mãos, que a doença tem sido não só mais instrutiva que a saúde, como mais fecundante...

A verdade não estaria na agonia? Na agonia da verdade e da mentira, ali naquele limite, naquela fronteira do ser e do não-ser?

Eu falei numa nova rebelião dos escravos. Assim como classifiquei o cristianismo como a grande rebelião dos escravos na moral antiga, e, na realidade, foi este um dos aspectos mais populares do movimento cristão, denunciei na minha vida a nova rebelião dos escravos na moral, na política e na economia.

Aos olhos dos que me interpretaram mal, esta rebelião foi olhada como uma decadência, como um retrocesso. A expressão “rebelião de escravos” foi que chocou os críticos. Era demasiadamente pejorativa para definir o movimento moderno de transmutações sociais. Para uns, eu assumia o porte de um reacionário impenitente, para outros de um niilista indomável, num desejo sádico de destruir tudo quanto o homem houvera até então santificado, amado, respeitado. Se há escravos que lambem a mão que os castiga, isto não implica que uma nova rebelião de escravos seja simplesmente um “ato indigno de homens que lambem a mão que os castiga...”

Precisamente pelo fato de os escravos se rebelarem já atingem outra grandeza. Eu mesmo disse que o escravo só é grande quando se rebela. A nova rebelião dos escravos tem sua grandiosidade; não possui porém, tanta grandiosidade, tanta sublimidade como pensam os seus adeptos. A fatalidade histórica desta nova rebelião de escravos é uma justificativa histórica, é mais uma fatalidade da qual o homem ainda não se libertou: a de ser disciplinado, condicionado pelos fatores que o cercam, e não haver, ainda, conseguido superar a si mesmo num plano que lhe permita colocar-se *além* desse condicionalismo. Mas tal não inclui beleza, nem sublimidade, a não ser que se aceite aprioristicamente que a beleza esteja precisamente na fatalidade histórica dos acontecimentos, o que seria supino pragmatismo, ou melhor: uma degenerescência do próprio pragmatismo.

A submissão aos fatos constitui a ciência dos escravos, dizia eu. A insubmissão aos fatos constitui a política ativa dos escravos que buscam romper as algemas. Eu fixei o predomínio dos sentimentos de escravos na Europa novecentista. Mas aqueles sentimentos prepararam a rebelião.

Nesta luta de libertação havia, porém, um caráter que me preocupava; os escravos não buscavam possuir qualidade de senhor. Uma das características do movimento cristão foi a de assumirem os escravos libertados o porte e as qualidades nobres dos seus senhores. E se não fora assim, a idade média que tombou sobre a Europa teria sido terrível. A nobreza que se formou na Europa conservou as qualidades nobres dos romanos.

Esta nobreza impediu que a Europa caísse em maior grosseria. No meu tempo, porém, o grosseiro já dominava as massas rebeladas. Focalizava eu estes característicos: mendacidade moral, incompreensão da cultura, da beleza.

A moda, a imprensa, o sufrágio universal, assumiam aspectos de grosseria. Os direitos adquiridos perdiam suas qualidades nobres e o homem brutalizava-se numa vulgarização das qualidades superiores e todas as qualidades superiores se tornavam suspeitas.

Apresentava eu até o exemplo de Lutero rebelando-se contra os “sancti”. E exemplificava mais: as pessoas ingênuas já não crêem mais nos santos nem nas grandes virtudes; já não crêem nas qualidades superiores dos homens, os manufactureiros da ciência; já não crêem mais nos filósofos, e as mulheres já não crêem na superioridade dos homens. Isto tudo predispõe a insurreição. Melhor, são sintomas da insurreição.

Ninguém impedirá a marcha avassalante desse espírito nihilista que se apossa dos homens. Eles acreditam na sua força e experimentá-la-ão até verificarem a sua fraqueza, porque o homem, agora, mais do que nunca, é o homem bovino. Ele depende mais do que nunca dos seus semelhantes e o seu espírito gregário, embora decresça nas suas relações, aumenta no entanto na hora do perigo.

O homem é cada vez mais dependente do próprio homem. E isso criará amarguras mais profundas e mais dolorosas. As experiências da vida, das lutas que experimentarão, dar-lhe-ão esses momentos terríveis em que eles recordarão todos os sonhos que sonharam.

Ao o homem voltará novamente os olhos para o passado em busca de alguma coisa que lhe houvesse indicado um caminho melhor ou lhe houvesse alumiado uma meta nova.

Encontrarão, depois de suas duras experiências, de suas derrotas, de seus desencantos, que o homem só pode erguer-se pelo seu ultra-pensamento, por sua superação individual.

Para mim o niilismo é uma condição das épocas de transição humana. Mas, na minha época, antevi os choques de que o nosso século ia ser teatro, e eu já estudava um dos sinais mais gerais dessa época: o homem perdia aos seus próprios olhos, desmedidamente, a sua dignidade.

Esse sentido da dignidade era aquele espírito trágico da existência, em que o homem era muitas vezes, o obscuro herói em luta contra as forças que o prendiam à terra e aos seus instintos, ao seu inconsciente, expresso nos seus desejos e nos seus impulsos para a conquista do prêmio prometido na outra vida que o encheria de satisfações. E nisso tudo fui mal compreendido, mas que importa!

Embriagou-me alguma vez o aplauso de meus semelhantes?

Embriagar-me-ia sim o aplauso de meus iguais. Mas onde estavam os meus iguais? Os outros... os outros... que me importavam os outros?

Eu sempre desprezei as más companhias, e más companhias, para mim, são sempre aquelas que não são formadas de nossos iguais. Apavora-me a “profunda esterilidade” do séc. XIX. Nunca encontrei um homem que tivesse trazido realmente alguma coisa de novo.

O caráter da música alemã foi o que me fez “esperar” por um tempo maior. Um “tipo mais forte”, em que nossas forças estivessem ligadas sinteticamente: essa foi a minha crença.

Aparentemente tudo era decadência. Era preciso orientar a destruição de tal forma que fosse possível, aos mais fortes uma nova forma de existência. A rebelião dos escravos se processava dentro de uma escala de valores mercantis, e as massas eram insufladas para a conquista do poder sem um preparo à altura dessa missão.

Que poderia surgir disto tudo senão novas ditaduras, terríveis ditaduras em que as próprias massas seriam as mais sacrificadas?

A história diz e dirá se eu tinha ou não razão.

Eu acreditei nos fortes, e até os defini. Quem são eles: os mais moderados, os que não têm necessidade de dogmas extremos. Mas o homem de rebanho tem necessidade de dogmas extremos.

Os que não somente admitem, mas amam também uma boa parte de acaso, de “contra-senso”. Os que não podem pensar no homem, reduzindo consideravelmente seu valor, sem que se sintam, por isso, diminuídos ou enfraquecidos.

Os mais ricos em relação à saúde, aqueles que estão à altura da maior desgraça e que, por isso mesmo, não temem a desgraça; homens que estão convictos do seu poder e que, com uma altivez consciente, representam a força à qual o homem atingiu.

Eu acreditei no homem que vencia, no heróico vencedor da vida. Exclamei e exclamo:

“Nós queremos criar um ser”, queremos tomar parte, todos, nessa criação, queremos amá-lo, queremos incubá-lo e honrar-nos e estimar-nos por causa dele. É necessário que tenhamos um fim pelo qual nos amemos todos uns aos outros. “Todos”; os outros fins são dignos de ser destruídos. Foi esse o pensamento de Zaratustra. Ele queria os mais fortes de corpo e de alma, porque são os melhores. Dele é que Zaratustra queria deduzir a moral superior, a dos criadores, ele queria refazer o homem à sua imagem, era esta a sua lealdade. Em qualquer época, num tempo mais forte que o atual, será mister venha este homem redentor do grande amor e do grande desprezo, este espírito criador, cuja energia impulsiva fará ir, muito além de todo o sobrenatural, o homem cuja solidão será desprezada por muitos como se fosse uma fuga: este homem se aprofundará, se abismará, se enterrará na realidade, para ressuscitar um dia e redimi-la da maldição que o ideal de hoje fez pesar sobre ela.

Esse homem do futuro, que nos libertará do ideal de hoje e de sua natural conseqüência, o grande enjôo, o niilismo – este sol do Meio-Dia e do grande juízo, este salvador da vontade, que devolverá ao mundo seu objetivo e a sua esperança; este antiniilista, este vencedor do nada, é mister que venha um dia...

Este homem libertado da compaixão, mas que ressuscitará aquele sentimento de rebeldia que a desgraça do próximo inspirava aos gregos. Foi esquecido, abafado, silenciado pelos cristãos. Esse irmão mais viril da compaixão... Nem sequer existe mais um nome para ele. Mas há de ressuscitar no homem quando compreender e puder superar-se. Então ele encherá o vazio de sua alma.

Como encher o vazio de nossas almas? Pela embriaguez do entusiasmo. E tudo, e em tudo, o homem deve buscar motivos da embriaguez. Temos a sensação de uma imensa amplitude

nossa alma, e essa amplidão é, também, a causa de nosso vazio. Por isso esta época tem sido a mais fecunda na invenção de meios de embriaguez.

Todos conhecemos a embriaguez, quer em forma de música, quer como cega adoração a alguns homens e acontecimentos; conhecemos a embriaguez do trágico, a crueldade na contemplação do que sucumbe, sobretudo quando o que sucumbe é o mais nobre; conhecemos outras classes mais modestas de embriaguez, como o trabalho mecânico, o sacrifício pela ciência ou por uma idéia política ou econômica; qualquer pequeno fanatismo, por estúpido que seja.

Há também uma certa modéstia excêntrica, que nos faz sentir agradavelmente o próprio sentimento do vazio: e até um gozo no eterno vazio de todas as coisas, um misticismo da crença em o nada e um sacrifício por esta crença. E que sentidos não temos criados para todos os gozos do conhecimento! Como registramos e, por dizê-lo assim, levamos um livro maior de nossos pequenos gozos, como se, em suma contrapesasse aquele vazio, enchesse aquele vazio!

Como nos enganamos com este pequeno ardil. Não encontrei nenhum homem bem dotado que não me tenha dito que perdeu o sentimento do dever, ou que não o possuiu nunca. Mas a sabedoria será a superação da moral. Será essa superação quando assistirmos ao ascetismo do espírito, quando o épico que entrou na alma do homem surja, outra vez, já libertado das suas grandes falsificações.

O homem, aí, superará as suas más tendências, aquelas que o afastam da vida e do Cosmos e o arrastam à maldição de sua existência. Só a sabedoria adocicará a amargura de viver que os ressentidos transformaram em filosofia e atitude. O amor construirá então os grandes corações. E superará até as boas tendências...

Nada do homem permanece que não se baseie nos próprios instintos. A minha crítica da moral fundamentava-se, precisamente, no fato de ela haver construído toda a sua base na razão e nos preconceitos. Mas a minha crítica seria profundamente simplista se somente sob esse aspecto se guiasse.

No fundo, os preconceitos são maneiras de interpretar os instintos, mas maneiras pouco nobres. Quando o fraco fundamenta sua moral, o faz na fraqueza, e o forte na força.

Aí estão as razões que preponderaram e que construíram a própria razão. Eu sabia disso, e examinei os fundamentos basilares até do próprio ideal. Mas o que me repugnava era a falta

de dignidade das afirmativas e das atitudes. A moral não se fundamentava na pureza dos instintos, mas num desvirtuamento deles, sob a alegação de que os instintos arrastariam o homem à crueldade, à maldade, o que não se justifica senão em parte.

É mais um preconceito esse de que nossos instintos sejam maus, perversos, destrutivos. Eles são contraditórios e compensadores. A perfeição do mal só seria atingível por um deus. O homem conhece restrições até na maldade. A libertação dos instintos pode ser prejudicial e perigosa, quando ela é usada por quem sempre se encontrou escravizado. Mas a libertação dos instintos, como eu a concebo, não teria sentido de porta aberta. Seria dominada pela vontade e orientada pela educação.

O que o homem precisa, é deixar de caluniar a si mesmo e elevar-se mais em dignidade. A dignidade nos fará respeitáveis ante nós mesmos e servirá de controle natural às nossas más tendências, sem que sofram mais toda a gama de suas angústias.

Eu acreditava num mundo dionisíaco que viria. Transportemo-nos de um século para trás e admitamos que meu atentado contra dois mil anos de costumes contra a natureza, e de aviltamento do homem surta bom efeito!

Esse novo partido da vida, que tomará a si a incumbência, a mais sublime entre todas, a superação da humanidade, nela compreendida a destruição implacável de tudo quanto é degenerado e parasitário, tornará de novo possível sobre a terra esse *excedente de vinho donde sairá também o estado dionisíaco...* Só então deixaremos de ser homens que rezam para ser homens que bendizem...

Proclamei a necessidade de se encontrar um novo caminho para os homens. Todo o progresso que conhecemos serviu para infelicitar ainda mais o homem. Ninguém se satisfaz mais com isso. Os homens precisam, daqui para o futuro, unir melhor as suas forças, sem a anulação do indivíduo, isto é, conservando as pequenas produções, reduzindo, naturalmente, o desperdício que existe.

É necessário que o homem ambicione galgar as posições e subir a escada da vida. Que isso traz algumas amarguras, ninguém o nega, mas as vantagens são maiores. O grande erro tem sido esse de procurar organizações perfeitas.

Julga-se o homem um pequenino deus e, por isso, deseja para si um mundo de perfeições, onde, na terra, corra leite e mel, o paraíso perdido que deverão encontrar... a terra da promessa, que eles imaginaram para encher de esperanças os fracos e os derrotados.

Tudo isso, que já vem de milênios, é que tem feito crescer, avolumar a grande insatisfação humana. As pequenas produções têm suas desvantagens, mas têm suas grandes vantagens. Ela favorece a desnivelção dos homens, cria pequenas vitórias que enchem de felicidade, porque, nela, o homem conhece a satisfação dos pequenos misteres. Até as grandes individualidades humanas amam as coisas pequeninas.

Há momentos em que só o pequeno nos sabe à felicidade. Talvez pense que me estou mostrando socialista por isso. Meu socialismo é individualista. Quero homens fortes, quero aristocratas, não massas amorfas e dominadas. O homem tem de conhecer o sabor das vitórias e das derrotas. E o desejo de se sentir inteiramente amparado, na vida, só interessa aos fracos e aos derrotados. Os fortes devem conhecer o prazer de vencer a sua derrota. Um dos caminhos que preconizei, e continuo oferecendo aos homens, consiste no domínio da natureza destrutiva, das forças dispersivas, para torná-las instrumentos de utilidade para a economia do futuro. Os homens construíram mais forças destrutivas, encadearam-nas para a própria destruição... Para mim a grandeza do homem está em manter-se senhor de sua função.

Os fracos devem ser amparados, até com crenças que os anime a viver. Haverá sempre mais satisfação na vitória de um fraco sobre a sua fraqueza, que o gesto de valentia de um forte. Sou, pela solidariedade humana. Sempre a defendi, embora os meus adversários tenham afirmado que preguei a separação dos homens.

Prego a solidariedade humana contra o instinto de temor e contra a servidão, as quais devemos distinguir. Solidariedade humana não é servidão nem temor. Não pensem que não defendo a necessidade de suavizar a dor dos que sofrem. Quero suavizá-la, não com paliativos, mas com remédios eficientes. O homem sofre mais porque criou uma mentalidade de sofrimento. Cabe a nós mostrar-lhe que o sofrimento constrói, é criador. Há dores fecundas e essas deverão ser compreendidas. O homem precisa acreditar na dor e transformá-la na antecâmara da alegria. Combato aqueles que querem transformar a dor em desespero e querem atirar as massas humanas à luta, levando à frente o estandarte do sofrimento. O homem precisa vencer as suas limitações.

A dor é sempre uma limitação, e deve vencê-la com galhardia e superioridade. Por isso sempre amei o que sofre e tem o orgulho de guardar o seu sofrimento em silêncio, como se ele fosse o seu maior tesouro...

O TEMA DA CULTURA

Consubstanciava-me cada vez mais com as suas idéias.

E ele prosseguia:

-Se chamássemos os graus do “ser” de graus da “aparência”? Ainda há que aceite como fundamento da verdade a separação entre sujeito, objeto e predicado. Para os gramáticos, ainda vá; mas que dizer de filósofos que ainda acreditam na “realidade” do próprio pensamento?

Se as doutrinas fundadas no realismo opõem restrições aos idealistas, estes últimos pecam por acreditar ser a idéia a única verdade e o pensamento, o único dado que temos. Se aceitam a idéia, devem aceitar a sensação, e se aceitam a sensação, acabam no realismo.

Mas que dirão de mim, se chego a duvidar até do pensamento como realidade.

Vou além e não duvido somente. Afirmo que ele não é realidade. Há os que facilmente aceitam certezas imediatas, o que serve para ilustrar a variedade dos homens de pensamento. Não ponho a realidade como oposição da aparência. Para mim a aparência é a única realidade, ou melhor, é como aparência que se manifesta a realidade. Já disse que a nossa realidade como a do arco-iris. Quem sabe, talvez sejamos um simples “pensamento de um deus”? Já propus uma vez essa suposição: Suponhamos que na essência das coisas haja algo de enganador. De que nos valeria o “omnibus dubitare” de Descartes; ele não nos salvaria da armadilha. E o seu proceder poderia ainda ser uma artimanha para burlar-nos e enlouquecer-nos.

O fato do eu não querer ser enganado pode ser o chamariz de uma vontade mais profunda, mais fina, e mais primordial, que precisamente quisera o contrário, isto é, enganar-se a si mesmo. É preciso que o diga mais uma vez: para que o sujeito pudesse demonstrar a si mesmo, necessitaria ter fora de si um ponto fixo, e isso falta. Assim buscar a “verdade” naquele conceito ontológico, teológico, é uma das últimas ilusões humanas.

E aí está o sabor ridículo e trágico da inteligência que se julgou um sopro divino. O homem perde, assim, uma das suas mais caras ilusões: a convicção de que possuía, em si, algo de divino.

Durante toda a minha vida lutei para dar aos bens intencionados um método que os permitisse observar melhor o esquema do mundo. Não lhes ofereço um método para a

verdade, se admitirmos o sentido ontológico da verdade ou a concepção que dela fazem a maioria dos metafísicos. A verdade, para mim, tem sentido cósmico e, para mim, é um “processus”. A verdade é um “processus”, um vir-a-ser, um meio que nos permite acomodar o nosso conhecimento ao esquema dialético do universo. Não é propriamente isso, perdão. Ela é o resultado desse “processus”, deixe-me corrigir. Ela é a estratificação desse “processus”. Por isso mesmo ela é um vir-a-ser. Dialética, porque reproduz dialeticamente o esquema.

Os filósofos até aqui se apoiaram na idéia de Deus. Construíram essa idéia, segundo a sua imagem. Se hoje a idéia de deus conhece seu desprestígio, os culpados são exclusivamente aqueles que se postaram à frente do mundo, afirmando serem seus representantes na terra. Os filósofos construíram um Deus segundo o seu desejo de filósofos: um monstro de sabedoria. E isso porque estão convencidos que a sabedoria é alguma coisa de divino². E ingenuamente estão convencidos que tornar-se igual a Deus é ser sábio, que, na sabedoria, está marcado o caminho que permite, que nós, mortais, nos assemelhemos a Deus. Ele, assim, seria o cume, a verdade suprema, a “Verdade”. Essa concepção é um esquema acomodado pela mentalidade de filósofos. O caçador veria em Deus, o mais perfeito dos caçadores e, assim sucessivamente. Se há ateus no mundo, a culpa é dos teístas. Porque construíram eles uma imagem tão humana de Deus?

Emprestam a Deus os caracteres dos fracos. Fazem-no um monstro de bondade. A idéia da maior bondade é indigna dele, já disse. Também indigna dele a idéia de uma alta sabedoria. Isso pode satisfazer a vaidade dos filósofos, e essa vaidade é a mesma dos povos guerreiros, como os germanos que faziam de seu Deus um ser guerreiro e invencível, ou dos hebreus, odientos e insatisfeitos, guerreiros em sua primitiva fase, um deus odiento, guerreiro e vingativo.

Uma vez disse: Deus é a mais alta potência... E é suficiente. A melhor definição dele é uma indefinição: Ego sum qui sum. Para mim é simplesmente escandalosa essa maneira que os filósofos usam para defini-lo; chegam a formas verdadeiramente ridículas. Os últimos metafísicos substituíram, já que se encontram num século que herdou o espírito

² Nietzsche esquece que a felicidade de um ser tem de estar na sua mais alta perfeição. A felicidade do vegetal seria plenitude vegetal, a do animal, no animal. A mais alta perfeição do homem, que não exclui a animal, está na inteligência. Portanto o *bem-estar* pode ser animal, mas a *felicitas* do homem tem que ser intelectual, porque esta é a sua mais alta perfeição. Nietzsche não desenvolvera uma maior especulação filosófica, por isso fala mais como “litterateur”.

materialista, embora com variantes, do século anterior, a idéia de Deus por outras de caráter metafísico. Procuram a “realidade” verdadeira, a “coisa em si”, em relação à qual tudo o mais é aparência.

Eles estabelecem assim, um novo dogma: o nosso mundo, sendo só aparência, não é, portanto, verdadeiro. Chegam até a afirmar não poderem remontar a esse mundo metafísico que consideram como causa. É impossível, para eles, que o incondicionado, quando representa essa perfeição superior, seja a razão de tudo o que é condicionado.

Kant, já disse eu, chegou a formular a hipótese da “liberdade inteligível” para desabrigar a Deus, o “ens perfectum”, de sua responsabilidade da maneira como é condicionado o mundo com o intuito de explicar, assim, o mal, eximindo Deus dessa responsabilidade. Ora, isso, meus amigos, é terrivelmente escandaloso num filósofo.

Repito: os teístas são os maiores culpados do ateísmo.³

Leibnitz concluiu que o nosso mundo era de uma perfeição suprema, porque era a obra de um deus. Essa perspectiva do mundo exigiria a concepção de que o mal é aparente ou como uma conseqüência de um favor especial de Deus, a fim de permitir a escolha entre o bem e o mal. Assim Deus daria ao homem o privilégio de não ser um autômato. Restava, assim, ao homem, a liberdade... até de errar, ingenuamente. A fraqueza dos ideais e das doutrinas filosóficas, que deveriam dirigir o homem através do labirinto da vida, são, em parte, as determinantes das causas que predispõem a vinda do pessimismo. Já um dia as classifiquei, mas delas posso falar mais uma vez, porque elas continuam a ser vividas, ainda. O homem tem caluniado os seus instintos, ele atribuiu seus instintos à sua animalidade; convenceu-se que a razão pertence aos deuses. Essa concepção emprestou à vida um sentido de maldição. O homem, assim, desprestigiou, ante seus próprios olhos, a beleza da vida. Mastigou, triturou sua beleza natural, chegando a exageros místicos que redundaram numa verdadeira luta contra a carne, em macerações e atentados. Hoje somos espectadores de um renascimento do ideal apolíneo. Mas, como o renascimento apolíneo, decadente. O homem não se ergue nesse novo ideal, mas decai. Há vício e maldade ocultos atrás dessa manifestação apolínea da vida. Defendo os instintos, mas sempre combati as suas perversões, e se aceitei as grandes falsificações, abomino a moeda falsa e desprezo as

³ Apesar de sua genialidade e saber, N. não conhecia suficientemente a Teologia, razão porque considerava a caricatura, que se faz exotericamente da idéia de Deus, fosse o genuíno pensamento dos grandes filósofos teístas.

pequenas. Mas voltando às causas que geram o pessimismo humano, que tanto predominou no mundo ocidental, após 70, do meu século, consequência da derrota francesa, em Sedan, e que ainda hoje domina as camadas intelectuais, sublimado em frutos que escondem sua origem maldita, uma das causas que determinam esse pessimismo é a convicção de que os instintos não podem ser destacados da vida e, que, por conseguinte, se tornam contra a vida. Isso é fruto da má fé dos filósofos que pregam essa condicionalidade humana dos instintos. e eles pecam por uma petição de princípio: ao julgar que os instintos sejam contra a vida. Os que não sentem esse conflito, os mediócrs, por exemplo, não encontram na vida momentos de angústia tão a flor, tão à mostra, tão à superfície. A espécie humana superior que interroga, que busca, que sofre as tragédias do espírito e da inteligência, encontra um ambiente fechado, porque a prosperidade pertence aos mediócrs. Eis a razão do pessimismo das “elites” ou a sua capitulação às idéias dominantes das grandes massas. A civilização é uma saturação, uma coagulação de formas, um encurtar-se, um sintetizar-se. Não há aí dinamização, não há vida, há morte, há um endurecer-se que determina inquietações, pressas incontroláveis, rumores que se erguem, misteriosos, vindos das sombras.

O indivíduo sente-se preso ao sepulcro das idéias. Esses rumores, essa inquietação é a voz da vida que reage contra a civilização, porque esta é roupagem inteligente e culta com a qual a morte se veste para viver entre os homens.

Toda essa vida, que se agita nessas cidades, é morte. Há morte nesses grandes edifícios que rasgam o espaço, como se buscassem alcançar o infinito, numa tentativa babélica previamente malograda. Há morte nessa arquitetura: tudo é frio, tudo esconde, atrás de si, a mesma vacuidade. Há todos os estilos, mas mortos. Há casas egípcias, romanas, gregas, mexicanas, assírias, árabes, mas em tudo isso há sempre morte, porque há estilização, há falsificação. A metrópole é a civilização. E, há, nesses homens de hoje, um acomodamento aos seus instintos. Eles os prenderam em cadeias terríveis; censuram-nos, para saírem, depois, torturados nas neuroses que eles não sabem esconder mais. Querem reter à força de conhecimentos a marcha livre das emoções, dos impulsos.

O homem nega-se, aí, nega-se no vestiário, nega-se na sua arte, nega-se nas suas falsificações, nega-se porque a vida para ele é ausência. Ele não encontra afirmativas nesses focos de luz, nem nessas artérias que rasgam as distâncias. Há sempre uma mentira que eles

suspeitam, e que não se atrevem a proclamar... Mas tudo isso, no entanto, não impede que nasça outro mundo.

A afirmação virá, e muito breve, porque já está fazendo falta; já soou, para mim, a “hora sexta”. Tenho agora a convicção, e esse é o meu conforto póstumo, de que minhas idéias principiam a frutificar. Temi sempre que jamais fosse compreendido, como jamais o fui quando vivi entre os homens. Mas temi, também, que esses, um dia, me santificassem. Na auto-biografia que escrevi, disse as minhas maiores verdades. Fui tão verdadeiro e tão sincero que me julgaram louco. Cada um de vós que falasse de si mesmo com a sinceridade, a inocência e o cinismo como falei também seria classificado como louco. São sempre anormais os que atentam contra a regra geral. Mas continuo ainda acreditando no valor fecundo das exceções.

Fui e sou um homem póstumo. Sempre arrastei na minha vida a dolorosa certeza de que nascera póstumo. Como muitos, trazia comigo o destino de ser somente entendido e amado, quando a morte já houvesse cerrado os meus olhos. Sigo pelos espaços, não longe dos homens e próximos dos deuses. Vós deveis acreditar nos deuses. Nossa pequenez não é uma derrota, acreditai. No imenso dos espaços há ainda esperanças, e o infinito ainda não respondeu a todas as interrogações. Continuai interrogando, porque as respostas são sempre tardias e muitas vezes nos chegam quando já é tarde demais para nós. Mas há uma grande interrogação depois da morte. Se respondesse trairia a mim mesmo. E sabeis por que? Porque nos seguiram como discípulos, e eu nunca quis nem quero ter discípulos. Os fortes são os que querem buscar, por si mesmos, o caminho.

Os fracos pedem uma luzinha de fé para iluminar os seus passos. Buscai nas trevas, tropeçai nos caminhos, feri vossas mãos, chorai de desespero, ride de alegria gloriosa quando encontrardes uma resposta, mas ide, arrastando vossas vitórias e vossas derrotas, até que de vós mesmos há de nascer uma luz brilhante e morna que iluminará os vossos passos...

-E essa luz?

-Essa luz poderia chamar Deus; podereis chamar Felicidade; podereis chamar Vitória... As palavras são diferentes, mas a emoção profunda que vos sacudirá será a mesma.

“Sei que atitudes minhas, iguais a estas, afastaram-me de meus contemporâneos. Nunca fui compreendido por eles, nem sequer pelos que me cercavam. E até hoje muitos deixam à margem as minhas idéias e outros as comentam sem as haver conhecido e examinado.

Nunca fui um homem definitivo, acabado, fui um ensaio, uma experiência mental, por isso me acusaram sempre de ter sido contraditório. No entanto não havia em mim contradições inconciliáveis. Eu diferia cada dia que passava, como diferiam o mundo e as minhas circunstâncias. Mas eram os meus contemporâneos que se estabilizavam e se cristalizavam num certo número de idéias a priori, como se o dia de hoje fosse o mesmo que o dia de ontem, e que o dia de amanhã repetiria.

Que fazer para ser entendido por aqueles que não queriam e não podiam me entender?

Minha obra era para ser ruminada e não lida. E cada um dos meus aforismos exigiam horas de meditação.

Queriam ler os meus livros como quem lê novelas. Eu não escrevi para eles; escrevi para os que meditam, para os que lêem pouco e meditam muito, por isso não me entenderam. E porque não me entenderam, quiseram me interpretar, traduzir, analisar. Basta que se observe o que entendo por trágico. Quão poucos o entenderam. Julgaram sempre o trágico sob o ponto de vista aristotélico, que coloca sob duas emoções deprimentes: o temor e a piedade. Se fosse assim, já disse, a arte seria prejudicial.

Para mim a arte sempre foi um estimulante da vida, uma embriaguez de viver, uma vontade de viver. Naquela concepção ela se tornaria decadente, ao serviço do pessimismo, perigosa até para a saúde. Schopenhauer queria conceber a tragédia diferentemente, queria emprestar-lhe resignação, queria oferecer-lhe uma renúncia à felicidade, à esperança, à vontade de viver. Essa concepção, para mim, negava a própria arte.

A tragédia passaria a ser um processo de decomposição, o instinto de vida destruindo em si mesmo o instinto de arte. É preciso que se veja que a tragédia encerra um efeito tônico. Ela deve aumentar a emoção e a força de viver, e não diminuí-la.

-E o amor? – perguntei.

-O amor? Coloco-o no mesmo sentido dionisíaco da embriaguez. Em todo o mundo, em todos os silêncios do mundo, já disse, o amor nada mais é que a embriaguez, tanto para o homem como para o animal. Na embriaguez mentimos a nós e ao mundo, e no amor também. Há uma suave, meiga, profunda e dionisíaca mentira, que nos torna mais fortes,

mais vivos, mais profundos e também mais superficiais. A semelhança da arte com o amor é imensa.

Há em ambos a mesma embriaguez. São formas de vida, onde existe uma superação da realidade, uma transfiguração. A arte é um grande estímulo ante a vida e desloca até os valores. Ela aumenta os valores, e novos ritmos e novas seduções. O homem que ama conhece superações de si mesmo, ergue-se além de suas fraquezas, cresce, supera-se. Há até superações fisiológicas como no artista também. Ele conhece, tem o dom divino de conhecer essas superações fisiológicas. Há crenças novas que se formam, e ele acredita na virtude, no bem, no amor, no sentimento, na generosidade. Chega até a acreditar nos homens. Há no lirismo da obra de arte esse sentimento, essa música que exprime esse aumento de si mesmo, há crescimento de forças.

Falei aos fortes e os fortes não me ouviram, e já que tantas vezes vos falei dos fracos, deixai-me falar, agora, dos fortes. Sabeis o que são para mim os fortes? Fortes são os mais moderados, fortes são os que não têm necessidade de dogmas extremos, fortes são os que admitem e os que amam uma boa parte de azar e de não-senso. Fortes são os que podem pensar no homem, reduzindo um pouco o seu valor, sem que se sintam, por isso, diminuídos ou enfraquecidos. Fortes são os ricos de graça. Fortes são os que não temem o sofrimento, são os que conhecem e confiam em seu poderio; são os que com altivez representam o poder ao qual os homens já chegaram.

É preciso considerar a necessidade de uma espécie inferior de homens para servir de base a uma espécie superior, que sobre aquela deverá edificar o seu destino. As aventuras, os ócios, a incredulidade nunca podem pertencer aos fracos. Teriam efeitos devastadores e fariam que eles perecessem, como sempre os fez perecer. A história está cheia de exemplos. A regra, a moderação, as convicções sempre foram as normas que dirigiram os fracos: sempre foram elas a sua virtude. Só por esses caminhos os fracos podem conhecer a perfeição.

Esses mesmos elementos seriam desastrosos para os fortes que não podem conhecer a regra, nem a moderação exagerada, nem a convicção que os anularia. Quando os fortes faltam, os fracos vulgarizam até as coisas superiores.

Que diremos, hoje, da arte que eles tornaram assunto do populacho? Que diremos da filosofia que eles tornaram ao alcance dos açougueiros? Eles julgam isso um progresso,

quando só servirá para que vertam as suas mais ardentes lágrimas e gotas de sangue venham regar as suas terras. Os fracos, quando dominam, tiranizam os homens de exceção. É o que os faz perder até a fé em si mesmos, porque a fraqueza deles os arrasa e os arrasta, depois, às tendências niilistas.

Eles tentaram, por ausência dos homens superiores, de criá-los pela divinização dos seus heróis ocasionais e passageiros, pela proclamação dos românticos, que foi uma tentativa frustrada do século passado, pela projeção do artista que eles aniquilaram pela estreiteza de sua concepção e pela mentira do seu aplauso, pela focalização dos filósofos que eles mediocrizaram. Resistiram sempre contra os homens superiores, criaram-lhe barreiras para diminuí-los. Quiseram “humanizar” até as personagens da história. Através da biografia foram buscar as categorias mais simples, os elementos mais próximos a eles para expressar a vida dos homens superiores. E não fizeram isso com inocência e cinismo, o que os teria elevado. Não! Fizeram isso para engrandecerem-se a si mesmos pela depressão inconsciente dos maiores.

Quiseram erguer-se através da perspectiva atrofiada que tinham.

Buscaram a sua superação onde havia depressão, buscaram erguerem-se onde baixavam, e proclamaram depois disso tudo, como escala para a elevação humana, como elevação da alma, a compaixão para com os humildes e para com os que sofrem. Eles assim foram fiéis a si mesmos. Os fracos realizam, dessa forma, o mundo ideal dos seus desejos. Realizam, assim, a grandeza do mundo, no charco, nos vales, nas depressões. Olhar muito para o alto fere a vista, porque a luz do sol é muito viva e a perspectiva do pássaro não cabe às rãs que vivem no charco, criando uma filosofia de horizontes próximos, porque elas não querem negar o charco.

Fez um gesto de desprezo e prosseguiu:

E os homens julgaram-se deuses. Uma das crenças mais caras ao homem tem sido a da sua “divindade”; julgou-se um Deus, bafejado pelo “espírito santo”, porque Deus lhe imprimiu, quando lhe deu a vida, o sopro vivificador que transformou o barro modelado num corpo vivo.

Os baixos instintos, dizia eu, é que não permitem que o homem se proclame um deus. Essa luta, interna, abissal, profunda, dentro do homem, entre seu desejo vislumbrado de divindade e suas vísceras, seus instintos, seus desejos terrenos, seus anseios materiais, suas

necessidades orgânicas – entre elas deve merecer o maior interesse a presença da defecção – não permitem ao homem conceber-se um Deus, o que lhe implica uma tal derrota que existem crentes que julgam uma blasfêmia contra Deus afirmar que o homem não tem nada da divindade. Mas seria uma blasfêmia contra Deus se admitíssemos no homem uma divindade.

Divindade implica desligamento telúrico. Ora, retirar o homem do mundo, ou impor-lhe a concepção de que o homem é, neste mundo, um exilado, trabalho de milênios das doutrinas religiosas anti-humanas, anti-cósmicas, portanto “anti-divinas” – transformaram o homem no nostálgico de um “além”, de uma “idade de ouro” – (esse ponto merece especial análise) – concebendo o mundo como um “vale de lágrimas”, um pouso provisório de sofrimento, etc. Reduzir o homem à “humanidade”, concebê-lo como homem, como filho da terra, como conquistador dessa terra, em choque contra as suas necessidades, porque tem consciência do que possui e do que lhe falta, torná-lo um “patriota do mundo”, um amante da terra, é um dever que a verdade impõe. As religiões tiveram um valor histórico, que ninguém lhes deve negar. Mas perpetuar a sua interpretação, como prosseguimento de um divórcio entre o homem e o mundo, é um crime. Integrar o homem no mundo, reduzir a natureza humana às suas dimensões verdadeiramente humanas, é aprender a amar o simples, o pequeno, não por uma imposição da divindade, mas por um impulso de orgulho nosso, de amor próprio, como o daquele homem que amasse a sua pátria, embora fraca, embora pequena, embora humilhada, embora destruída. Essa é uma nobre maneira de amar. Ama o pequeno porque pequeno, não porque *devas* amar. Se o homem afirmasse que não poderia amar o simples, sem que tivesse o dedo da divindade, seria o mesmo que um pai que negasse a amar os filhos, porque fossem feios... Ora como poderíamos permitir censuras ou louvores do Universo!

Guardemo-nos de lhe reprovar uma falta de coração ou de razão, ou até o contrário: o Universo não é nem perfeito, nem belo, nem nobre, e não quer tornar-se em nada disso, não procura de modo algum imitar o homem! Não é atingido por nenhum dos nossos juízos estéticos e morais! Não possui instinto de conservação, não possui instinto, e ignora toda a lei.

Guardemo-nos de dizer que ele existe na natureza. Esta só conhece necessidade: não há aí pessoa que manda, que obedeça, que infrinja. Quando souberdes que não há fins, sabereis

igualmente que não há acasos: pois é somente ao olhar um mundo de fins que a palavra “acaso” tem um sentido. Guardemo-nos de dizer que a morte é o contrário da vida: a vida não é mais que uma variedade de morte, e uma variedade muito rara. Guardemo-nos de pensar que o mundo não cessa de criar de novo.

Não há substâncias eternamente duráveis; a matéria é um erro semelhante ao deus dos Eleatas. Mas quando acabaremos nossos temores e nossas precauções? Quando cessaremos de ser cobertos por todas essas sombras de Deus? Quando teremos completamente “desdivinizado” a natureza? Quando nos será enfim permitido começar a tornarmo-nos naturais, a nos “naturizar”, nós homens, com a pura natureza, a natureza reencontrada, a natureza libertada?

A pausa que fez era uma exigência de respostas. E como ficasse eu calado, ele prosseguiu assim:

-O homem busca conhecer o mundo e o universo. Grande tem sido essa busca, grandes também os resultados. Mas há um universo maior dentro de nós. A alma humana é um campo imenso de novas explorações. Eu clamei muitas vezes pelos exploradores da alma humana, clamei, e conclamei-os.

Felizmente fui ouvido em meu apelo e hoje a psicologia, apesar de tudo, avança pelo terreno que tanto aconselhei aos psicólogos de penetrar: o terreno do que o homem chamou de inconsciente. Mas, para mim, a alma humana é consciente e inconsciente. No consciente, como no inconsciente, o homem passa a sua vida. Durante o sono – inconsciente – passa-se quase a metade da vida do homem. A psicologia hoje estuda o inconsciente com grande carinho, com interesse, e o consciente é a limitação, a exclusividade; é contemplativo, racional. O inconsciente é a fantasia, recordações, projetos, desejos insatisfeitos, ânsias, também experiências irracionais, Toda uma filosofia humana – toda uma orientação filosófica científica, estética baseou-se no consciente, apolíneo, contornante, limitativo. Eu proclamei a necessidade de se buscar os fundamentos humanos do inconsciente. A “mensagem que nos vem do inconsciente” deve ser examinada, estudada, analisada. A ciência moderna segue as pegadas que deixei impressas. Realmente construí grande parte da psicologia atual e o que ainda a psicologia não aceitou acabará aceitando um dia. Dei a maior importância ao inconsciente – Dionísio: pode-se até traduzir a trindade ctônica Mãe-

Terra-Morte, como um impulso do inconsciente. O dionisismo vem do inconsciente, esse anseio de vida é um anseio de morte.

O prazer de repetição é um impulso de morte. A vida e a morte seriam, assim, o mesmo.

Dionísio e Apolo encontrariam a sua consubstanciação no Consciente-Inconsciente. A trindade apolínea seria, então Pai-Sol-Vida. Todo o meu grito de vida talvez fosse um impulso da morte, da terra, da força geradora feminina, pela vida, pelo sol, pela força geradora masculina. Meu grito torturado vida, vida, vida, por eternidade, e mais eternidade, era o anseio da consubstanciação. Eu não a achava. O problema permanecia-me insolúvel; nem meus comentadores o encontraram. Mas aí está ele, agora: a consubstanciação do inconsciente ao consciente, é a consubstanciação de Dionísio e Apolo, é a consubstanciação das duas trindades.

Esse é o fio de Ariadna que eu descobri e que não cheguei a proclamar em vida porque a morte me impediu. Houve quem visse no apolíneo o indivíduo, como aristocratizado, separado da massa, e, no dionisíaco, o sentido vital da massa, esparramado, universalizado. A conjunção não daria mais o homem-massa, mas um homem da massa aristocratizado, superado. Interpretar ainda como a sensibilidade junto à razão foi outro sentido e orientação de alguns comentadores e intérpretes de minha obra.

Todos se aproximavam da verdade, não, porém, de toda a verdade. O erro do homem tem consistido em haver construído toda a sua ciência e filosofia no consciente, transformando este em alicerce de seu conhecer. Esqueceu, desprezou as forças que aparentemente haviam adormecido – o inconsciente, a sensibilidade, os instintos, as vísceras. O homem é também isso, e trazer à tona o inconsciente, consubstanciá-lo ao consciente daria ao homem o sentido da imaginação, da fantasia, aliada à razão, e, nesse estado, dar-se-ia a transfiguração.

A razão não seria mais a razão socrática, limitada, nem a fantasia traria o sentido tumultuário do inconsciente. Ambas conheceriam uma nova razão e uma nova fantasia. Dar-se-ia, então, o ultrapassamento cósmico que o homem nunca desenvolveu nem criou. A obra de estética, os grandes inspirados, o inconsciente à tona que forma os espíritos que sobressaem da média comum, tornar-se-ia acessível. Esse o meu sentido de nivelação, a nivelação por cima, não a nivelação por baixo. O erguimento do fraco ao forte, não a depressão do forte ao fraco. O erguimento das massas à arte, não a arte às massas. Então, aí,

se poderia compreender porque eu achava possível aumentar o bem estar das massas pela arte, porque a arte oferece os ultrapassamentos e a vitória. A sensibilidade, o compreender uma obra de arte não dão as mesmas fruições que goza quem as realiza.

Dar às massas o conceito desse gozo é encantar a vida; é exaltá-la, é aproximar Apolo de Dionísio. É fazer o homem viver, não apenas para viver, mas viver para exaltar-se, para superar-se. A arte é a o caminho da superação; a arte é a dignidade. A “má consciência” era para mim a conseqüência do choque entre o inconsciente e o consciente; “má consciência”, com espírito de culpa, de acusação. Libertar os instintos era libertar o consciente.

Eu dava um sentido genérico ao instinto, muito mais vasto que aquele que lhe empresta a biologia; fundava-o no sentido dionisíaco da vida. O combate, que às vezes se manifesta em minha obra contra o apolíneo, é um exagero humano de combatente.

A unificação do consciente e do inconsciente é possível e humana, e a sublimação, na psicologia, é um recurso falso.

Defendi outra espécie de sublimação: a vitória, - o melhor remédio para a alma, e o aconselhei aos psicólogos que o usassem. O homem sente-se feliz quando vence os seus impulsos. Eu acreditava na santidade e no gozo profundo dos ascetas, só que o julgava contrário à própria essência da vida. Admirava-os como vitoriosos de si mesmos, mas os não aconselhava aos outros. Eram exemplos, mas que deviam erguer o homem, impulsioná-lo a buscar outras soluções, trazer à tona os instintos; libertá-los, seria a solução. Libertá-los, conhecer a si mesmo, conhecer seus impulsos, mas dirigi-los. Essa educação da alma traria o bem estar subjetivo dos homens.

Aliado ao bem estar objetivo-apolíneo ofereceria o caminho da felicidade. Porque, para mim, felicidade não é a mentira de uma satisfação deprimente, não consiste em o homem convencer-se que deve satisfazer-se com o pouco, que não deve desejar, que não deve revoltar-se, mas precisamente o contrário: a felicidade está em reconhecer o pouco e conquistar o mais, em vencer suas dificuldades, em ultrapassar, em melhorar sua vida. A humanidade é feliz e é capaz dos maiores sacrifícios e dos gestos mais abnegados quando admite, quando crê na possibilidade de aumento de seu bem estar. A história, até a moderna, está cheia desses exemplos que provam a vontade de potência das massas, motor de todas as grandes obras humanas, quer coletivas, quer individuais.

Em pleno fim do século dezenove, quando o materialismo psico-físico dominava as consciências científicas, falar-se em inspiração provocaria sorrisos mal dissimulados. O conceito mecânico que predominava e entrava na ciência não permitia que se avivassem teorias já esquecidas na noite dos tempos míticos e bárbaros da ciência. Quando eu ergui a voz em ECCE HOMO, tive a inaudita coragem de chamar a atenção dos homens de ciência, dos psicólogos de então, rebuscadores de tropismos e de explicações mais mecânicas dos fatos psicológicos, e disse que os artistas eram os “médiuns” de potências superiores da alma, que neles se dava um processo de revelação que tornava *audível* e *visível* alguma coisa que se agitava e se subvertia profundamente na alma, - eles riram-se de mim. E riram-se ainda mais, quando afirmei que havia nesses momentos um encantamento, e que apesar da imensa tensão de ânimo, surgiria o alívio numa torrente de lágrimas ou nas nossas passadas que se apressam ou diminuem, ao sabor das emoções que vêm de longe do nosso ser. Um suceder que transcende a nossa vontade na qual não se procura, nem se indaga quem dá, e que, como um relâmpago, reluz dentro de nós num súbito pensamento...

Hoje a psicologia estuda a inspiração, esse instante em que o inconsciente nos manda suas mensagens ao consciente, que os recebe espantado.

Pequeninas coisas podem nos permitir esse instante que rompe a cadeia da consciência. Às vezes é uma mulher. A inspiração entra assim novamente para a vida, desta vez levada pelo braço da psicologia. Os que riram de mim como se portariam agora? Eles negavam a inspiração simplesmente porque não a conheciam, e o seu consciente era demasiadamente seco, demasiadamente forte, granítico, para permitir que viessem do fundo do ser esses relâmpagos que iluminam...

Ele baixou a cabeça como sob o peso de seus pensamentos. Tive vontade de interrompê-lo para fazer algumas perguntas. Mas, nesse instante, ele ergueu para mim o rosto. Estava transfigurado. A tristeza, uma tristeza profunda, avassalava-lhe a face pálida, onde os olhos brilhantes, de um brilho aquoso, poderiam indicar um prenúncio de lágrimas. E num tom de voz, o mais profundo que até então ele pronunciara, disse mansamente estas palavras:

-A impossibilidade de comunicar-se, é, em verdade a pior das solidões: a diferença de natureza é uma máscara mais impenetrável que qualquer outra máscara de ferro. Somente entre iguais pode haver comunicação real, plena, perfeita. Entre iguais. Palavras embriagadoras, cheias de consolo, de esperanças, de sedução, de felicidade, para quem

sempre e necessariamente foi um solitário; que jamais encontrou uma criatura feita especialmente para comunicar-se com ele, embora bem a tenha buscado por diferentes caminhos; que no comércio diário foi sempre um homem dissimulado, benévolo, sereno; que conheceu por uma experiência demasiado longa, a arte requintada que se chama cortesia; mas que conheceu também essas explosões dolorosas e perigosas da desesperação escondida, - do desejo de amar mal contido, subitamente desencadeado, que existe no fundo de seu ser – a loucura repentina das horas em que o solitário se atira aos braços do primeiro recém-chegado e o trata como a um amigo, como a um enviado do céu, como a um presente inestimável, para repeli-lo logo para longe de si com desgosto, cheio de desgosto, também para consigo mesmo, com o sentimento de levar algo fenecido dentro de si, de certa caducidade íntima, estranho a si mesmo, enfermo de sua própria sociedade. Um homem profundo tem necessidade de amigos, a não ser que tenha encontrado o seu Deus. Fui precisamente essa alma que buscou sempre uma alma irmã da minha. Procurar sempre um homem e não encontrar mais que uma besta de rebanho... Doía-me dizer isso, mas dizia, quase com desespero. Na profundidade silenciosa da minha solidão eu não calava; meus gritos, meus brados proferidos eram imprecações feridas. Buscava em mim mesmo o cósmico, o universo, Deus, para que enchesse aquele vazio que me torturava.

Era bem ali que eu sentia, naquela solidão, como eu era um campo de batalha. Dentro de mim se travava a luta eterna da minha própria desesperação, de meus desencantos com os desejos impossíveis, o caminho, o fio de Ariadna que eu buscava. Às vezes mentia para mim mesmo.

Só eu sei o que isso significa...

Depois dessas palavras seu rosto permaneceu mais triste e seu olhar mais distante.

E num tom de voz que me fez estremecer, ele prosseguiu soturnamente:

-Quase sempre e em todas as partes foi a loucura o que facilitou o caminho à idéia nova, o que rompeu com as prescrições de um costume, de uma superstição venerada. Já Platão afirmava que a loucura expandira sobre a Grécia os maiores benefícios. Eu acreditava na loucura, mesmo simulada, como a única força capaz de romper as cadeias da sociedade. Há sempre algo de terrível e respeitoso no louco. E quantas vezes, na história, aqueles que quiseram erguer um gesto de rebeldia simularam-se de loucos, para dizer as verdades. A

loucura é sempre fecundadora nesses casos, e é preciso um grão de loucura para que se possa ver com olhos impessoais e se possa penetrar no fundo das coisas.

Senti o trágico quando ele, com os olhos perdidos na distância, repetiu estas suas desesperadas palavras:

-Quem ousaria lançar um olhar no inferno das angústias morais, amargas e inúteis, em que se consumiram provavelmente os homens mais fecundos de todas as épocas? Quem se atreveria a escutar os suspiros dos solitários e dos extraviados? Quem compreenderia aqueles que pediam aos poderes divinos a loucura?

A loucura, afinal, para acabar por crer em mim mesmo! Enviai-me delírios, convulsões, horas de claridade e de obscuridade repentinas; espantai-me com estremecimentos e ardores que não tenha ainda experimentado mortal algum; rodeai-me de estrépitos e de fantasmas; deixai-me uivar, gemer e arrastar-se como uma vestal, sempre que por esse modo consiga a fé em mim mesmo. A dúvida me devora; matei a lei, e esta me inspira o mesmo horror que aos vivos um cadáver; por estar acima da lei, sou o mais réprobo entre os réprobos. O espírito novo que há em mim, de onde vem, de vós? Provai-me que sou vosso. Só a loucura o demonstrará.

Estas palavras não foram minhas, mas eram minhas e as usei também. Eu que analisei as conseqüências terríveis do anacoretismo, fui um anacoreta; eu que combati tenazmente os ascetas, fui um asceta. Havia em Jerusalém, nas épocas de maior ascetismo, estabelecimentos para os santos malogrados, para aqueles que não haviam conseguido, através dos seus esforços, atingir a santidade. Eram hospitais para aqueles loucos. Mas quem diria que, na loucura, não haviam eles encontrado o caminho que desejavam. Eu também pedi a loucura aos deuses e estes me ouviram...

O TEMA DA MORAL

Nietzsche, o imoralista! Nietzsche, o destruidor da moral, o “degenerado” e “bárbaro devastador”, o “monstro da maldade”, o “filho do Satã”... Toda a literatura mundial está cheia dessas exclamações. Todos os que não o entenderam, piedosamente, juntaram à fogueira da filosofia sua lenhazinha de acusação. Contra Nietzsche se elevam em cântico as

vozes de todos os que não leram as suas obras, com as dos que não estiveram à altura de compreendê-las.

No entanto, o “monstre” que morreu nos alvares do nosso século, está presente, vivo, aí, em todo o pensamento dos nossos anos que não puderam desviar-se da órbita traçada por ele.

Dos temas que Nietzsche formou a espinha dorsal de sua filosofia, o da moral é um dos mais presentes de sua obra, por que ele foi também o grande moralista, e analista da moral e o rebelado ante a sua improcedência.

Ele rebelou-se contra a moral cristã, para ele uma moral de calúnia, essa moral que fugia do homem verdadeiro para transformá-lo apenas num vencido, num odiador da vida, num conformado.

Na moral burguesa que se instalava, Nietzsche viu a decadência da moral já de decadência do cristianismo. Os últimos valores nobres se perdiam ante o burguês “prático”, concupiscente, voraz, mesquinho.

Nietzsche não suportava, não tolerava, não transigia nunca com o realismo ontológico, o platonismo de que estava eivado o idealismo em geral, e, especialmente aos seus olhos, o cristianismo. Toda filosofia, não resta dúvida, sofre, necessita e precisa da abstração.

Nisto ela tem algo de platonismo. Nietzsche exagerava tanto quanto possível em não condescender nunca com esse abstracionismo peculiar e necessário da filosofia. Como o cristianismo o acentuava vivamente, sua repulsa era ainda maior.

Por outro lado se deve ainda salientar que Nietzsche em sua crítica ao cristianismo procede romanticamente a Rousseau, e não nas pegadas iluminísticas de Voltaire, do Aufklärung que via no cristianismo apenas o monstro feroz e sanguinário, o Torquemada, os Cruzados, os Pizarros, o assassinio dos albigenses. Nietzsche, como Rousseau, via no cristianismo o desvirilizador dos homens, o caluniador da vida. Ele que tentou rebelar-se contra o romantismo, que desejou ultrapassá-lo – e ultrapassou-o em muitos aspectos – foi, no entanto, um romântico nessa luta.

Para Nietzsche a igreja traíra Cristo. Este fora o primeiro e o único cristão. A igreja não quis cumprir os seus mandamentos nem quis imitá-lo, e se o cristianismo para ele era um produto de ressentimento, excluía, no entanto, a figura de Cristo que, para ele, era isento de ressentimento.

A exagerada justificação pela fé era uma consequência da Igreja negar-se, por falta de coragem e de vontade a cumprir a obra de Jesus. “O Cristianismo é alguma coisa de diverso do que se tornou, do que fez e quis o seu fundador... Jesus após uma verdadeira vida...

Nada tão distante dele que o estúpido absurdo de um Pedro eternizado, de uma eterna sobrevivência da pessoa. Jesus tende diretamente a criar “o reino dos céus” no coração e não encontra os meios na observância dos ritos da Igreja judaica”. Ele não tomava em nenhuma consideração as fórmulas nas relações com Deus; para ele, a religião é puramente interior.

O cristianismo segue assim a filosofia anti-telúrica de Sócrates que Platão difunde. Mas esse espírito existe no homem que vive contraditoriamente, esse impulso centrífugo de se exilar da terra como o impulso centrípeto de viver nela adormecer em seu sono último. Para Nietzsche, o verdadeiro exemplo de Cristianismo está em Pascal, a quem ele tanto admirava, cuja “destruição” ele nunca perdoara. A angústia pascalina é uma deformação do cristianismo. Nietzsche já o havia compreendido; no entanto, em sua crítica, viu no “s'abétir” de Pascal, o exemplo mais típico do verdadeiro proceder cristão.

É preciso, contudo, ser-se justo. Se não procedem as acusações que os seus adversários lhe fazem, também não procedem as que fazia aos outros. Se não é Nietzsche o “louco degenerado”, porque havia grande religiosidade em sua alma, como o demonstrou em “Zaratustra”, e tivemos naquela obra, oportunidade de provar, se ele não “podia crer”, na verdade, o de que descrevia era a caricatura que ele formava, seguindo, neste ponto, as influências de tantos inimigos do Cristianismo. E, aqui, foi ele bem frágil e “bem rebanho”, pois deixou-se acaudilhar por todos os grandes acusadores que infamaram, através dos tempos, uma religião que, se deu homens que não estavam à sua altura, não deixa, contudo, de representar o que de mais alto o homem conheceu.

Tinha ele uma visão deformada da moral cristã, e confundira as grandes virtudes pregadas pelo Cristianismo com as formas viciosas com que elas surgiram através dos tempos, as quais não refutava, aquelas, mas apenas demonstravam a natural fraqueza do homem, tão facilmente arrastado às falsificações.

O Cristianismo não é algo diverso do que Cristo pregou e Cristo fez. É apenas isso e nada mais. Se somos fracos, e não cumprimos essa lição, a culpa é do homem e não da sua doutrina.

Pode-se refutar alguns cristãos, não o cristianismo. E entre os cristãos é preciso compreender a grandeza de um São Francisco de Assis, de um São Vicente de Paula, e tantos outros, cuja vida é um exemplo do que de mais alto pode alcançar o homem.

Se Nietzsche se dedicava ao estudo da ética cristã, se demorava um pouco no estudo da obra de seus grandes autores, dos seus grandes filósofos, teria compreendido o que não entendeu e não teria contribuído para mais uma falsificação.

Para quem não compreende profundamente o sentido do Cristianismo pode julgar que Pascal representava o ápice. Não nos cabe negar o valor que tem. Não é porém em bestializar-se que o cristão se realiza plenamente. Porque a realização suprema do cristão é erguer-se na luz, na superação humana, para alcançar o mais alto e mais grandioso que está além de nós.

Foi considerando tais aspectos de sua filosofia, que eu lhe dirigi a palavra nestes termos:

-Para mim, foi o sr. profundamente ético em sua crítica à moral cristã. Nunca o senti um destruidor total, mas quem procurava, no seu ataque, mais construir do que destruir. Não sei se isso lhe agradará, mas o interpretei assim. Quando enumerei os graus da força criadora, coloquei o legislador, o filósofo no cume da hierarquia. O artista e o conquistador situei-os muito abaixo. Para mim, o filósofo é um artista, é um conquistador, é um legislador também. Múltiplo, ele encerra em si toda a gama dos graus superiores da força criadora, porque, na verdade, só o filósofo cria.

Esse descobridor de valores, esse inventor de valores – e sempre empreguei esse termo em seu sentido mais clássico – é um criador por que, ao estabelecer um fim diferente, ele modifica os meios.

Já disse que ao querer a transmutação dos valores não os quis substituir pelos valores polarmente contrários.

Não preguei um retorno à natureza primitiva do homem, e o meu imoralismo não foi uma inversão de valores, nem quis desencadear no homem a besta que dizem viver-lhe no âmago. Além disso não calunio o homem ao julgá-lo apenas um monstro enjaulado pela

vontade e pela educação. O meu homem natural não era o romântico rousseauiano nem o monstro dos cristãos.

Não falei numa seleção que lentamente realizaria no homem o super-homem?

Não vi no homem a ponte entre a besta e o super-homem? Como poderia o meu super-homem ser a besta? Mas era o super-homem que potencialmente existe encadeado na besta.

Não disse eu em “Aurora”: “Não nego que se deva evitar e combater muitos dos atos taxados comumente de imorais e igualmente que se deve também favorecer e realizar outros que são considerados morais. Mas num e noutro caso não é pelas razões que são geralmente considerados”.

O homem criador é o homem livre, e só na plena realização da sua liberdade é ele criador, porque só há criação onde há liberdade. O exercício da liberdade torna o homem criador, embora não seja ela alcançável por todos, porque não basta dizer aos homens que são livres para que se tornem realmente livres e criadores. Se muitos nunca poderão exercitar a liberdade, a culpa não é da liberdade – essa bela palavra que só deixa de ser palavra quando é praticada e se torna ato – mas do homem que a teme. E quem teme a liberdade nunca é criador. E a primeira libertação do homem está em libertar-se de si mesmo, essa luta imensa que travamos dentro de nós mesmos, contra todos os nossos demônios, guardados por séculos e séculos, que se manifestam nos preconceitos ferozes.

E esses preconceitos tecem a teia de aranha da metafísica moral. E a luta ingente que empreende o homem, que quer ser livre, pela conquista de sua liberdade, é uma luta contra a moral estratificada. Esse grande ato de libertação realiza o grande imoralista, o vencedor de si mesmo, aquele que compreende que tem sido apenas o amante de si mesmo, e que se despreza, mas, ao desprezar-se, ergue-se acima do desprezo pelo desprezo do desprezo, e cria, pela vontade e pela força, a liberdade interior.

Sempre compreendi que a moral tem por função tornar possível a vida comunitária. Todo rebanho é moral, todo rebanho precisa de uma moral. Mas aqui devemos examinar bem o que eu queria dizer, o que eu compreendia e que poucos compreenderam. Essas regras societárias são prescrições necessárias, de utilidade social, e trazem o cunho de sua época. Não são imutáveis nem eternas, nem sobrenaturais nem perfeitas, mas criadas pelos homens para regularem entre si as suas relações, impostas pelos chefes aos subordinados, pelos dominadores aos dominados. Nem sempre há uma justificação para essa nova ordem, que

se apresenta como uma “ordem moral”, “um imperativo moral”, emanada de um Deus que a justifica.

Essa moral heterônoma, imposta, escolhida pelos dominadores, imposta pelo passado e predominante no presente pela vontade dos que representam os interesses do passado, é odiosa para mim. Quis substituir o “tu deves” pelo “eu quero”. O homem não é homem enquanto não poder praticar este grande ato de liberdade, que o tornará senhor de si, quando respeitará a dignidade alheia por amor à sua própria dignidade, e assim o fará porque quer e não porque deve.

Os que afirmam que o homem é incapaz de atingir esse reino de liberdade, replico-lhes que é a sua fraqueza que fala através de suas palavras.

Reconheço, e sempre disse que é preciso ser imensamente forte, ter mais força que um leão, para vencer a resistência da cadeia dos preconceitos e deixar-se guiar pela própria consciência e criar para si uma moral autônoma, uma moral de homem livre.

As virtudes, disse eu, são tão prejudiciais como os vícios quando permitimos que elas reinem sobre nós impostas de fora, como uma autoridade e uma lei, em vez de produzi-las nós mesmos. Expressei sempre minha simpatia pela moral autônoma, pela moral livremente aceita e livremente realizada, e reconheci também que os fracos são precisamente aqueles incapazes de encontrar em si a liberdade, essa liberdade criadora.

Todo o homem livre é criador, e precisa criar, porque a criação é a sua segunda natureza, sua alegria, sua própria vida; mas os *bons* querem que o antigo subsista. Todo inovador é um blasfemo, é um derruidor de ídolos, um infamador, um corruptor dos valores sacrosantos.

Eu já disse que o que é taxado de *bom* foi antigamente uma novidade, isto é, julgado imoral. Já disse que nenhuma forma que tome o bem e o mal é eterna. Nem tampouco devem ser eternas. Elas devem proliferar, crescer e transformarem-se. É um ato de violência querer estabelecer o bem e o mal. Todo o bem e todo mal correspondem apenas ao interesse dos *bons*, dos dominadores, por isso põem eles tanta força e tanto entusiasmo em sua moral, e proclamam-na com tanta paixão. Vejam todas essas grandes palavras. Elas encerram sentidos diferentes. Amor, justiça, honradez, prudência têm hoje o sentido de outras eras? Não; os novos dominadores conservam os mesmos invólucros, mas mudam o

conteúdo; eles também são inovadores na moral, mas quando dominam, tornam-se conservadores do passado.

Muitos julgaram que o querer criador, que a liberdade criadora, fosse um impulso desenfreado. Em meu “Além do Bem e do Mal” e em meu “Zaratustra” sempre afirmei que somos “homens do dever”. Não quero me justificar porque dispensei as justificações. Como poderiam eles compreender esse grande amor, esse amor extraordinário que criaria os homens do futuro, que sempre desejei e neles acreditei sempre.

Sou feliz, escrevi eu, ao verificar que os homens recusam pensar na morte. Meu maior desejo seria tornar a vida ainda cem vezes mais digna de ser o único objeto de seus pensamentos. Vontade criadora e bondade é uma só e mesma coisa. E disse mais: A felicidade está no crescimento da originalidade individual. Tiranizar a outrem é empobrecer a si mesmo. Gozar da originalidade dos outros, sem cair nunca na imitação servil, este será talvez um dia o símbolo de uma civilização nova.

Essa a minha moral, a moral de um homem livre, daqueles que desejam realizar o supremo mandamento dos homens livres: “fazer de si uma personalidade completa”..

Na história dos seres vivos, o indivíduo foi o mais gigantesco dos acontecimentos, porque o indivíduo é um ser inteiramente novo e criador de novidade. Sei que são poucos os livres hoje, mas sempre afaguei a esperança de que, em mil anos embora, os homens seriam capazes de criar tantos seres livres quanto são hoje capazes de criar almas de escravos.

A personalidade é um fenômeno excepcional, inaudito, quase um milagre da natureza, e seu grande valor está precisamente em ser assim, raro, inaudito, assombroso. É necessário um rebanho para que a individualidade se distinga. Inútil querer ultrapassar o fosso; não se criará nada de viável. Ao contrário, é necessário aprofundar sem cessar as diferenças.

Interrompi-lhe com estas palavras:

-Permite que o interrompa? – Não me respondeu, mas sua atitude de expectativa era uma afirmação. Aproveitei para dizer: - A diferença entre a grande personalidade e o rebanho é que distingue o primeiro. Desta forma chegaríamos à conclusão de que a personalidade exige o rebanho, e só pode existir personalidades grandes onde houver rebanho. Perdoe-me discordar. Seu pessimismo, neste ponto, sempre me preocupou, embora o compreendesse como fruto das condições de sua época, de sua própria personalidade, de sua própria dialética. Não vejo valor, e foi o sr. mesmo quem disse uma vez na exaltação de alguém

pela depressão do terreno à volta. Para erguer grandes individualidades à custa do rebanho e pela manutenção do rebanho, não valorizamos aquelas.

Devemos crer, aliás eu quero crer, porque essa crença me é necessária para a minha própria afirmação, de que a todos é dado a possibilidade de se erguer acima do rebanho, bem como até a liquidação do rebanho pela civilização de homens livres, numerosos, dominadores.

-Mas, meu cario, eu também acreditei nisso. É natural que nos momentos de exaltação chegasse a afirmações um tanto exageradas. Mas sempre fui fiel para comigo mesmo e disse sempre o que senti, o que vivi, o que experimentei.

Combati a tentativa de nivelar, combati o nivelamento que era um ideal no meu tempo. O nivelamento era apresentado com tanta audácia, com tanto entusiasmo, com tanto calor, que me vi forçado a reagir com o mesmo ardor pela separação, pelo abismo. Não que seja necessário para homens superiores existir uma humanidade de pigmeus. Meu caro, propus sempre a igualdade dos iguais e a desigualdade dos desiguais. Os afins devem procurar-se entre si; os grandes são raros, sempre raros, mas a liberdade criadora poderá aumentar o número desses raros. Os medíocres, o membro do rebanho, necessita de uma moral de rebanho. Quando me rebelei contra a revolta dos escravos é porque estes não queriam ser senhores, mas tornar escravos a todos.

Essa igualização é um crime porque é a maior injustiça que se pode praticar contra os homens superiores. Repudiei sempre com a máxima energia o falso idealismo dos que desejam destruir o egoísmo do eu individual. Hipócritas e covardes quiseram destruí-lo, quando eles mesmos não passavam de meros produtos degenerados desse mesmo egoísmo. Quando o homem ama ou quando odeia, ele conhece o gozo de si mesmo.

Combati o hedonismo como um falso preceito moral, porque ele quer tornar um fim o que apenas é um meio para o homem. Este até quando se humilha quer engrandecer-se, quer ser grande quando se abaixa. Quem pode negar o prazer de fazer o bem? Eu disse que a magnanimidade é uma vingança sublimada. O homem piedoso conhece o gozo de sentir-se superior ao irreligioso ou ao arreligioso.

No fundo, o eu trabalha como o faz uma célula do organismo. Subjuga e mata; ele se apropria do bem de outrem e usa de violência. Quer regenerar, sem perpetuar-se, e prolifera.

Ao juntar-se aos seus semelhantes, ao apoiar-se mutuamente uns nos outros, ele sente a potência da multidão que o potencializa e nela se integra, porque se sente mais forte. Quem se sacrifica por outrem, como a mãe que se sacrifica pelo filho, como o soldado que morre pela pátria, realizam o sacrifício de uma parte de si mesmo em benefício de outra parte de si mesmo. O eu não é uma unidade-bloco, mas uma pluralidade, já o disse. A alma humana vive dessa pluralidade. Por isso nunca acreditei em desinteresse e repeli sempre aquele conhecimento desinteressado de que falava Kant.

O homem deixaria de ser homem se fosse negar dentro de si a si mesmo, se renunciasse a si mesmo. E ao renunciar a si mesmo renunciaria a tudo quanto lhe resta de grande e de próprio. A guerra existe em toda a existência, em toda a alma humana, mas a guerra no velho e lato sentido de Heráclito, e não aquela guerra que acidentalmente sucede entre os homens, a guerra de destruição, mas aquela que é a vitória sobre o adversário, o bom adversário digno de respeito. Não combati totalmente as guerras nem fui um mero defensor delas. Há guerra, e há guerra...

TEMA DE SÓCRATES

-Diga-me: não teria sido injusto para com Sócrates, sobretudo depois de tê-lo tantas vezes enaltecido?

-Sim, realmente o enalteci em minha mocidade. Mas quando me libertei dos preconceitos que me haviam sido os mais caros na juventude, compreendi o verdadeiro significado de Sócrates, e desde então não lhe perdoei a influência que teve na filosofia e no pensamento ocidental.

Havia em Sócrates uma falta de sentido histórico. Sócrates é um hiato cavado entre duas fases da filosofia grega. Marca o fim de uma era e o início da outra: é o João Batista da decadência da filosofia grega, de que Aristóteles foi o Messias. Ele não sentia nem entendia a idéia do devir, e o sentido atualista do grego, que, na simplicidade, buscou a sua expressão, não encontrou nele eco, porque Sócrates era mais gótico que apolíneo.

Já possuía o sentido do egipticismo, *sub specie aeternitatis* ...Platão esteve no Egito antes ou depois de conhecer Sócrates?

À sua pergunta silencieiei. E ele continuou:

Sócrates era pouco atico, pois, para ele a morte supera a vida. Deve notar-se que a vida não lhe fora favorável, e Sócrates, revoltando-se contra ela, mostrava a sua fraqueza. Na hora da morte teve essas palavras: “Viver é estar muito tempo enfermo; devo um galo a Esculápio libertador”... uma espécie de fatigado. Sua ação, durante o processo foi a de um fatigado. Ora, o instante grego era de fadiga, e Sócrates, portanto, não superara a sua própria época; eis o que dele se pode dizer: um homem de sua época, por isso o classifiquei como um homem tardio...

Com ele nasce, na Grécia, a fase apolínea, mas sob um aspecto decadente, e agoniza o sentido dionisíaco de um povo que amava a vida.

O racionalismo grego é uma necessidade para impor hierarquia, ordem, disciplina, no instante de decomposição de sua economia. Sócrates aparece como um sedutor. Para o dionisismo grego, sua filosofia representa uma traição à vida, e sua morte foi apenas um gesto defensivo. Pois não desejou e elogiou a morte? Em que era então dionisíaco?

Foi como Cristo, que também era outro sedutor. Mas este lutava contra o fariseísmo, alargava a doutrina de seu povo além das estreitezas das superfícies e das exterioridades. Sócrates inaugurava um mundo de depressão em relação à Grécia pré-socrática; mas, em relação a Israel, Cristo era um avanço, um progresso, bem como em relação a outras partes do mesmo, mesmo em relação à própria época, porque tanto Roma como a Grécia, naquele instante, viviam na adoração dos ídolos mumificados. Nisso Cristo foi um progresso, um avanço; Sócrates um retrocesso.

Entre Cristo e a época dionisíaca, havia Sócrates de intervalo. Cristo purificava apenas o que se estabelecera. A doutrina de aproximação humana, de solidariedade, era praticada apenas nas exterioridades e ele inaugura a fase da sinceridade íntima dos atos de simpatia e de solidariedade. Cristo era assim honesto. Não reagia contra a doutrina; purificava-a. Sócrates, não! Inaugura uma fase de depressão, afirmava a decadência, estabelecia a decadência. Não deixou por isso de pertencer à história. Refletiu-a, apenas.

Alguém naquele instante deveria ser Sócrates...

Ademais a sua fealdade era uma refutação do helenismo. Ele inaugura a Idade média da Grécia, mas era grego, apesar disso. Grécia é sempre para nós a Grécia imortal, e Sócrates não deixou de ser grego pelo fato de negar a sua cultura anterior. Ele não a prosseguiu, isso sim; ele iniciou uma época, à qual deu seu nome. Platão e Aristóteles prosseguem-no, e o

escolaticismo está aberto. Esses monges cobrem-se de trevas; a Grécia cobre-se de trevas com ele. Soou a lúgubre hora da Idade média helênica.

Sócrates era o produto de um emaranhado de paixões e um insatisfeito. A sua fealdade, dentro de um povo amante da beleza, confunde-o, desvia-o, fixa-o, retorce-o. Sócrates conhece o desdém. Sua mulher moe-lhe, e todo o seu ambiente o repele. Aquela serenidade era um recurso, e buscava na placidez singela a beleza moral. Ele busca outra beleza, uma beleza acessível, uma beleza conquistável, uma beleza que proclama superior cem vezes à beleza física. Sócrates, assim, supera-se, e essa superação é quase fisiológica: é a minha interpretação. Toda filosofia socrática é um produto de sua fealdade, coada através do ressentimento e, deste modo, Sócrates impôs a sua nova concepção de beleza aos homens. Foi realmente uma grande vitória, seu grande título de glória que seus discípulos não perceberam, nem Platão o percebeu. O “conhece-te...” não é socrático, é do templo de Delfos, Mas soube apropriar-se dele. Com o tempo pode coagular em sua educação o ressentimento de sua fealdade e sua alma é um mar tumultuoso de paixões.

Ele próprio não o nega, e quando lhe acusam de ocultar todos os vícios e os maus desejos, confessa a quem o acusa: “Vós me conheceis, senhor!”

Sócrates é, assim, um vitorioso de si mesmo, e constrói uma filosofia para vencer as suas insatisfações. E a faz conscientemente?

Eis uma pergunta de resposta difícil. Platão não o estudou assim. A beleza moral da doutrina era-lhe um sol, que cegava o resto. Xenofonte, embora com outra perspectiva, também não examina esse ponto. Creio que Sócrates procedeu conscientemente. Por isso tem um quê de vindita a sua doutrina.

Interrompi-o para dizer:

-Sócrates foi um homem apócrifo quando exteriorizou o que quis, não o que era: o que por si não implica desprestígio, quando encerra uma vitória.

Na verdade em Sócrates havia uma vitória, sua serenidade ante a morte era a mansidão do vencedor satisfeito, adorado por seus discípulos, vendo-lhes no rosto a lágrima do amor, de um amor mais belo, porque transcendia à sua fealdade.

Sócrates podia morrer tranqüilo. Por isso ele devia um galo a Esculápio...

Por que esta interpretação não pode ser verdadeira?

Há uma pausa, e ele prossegue sentenciosamente:

-Também posso aceitá-la; mas analisemos mais: Há outro sintoma em Sócrates: a ironia. Que dizem a isso os psicólogos? E as suas alucinações auditivas, o “demônio” de Sócrates? Esta equação é bem dele. É dele e é ele: razão = virtude = felicidade.

Um feio em Grécia, tem que ser concentrado; é uma fatalidade. A razão é um jogo geométrico para tortura dos empolgados da vida. A razão nega a exaltação, nega a fantasia. Sócrates (sentindo o rosto) não pode fantasiar para os outros, só para si; por isso é razão. Virtude é isso, porque virtude não é fantasia, não é exaltação, não é entusiasmo para ele; é serenidade apenas. É a vitória sobre a tortura dos instintos. Virtude é uma vitória sobre a vida: essa a vitória socrática. E isso dá serenidade, fixa a serenidade, em suma: felicidade. Ele precisava crer em sua felicidade.

Não, não é bem isso. Ele precisava *fazer crer* em sua felicidade.

Felicidade é ser Sócrates, virtude é ser Sócrates, razão é ser Sócrates.

Tal coisa, na Grécia, era uma revolução profunda e ele foi acusado como sedutor, aquele cavaleiro crepuscular da morte...

Ao forçá-lo a beber a cicuta, obrigaram-no a retornar ao seu ponto de partida... É um caminho sem término percorrer a alma labiríntica de Sócrates; há subterrâneos, esconderijos, armadilhas...Em suas presas, a juventude helênica vai conhecer a prisão racionalista. Ele promete outro mundo para eles; forja-lhes um novo mundo de conceitos, busca belezas que ele pode fabricar. Desvia... cria um mundo de idéias. E o faz com ironia e com serenidade. Que tumulto interno ao ver a admiração religiosa de seus ouvintes. Como custa pouco ser feliz!... Nunca lhe admirariam se não falasse numa beleza impalpável... Como goza a sua vingança!

Grécia conhecia, nesse instante, a angústia da agonia, e a inquietação grega era uma porta de saída para Sócrates. Enveredou por ela. Propôs ao choque das paixões que ameaçavam destruir tudo, o controle, a vitória sobre si mesmo; vencer a si mesmo. Assim é que ele procedeu. Quando lhe acusaram de seus baixos instintos, ele proclamou: “É verdade. Mas os dominei a todos”! Essa a sublimidade de Sócrates, porque ele sublimou-se. Propunha uma ordem ao caos. Razão!... Era uma esperança! Virtude! – Era um método! Felicidade! – um prêmio!... Seduzia, fascinava, e os olhares admirativos, os sorrisos de aplauso não eram já a negação de sua fealdade?

Oh! Que exaltação para excluir a beleza moral, a beleza impalpável. Dar a esses gregos o gosto de sentir alguma coisa que não seja palpável. Ultrapassar esse sentido dos contornos, alargar esse horizonte onde as paralelas se encontram. Sócrates ensaia quase o gótico, um remédio para a angústia, uma angústia nova para matar outra. *Similia similibus curantur*. Só ele compreende a grande falsificação... Como ria sozinho, sozinho, sem testemunhas. Só ele pode ser a testemunha de sua ironia. Que bom ser Sócrates!... – não teria exclamado para si mesmo?

Estava-lhe vedado amar as mulheres, como vedado lhe estava amar as coisas externas, como vedado amar o mundo, vedado também buscar a luz do sol meridional. E ele vedava tudo que lhe é vedado. Tudo o que lhe é vedado rebaixa o homem, e este deve buscar a luz interior – a razão deve vivê-la, obedecê-la – a virtude – para que conheça a fruição dos verdadeiros prazeres espirituais – a felicidade! Sócrates é assim a sua própria equação. Ao morrer, sim, deve ter ele exclamado para si mesmo: meus instintos durante minha vida me torturásteis, me martirisásteis! Mas vos venci. Sei que a vida e a felicidade podem seguir juntas convosco, mas as insatisfações rebelar-se-iam contra isso. Eu fora proscrito do vosso banquete. Pois bem, criei outro: criei outro mundo que me satisfizesse. Vós, instintos, sois a vida, mas, nessa luta eterna, da vida e da morte, esta também conhece as suas vitórias.

Quem como eu conheceu uma eterna agonia, conhece agora sua última agonia. E a minha verdade está aqui, nesta última agonia, neste meu sorriso, nesta minha serenidade, nesta minha coragem em enfrentar a morte e porque eles a temem sempre, porque eles ainda amam a vida. Eu estou sereno. Entrego-me nos braços da morte, que foi a minha vida... Calou. Deu uns passos curtos pela sala. Depois voltando-se para mim, num tom de voz duro, como de quem dominou emoções e venceu impulsos, e quer expressar uma naturalidade que reflete o resultado de grandes batalhas interiores, prosseguiu:

-Sócrates é um filósofo para espíritos banais. A virtude está sempre nos seus lábios, como está sempre nos lábios dos medíocres. Era por isso que ele perguntava aos nobres por que praticavam a virtude. Ele não sabia que é próprio dos nobres praticar a virtude sem *por que*? Não buscava a sabedoria e, sim, um “sábio”, e não o encontrava. Como lhe era agradável e grande falar sempre da virtude.

Um grande sedutor, esse Sócrates; basta observar a sedução de Platão, que ele o converteu como o faria um sacerdote délfico. As valorizações populares, ele as tornou divinas e imperecíveis e fomentou em Platão esse gosto anti-helênico que o levou a menosprezar a vida, como qualquer monge da Idade Média, e a desprezar a beleza como alguma coisa desagradável. Um grande charlatão que inaugurou a fase mesquinha da cultura grega, quando já se ocidentalizava. Foi o prelúdio de um fim gigantesco.

Sócrates era vulgar, astuto, dono de si, rixento, agressivo; possuía, porém, uma clara inteligência e um gosto maquiavélico da dialética, o que lhe servia para ter preso às mãos os jovens charlatanizáveis. A sua maior morte foi por ele desejada, e há uma falsificação no seu martírio. Ele quis lançar sobre a pátria a acusação de sua morte, como um suicida que acusa os outros do ato desejado.

Um grande egoísta, não um patriota. Empequenecia-se por manha; queria erguer-se através de sua modéstia, e escondia-se atrás dela para projetar-se. Plebeíssimo nas suas atitudes de mártir, porque tinha tantas almas quantas cabiam dentro dele. Fez de Platão um arauto e depois dele a filosofia sofreu a sua grande derrota e mumificou-se na estática da lógica. Formalizaram-se os conceitos, que estratificavam idéias e pensamentos; o código dos preceitos. Hoje Sócrates bem poderia ser um açougueiro. Que terrivelmente cruel hei de parecer a muitos!

Aquelas palavras eram duras e não me convenciam. O irracionalismo falava nele, e era injusto.

A obra socrática tinha um papel a cumprir, e o cumpriu. Mas as palavras que soavam tão cruéis haviam de despertar novas suspeitas. E o tema Sócrates teria de continuar a ser estudado e discutido. E essa exigência já era uma afirmação do valor de um homem, cujo nome serviria de marco à Filosofia.

O TEMA DA VONTADE CRIADORA

Nietzsche não aceita que a “vontade” seja causa de qualquer ato humano. Negando a lei de causalidade não cairia na explicação de que a sua teoria da “vontade de potência” tivesse o sentido vulgar que alguns comentadores apressados formulariam. Para ele é hoje difícil

poder entrar no sentido dinâmico da filosofia, assaltar as idéias em marcha, em movimento, apreender em palavras, em termos rígidos e já mumificados pelo racionalismo, o que formulamos em nossos pensamentos, o que inferimos da nossa “realidade”. Como, por exemplo, empregar a palavra realidade, cujo objetivo não se relaciona ao conceito que fazemos e temos da realidade, que encerra, não um *em si*, não uma coisa *em si*, mas em movimento que se opõe a si mesma, num misto de realidade e de aparência? E que não é nem realidade nem aparência? Admitir a aparência exige que admitamos um mundo-verdade, e vice-versa. Ora o mundo verdade é aparente. É aparente, embora verdade. Não o é, no entanto, como contra-conceito. A nossa realidade interna, o mundo dos nossos desejos e paixões, é uma realidade que conhecemos sem oposição. Não existe propriamente antinomia entre o homem e o mundo, entre o eu e o não-eu, porque essa oposição não é inflanqueável. Há, sim, contradição entre o eu e o não-eu. E assim como não conhecemos a “realidade” objetivamente, como formalisticamente exigiríamos, em contra-conceito da aparência, não conhecemos também a realidade interna em contra-conceito da aparência interna.

Conhecer não é tomar, assenhorar-se do objeto; conhecer é inferir e regular dentro das normas dos nossos impulsos interiores – de nossos instintos - dizia ele – impulsos que, em suas relações entre si, formam o pensamento, que são limitações, arranques, estacionamento, ultrapassamentos, volatizações, transferências. A ordenação racionalista, essa matematização dos impulsos, foi um progresso humano, não, porém, o fim. Não; porque dos impulsos brota a fantasia, e ainda muito cabe descobrir.

Nietzsche acusava a leviandade dos filósofos em falar de coisas desconhecidas, como se fossem absolutamente conhecidas, ou, pelo menos, as melhores conhecidas do mundo.

Citava entre outros exemplos a facilidade com que Schopenhauer aceitou o conceito popular de “verdade”, e dele usou e abusou. Essa imprevisão dos filósofos em aceitar os preconceitos correntes, ele, impiedosamente, analisou através de páginas ferinas.

Seu conceito da vontade deve ser explanado, porque muito esclarece os pontos de vista ulteriores sobre a sua filosofia. A vontade, em primeiro lugar, encerra um conjunto variado de acusações, a sensação de um estado do qual deseja afastar-se e a de um estado na qual se deseja penetrar. Logo “a luta dessas duas sensações ademais de uma sensação muscular, a qual, sem agitar braços e pernas, por uma espécie de costume, resulta ativa enquanto

queremos”. E não só se deve reconhecer como ingrediente da vontade de sentir e um sentir múltiplo, senão também o pensar. Em todo o ato de vontade há um pensamento dominante, e não se creia que se possa separar do “querer” este pensamento, pois então não ficaria nada da vontade.”

Em terceiro lugar, a vontade não é um complexo de sensações e de pensamentos, mas também um afeto, e precisamente o de mandar. O que se chama livre arbítrio é essencialmente o sentimento de superioridade sobre o que se deve obedecer: “eu sou livre; ele deve obedecer”, esta consciência se encontra em toda a vontade e também se encontra na atenção intensa, o olhar reto dirigido a uma só coisa, a estima imediata – “agora é mister isto e não aquilo”, - a íntima certeza de que encontrará obediência. Finalmente tudo o que é próprio de quem manda. Um homem que quer, manda a alguma coisa dentro de si mesmo, a qual obedece, ou ao menos costuma obedecer.

Prossegue Nietzsche, através de sua obra, a análise do sentido vulgar da vontade. Um processo múltiplo, que o vulgo chama com uma só palavra, quando somos nós contemporaneamente quem manda e quem obedece, e ao obedecermos experimentamos as sensações da contrição, da opressão, da resistência, que se sucedeu ao ato de vontade, e como, por outra parte, estamos acostumados a passar por alto sobre tudo isso e a enganarmo-nos acerca deste dualismo, em virtude do conceito sintético “eu”, atribuiu-se ao “querer” toda uma cadeia de conclusões, desniveladas e de estimações falsas da vontade. “Dessa maneira o que quer, confunde as sensações agradáveis de quem manda com as de quem executa, com as tantas vontades ou sub-almas que estão a seu serviço, pois o nosso corpo não é mais que um sistema social de muitas almas”. Esse sentido social da alma humana é hoje uma conquista da nova psicologia. Nietzsche desdobrava no ato de querer essa variedade de almas.

Também não há nele a pré-determinação de buscar e definir verdades. Ele nem aceitava os conceitos de verdade e de erro, base valorativa do racionalismo. Não há na obra de Nietzsche verdades, simplesmente, porque em sua obra não há *fins*. Ele indica apenas os meios.

Ele mostra ao homem os meios de se libertar das prisões que formaram essa bimilenar masturbação dos pensamentos, esse desejo masoquista da verdade que o torturou e o tortura. Há, para o homem, a possibilidade de encontrar perspectivas que lhe indiquem um

sentido prático de verdade, um sentido histórico. Talvez uma super-humanidade possa um dia destruir tudo quanto até aqui formou a base da cultura humana. Todos os princípios, que até aqui formaram o grande tesouro do conhecimento humano, talvez se tornem, amanhã, assunto de histórias para distrair as crianças. Tudo isso Nietzsche sentiu como uma possibilidade. Só o fato de ter ele sentido, compreendido e vivido essa possibilidade, tão longínqua, já o separava e o diferenciava dos outros homens.

A concepção da simplicidade da verdade, que deveria ser ingênua, simples, natural, fácil, ele a combateu. Achava-a, por demais complexa, para ser tão acessivelmente encontrável. O que formava um desejo, fruto do menor esforço, tendência natural do homem de rebanho que busca as maneiras mais fáceis de poder enfrentar a vida e o mundo, ele denunciava. Assim, se tivesse sido um propiciador de verdades teria traído a si mesmo, teria mentido à sua própria filosofia. Eis onde se diferencia de todos os apóstolos. Apresentá-lo como um apóstolo seria negá-lo. Ele era mais dinamite do que homem, como se definiu.

...

Quão pouco me custava agora perguntar-lhe alguma coisa acerca das suas opiniões filosóficas. O amor à verdade cria decepções profundas, profundas torturas, angústias profundas. Não esqueço as suas palavras de que o “amor à verdade é uma coisa terrível”. Não fora ele quem um dia havia perguntado: “Por que será preciso que essa necessidade de verdade, essa inquietação apaixonada me siga por toda a parte por onde vou? Desejaria repousar; ela porém não me permite. – desejaria ceder a tantas mansas solicitações que me incitam a descansar. Em toda a parte encontro os jardins de Armida, e devo violentar-me para livrar de suas delícias o meu coração sanguinolento”.

Que dolorosa e torturante a obra do filósofo. Quantos sonhos, quanta fantasia tem de destruir o buscador de verdades! Pobre do filósofo que se vê forçado a destruir uma a uma as fantasias que acalentou por tanto tempo, porque embora amiga dos homens é a verdade a descortinadora de tantas de suas decepções e criadora de tantas novas angústias que nascem dos novos desequilíbrios, que ela estabelece em sua luta eterna. Que mundo triste não seria esse se nele reinasse a verdade e fosse ela acessível a todos!

Refugiar-se no sonho, na fantasia é como um recurso; mas aquele que é fustigado pelo desejo de conhecer sabe que os prazeres que lhe oferecem ilusões não lhe satisfazem senão

por momentos, e torna a procurar, velho descobridor dos prazeres itinerantes que a vida lhe descortina a cada passo.

Luzes e sombras que clareiam e escurecem o seu caminho, e novos e diferentes são os valores. E que é o homem, para ele, senão um velho avaliador, *ein Wertender*?

Que desejava ser ele? Um artista, isto é um criador, *ein Schaffender*, um santo, isto é, um amante *ein Liebender*, e um filósofo, isto é, um descobridor de verdades: *ein Erkennender*, tudo isso reunido numa única pessoa, tal era o fim ao qual ele aspirava. Nietzsche queria abençoar a vida, dizer um *sim* à existência. Quanto me confundiu sempre aquelas suas imensas palavras de “Humano, demasiado humano”: “Antes perecer que odiar e temer, e antes perecer duas vezes que fazer-se odiar a fazer-se temer. É necessário que um dia isto se torne a máxima de toda sociedade”.

Nietzsche sabia que os homens devem ser duros para destruir este mundo e para construir outro.

O TEMA DO DEVER

Ele havia descoberto meus pensamentos porque me dirigiu estas palavras:

-Nada se constrói em benefício dos homens, quando apenas desejamos dirigir nesse sentido os nossos atos. Muitas das obras mais silenciosas e pessoais revertem em benefício deles. Basta atentarmos para o trabalho dos artistas, trabalho silencioso, muitas vezes egoístico e apenas pessoal, que tanto ajuda a libertar e a sublimar. Esses grandes gestos silenciosos valem mais que a caridade dos cristãos, que é tão mortificadora e falsa. O super-homem nunca foi pra mim um fim, mas uma constante transformação. Engrandecidos estarão os medíocres se sobre eles erguer-se o super-homem, e com este estaria justificada uma era. Nós devemos sempre amar o que está além de nós mesmos, o maior, o mais belo, e a esse amor devemos entregar-nos totalmente. Na “Vontade de Potência” eu disse: “é necessário que sob todos os aspectos aumente a justiça e que diminuam os instintos brutais”. Libertar o homem do jugo das suas múltiplas escravidões, e unirmo-nos num fim comum porque já disse Zaratustra: “nós todos nos amaremos porque teremos um amor comum”.

Mas acreditaria nessa unanimidade? Talvez não e talvez sim, porque sempre vivi a batalha dos meus desejos e das minhas decepções.

Atingir um ideal é ultrapassá-lo. Talvez por isso o melhor dos ideais é aquele que jamais se conquiste. Ele será sempre uma promessa e um estímulo, um desejo de mais, possível irrealizável que nos forçará sempre à frente, porque eu desejo que o homem seja sempre o vencedor de si mesmo, o eterno superador de si mesmo. Mas, para superar-se, é preciso que o seu ideal sempre o supere. Numa carta que escrevi à minha irmã, disse estas palavras: “Estremeço ante o pensamento de que homens para o qual não esteja à altura, e que não seja absolutamente qualificados para tal, reclamarão um dia a minha autoridade. Mas é este o tormento de todo o grande mestre da humanidade, o de saber que, segundo as circunstâncias e os acontecimentos, pode tal atitude tornar-se para ele uma benção ou lhe ser fatal”.

Em “Ecce Homo” eu disse: “Conheço meu destino. Sei que virá um dia em que a recordação de algo de inaudito se ligará ao meu nome. Esse nome será ligado a uma crise na história da humanidade, como ainda não sucedeu na terra”.

Era este o meu destino e os fatos posteriores sucederam para tornar realidade aquele pressentimento que tantas vezes me torturara.

Interessava-me, porém, conhecer o pensamento filosófico de Nietzsche, e por isso interrompi-o para dizer:

-Seu ideal do super-homem era um ideal ético. “O homem deve ser superado”. Há nessa afirmação um imperativo e também uma escolha. Modernamente alguém respondeu: “O homem é o que se supera”.

Não vejo nenhuma refutação à sua opinião, porque, pelo fato de ser o homem o superador de si mesmo, ao tornar-se consciente dessa superação, pode transformá-la em mais poderosa e mais criadora.

-Eu disse: “o mundo existe e o mundo não é uma *coisa* que passa. É preferível dizer que é um devir e esse devir não tem começo nem fim. O mundo vive de sua própria substância, alimenta-se do que dejecta. Se o devir tivesse que atingir ao ser ou ao nada, esse estado já deveria ter sido alcançado. Igualmente se o mundo tivesse um fim, um término ao qual se dirigisse, esse fim deveria ter sido atingido.

Se admito a existência “espírito” como uma atividade em devir, tal demonstra que o mundo não pode ter fim, porque seria substituir pela imobilidade final do ser a mobilidade do devir. Repeli o mecanicismo porque ele nega a reversibilidade dos fenômenos e nessa caso

o mundo seria historicamente uma passagem de um estado inicial para um estado final de inércia, de morte, como o têm de conceber os mecanicistas.

Para mim o devir é a forma da realidade. O ser, se não for compreendido como um *eterno devir*, é pura forma lógica, pura abstração para mim. O ser não antecede o devir nem é o seu fim. É por admitir o devir que o homem é para mim *criador*. Mas aí de quem compreenda mal a minha concepção de criatividade com a clássica de *ex-nihilo*⁴ Na criação, como a concebo, não há um tirar alguma coisa do nada, mas sim um *valor*, um conjugar elementos para aumentar, intensificar as forças físicas ou espirituais. É o que chamo “vontade de potência”. Não conceber o mundo como acabado, mas como um “sendo”, ainda confuso, ainda caótico, e quero antepor a esse caos a *ação criadora*, opondo-lhe a força de uma idéia, a idéia de um fim, cuja realização será nossa tarefa? O conhecimento é para mim algo estético. Nós modelamos a realidade como um artista que não reproduz servilmente a realidade. O conhecimento é assim modelador e conseqüentemente criador. Houve época em que acreditei que o homem vivia para saber. Mas libertei-me dessa opinião e compreendi, depois, que a ciência devia subordinar-se à vida e proclamei que preferia o erro à verdade, se aquele fosse mais útil à existência humana.

O sábio, quando cria, assemelha-se ao artista, e aumenta o nosso poder sobre as coisas, enquanto o outro aumenta nosso encantamento sobre a vida, porque a embeleza. Já disse que a verdadeira arte é a que é “sobre-elevação do sentimento da vida, desejo e estimulante da vida intensificada”.

O TEMA DA GUERRA E DO ESTADO

“Poucas vezes na história um homem foi tão pouco conhecido em sua época como eu. Meus livros nem sequer foram lidos e quando meu nome começou a impor-se já eu não pertencia ao número dos vivos. Também poucas vezes se aproveitou tanto da loucura de alguém para refutar-lhe a obra como procederam no meu caso. Julgaram refutar-me pelo simples fato de um dia ter eu atingido aquela loucura a que tanto almejava, aquela loucura

⁴ A criação para o Cristianismo não é um *extrair do nada* alguma coisa, pois o nada nada tem, mas sim a afirmação de que, antes das coisas finitas serem criada, *nada* havia de coisas finitas. Mas havia o Ser Supremo, que é o do Criador

que aos poucos me libertou de todo o apócrifo dos preconceitos e da moeda falsa da cultura racional dos filisteus. Quase todos os meus temas foram desvirtuados e assim procederam no tocante à raça, à moral, à guerra. Sempre me considerei uma fatalidade, eu fui bem uma fatalidade...

Ergueu-se, avançou para mim. Os olhos brilhavam estranhamente. Na verdade aqueles olhos haviam apavorado a todos que dele se aproximavam.

Mas aventurei:

-Sem dúvida. Mas de todos os seus temas, há dois que têm sido por muito tempo o motivo de longas controvérsias: o da Guerra e o do Estado. Poderia esclarecê-los para mim?

Fez uma pausa e prosseguiu:

-Muitas vezes alegaram que eu defendi a guerra. Na realidade o fiz. Mas quando me irritou o fato de confundirem sempre a guerra de que falava com a guerra da pólvora e do chumbo. Não que na minha juventude não tivesse aspirações guerreiras. Todo o ambiente educacional que tive, desde Pforta, me arrastaria aos mesmos pruridos juvenis guerreiros tão peculiares aos alemães. Eu não pude afastar-me desse ambiente. Escrevi algumas passagens em defesa da guerra, as mesmas que posteriormente serviram de argumento para os meus adversários. Mas, em toda a minha obra de maturidade, depois que me libertei de todos os preconceitos, quando comecei a construir a minha filosofia, a nota culminante de meus trabalhos foi uma intensa luta contra a guerra e contra o Estado. Eu próprio, numa ocasião, manifestei o desejo de ter escrito "*Der Wille zur Macht*" em francês. Por que? Porque a palavra "*Macht*" em alemão daria oportunidade para muitos julgarem que o meu livro era uma apologia do imperialismo alemão que sempre odiei. Para mim o poder embrutece. Os que o alcançam, tornam-se conservadores e reacionários.

Nunca houve uma doutrina, por mais revolucionária, que ao apossar-se do poder não se tornasse um entrave à própria revolução e não criasse diques à transformação contínua da sociedade. Nunca acreditei em sociedades eternamente jovens. Mas ao mesmo tempo, sempre acreditei que existia um mundo que nasce e um mundo que morre. A sociedade conhece essa morte e conhece esse nascimento de novas culturas que amanhecem ao lado do entardecer das fórmulas que deperecem. Mas há convulsões, arrebatamentos, lutas, transformações bruscas. Nem sempre a morte conhece a tranquilidade de um longo crepúsculo de outono. Outras vezes o inesperado sucede, noutras a transmutação é

profundamente revolucionária. Oferecer um destino para a humanidade é diferente de lhe marcar uma ordem milenar, sonho eterno de todos os verdadeiros utopistas, e esse último desejo sempre foi para mim um contra-senso.

Uma vez eu disse que “era uma vã quimera das almas generosas esperar muito ainda (ou, se se quer apenas muito) da humanidade quando tenha deixado de guerrear”. Entretanto, não conhecemos outro meio que possa devolver aos povos fatigados essa rude energia do campo de batalha, esse profundo ódio impessoal, esse sangue frio para o homicídio, unido a uma boa consciência: esse fecundo ardor coletivo pelo aniquilamento do inimigo, essa feroz indiferença ante as grandes perdas, a da própria vida e a das pessoas amadas; esse quebrantamento surdo das almas, comparável aos tremores de terra. Com tanta força e segurança como qualquer grande guerra, os arroios e torrentes, que abrem caminho então por entre as pedras e os pântanos de toda espécie e arruinam os prados de cultivo um pouco delicados, volvem logo a pôr em movimento, em circunstâncias favoráveis, as rodas dos teares do espírito, que se tornam a mover com novo ímpeto. A civilização não pode prescindir absolutamente das paixões, dos vícios e das maldades.

Quando os romanos, donos do Império, cansaram-se um pouco das guerras, trataram de obter novas forças das lutas contra as bestas ferozes, dos combates de gladiadores e das perseguições aos cristãos. Os ingleses de hoje também parecem ter renunciado à guerra; praticam outro meio para receber essas forças que diminuem: essas perigosas viagens de descobrimentos, essas travessias, essas ascensões, empreendidas, segundo se diz, com fins científicos, cuja finalidade é obter, por meio das aventuras e dos perigos de todas as classes, um suprimento de energia. Inventaram-se, sob mil formas, outros novos substitutos da guerra, mas talvez nos farão ver que uma humanidade assim educada e, portanto, tão fatigada como é hoje a raça européia, tem necessidade, não só das guerras, mas das guerras mais terríveis – portanto de retornos momentâneos à barbárie – para não gastar em meios de civilização sua própria civilização e sua própria cultura”. Este meu aforismo foi um dos mais usados para afirmarem que eu era um defensor da guerra cruenta. Verdadeiramente o escrevi numa fase que depois ultrapassei. Mas se muitas vezes reconheci a fatalidade das guerras como meio para fortalecimento do homem fatigado, reconheci nela mais uma fatalidade que uma solução. Sempre esperei que o homem atingisse aquele estado dionisíaco de “excedente do vinho”, que pudesse libertá-lo das guerras cruentas. A guerra

tem sido uma fatalidade da espécie humana. Mas acabei por convencer-me que ela seria superável. Aquele meu aforismo foi de uma fase em que eu me sentia perfeitamente um “animal domesticado de caserna”. Então sofri do mesmo entusiasmo da juventude alemã. Mas, naquele mesmo aforismo, já estava a gênese de minha libertação.

Aos povos fatigados, a guerra era uma solução. Não haverá, porém, outra solução para os povos fatigados? Não se processa na sociedade, continuamente, o nascimento de novas formas de cultura? Não há uma vida palpitante que desabrocha na sociedade, a par do que morre, do que se sente morrer, cujo primeiro sintoma é a fadiga?

Não pouco tempo depois eu escrevia estas palavras, que já mostravam a minha experiência dolorosa que tive da crueldade da guerra de 1870. Ouça-o: “Nenhum governo confessa hoje que sustenta seu exército para satisfazer, quando chegue a ocasião, seu desejo de conquista. Pelo contrário, o exército deve servir para a defesa do território. Para justificar este estado de coisas, apela-se a uma moral que aprove a legítima defesa.

Dessa maneira, cada Estado reserva para si o privilégio da moralidade e atribui à imoralidade ao Estado vizinho, pois é preciso supor a este disposto ao ataque e à conquista, se o Estado há de ver-se na necessidade de pensar nos meios de defesa. Ademais, acusa-se ao outro Estado que, o mesmo que o nosso, nega a intenção de atacar e afirma que só mantém o exército por razões de defesa: o outro é acusado, digo, de ser hipócrita, e de criminoso astuto que quer lançar-se, sem luta, sobre uma vítima inofensiva e frágil. Nestas condições se encontram hoje todos os Estados, uns ante os outros: admitem as más intenções do vizinho, e atribuem a si as boas. Mas esta é uma prática tão nefasta e pior ainda que a guerra. É já uma provocação e um motivo de guerra, pois atribui a imoralidade ao vizinho e, por este meio trata de justificar os sentimentos bélicos.

É preciso renegar a doutrina do exército como meio de defesa, tão categoricamente como dos desejos de conquista. E chegará um dia talvez em que um povo, distinguido na guerra e na vitória, pelo mais elevado desenvolvimento da disciplina e dos talentos militares, habituado a fazer os maiores sacrifícios a tais coisas, exclame livremente: “Nós quebramos a espada”. Destruindo assim toda a sua organização militar até em seus fundamentos.

Fazer-se, inofensivo sendo temível (quando se foi temível), guiado pela elevação de sentimentos; este é o meio de chegar à verdadeira paz, que deve basear-se numa disposição de espírito pacífico, enquanto o que se chama a paz armada, tal como no presente é

praticada em todos os países, correspondente a um sentimento de discórdia, a uma falta de confiança em si e no vizinho, e impede depor as armas, quer por ódio, quer por temor.

Antes morrer que odiar e temer, e antes morrer duas vezes que fazer-se odiar e temer: esta será um dia a máxima superior de toda sociedade organizada. É certo que os representantes liberais do povo carecem de tempo para refletir sobre a natureza do homem: do contrário saberiam que trabalham em vão pregando uma diminuição gradual do serviço militar obrigatório. Pelo contrário, só quando esta miséria chegar ao seu máximo, estará próximo o remédio. A árvore da glória militar não poderá ser destruída senão de uma só vez, por um só raio. Mas o raio, já o sabeis, vem da nuvem... e do alto”.

Considerarei o Estado como a força que gera as guerras.

E o que considerarei Estado é esse Estado *res facta*, melhor ainda *res ficta* ou *picta* e não *res nata*. Assim também o considerarei a nação, pelo menos aquilo que se chama nação na Europa. Mas deixe-me analisar ainda o Estado. Uma vez escrevi estas palavras: “Os governos dos grandes Estados têm em suas mãos dois meios para manter submetido o povo, para fazer-se temer e obedecer: um meio mais grosseiro, o exército; um meio mais sutil, a escola. Por meio do primeiro põem de seu lado a “ambição” das classes superiores e a “força” das classes inferiores, pelo menos na medida em que estas duas classes possuam homens ativos e robustos, mediana e inferiormente dotados. Com ajuda do outro expediente, ganham-se a pobreza “dotada”, e, sobretudo, a semi-pobreza de pretensões intelectuais da classe média. Cria-se primacialmente, nos professores de todas as categorias, uma corte intelectual que aspira a “subir!”, acumulando obstáculo sobre obstáculo contra a escola privada ou a educação particular, que o Estado odeia especialmente; assegura-se a disponibilidade de um grande número de empregos, de vagas, que são ambicionadas sempre por um número, cinco vezes superior aos vacantes, de seres ávidos e famintos. Mas esses empregos não devem alimentar ao homem senão muito “convenientemente”; assim é como o Estado mantém nele a sede febril do “progresso”, ligando-a mais estreitamente ao benigno do que a um satisfeito, porque a satisfação é mãe do valor, avó da liberdade de espírito e da presunção. Por meio deste corpo doente, mantido pelos freios, tanto corporal como espiritualmente, eleva-se, então, bem ou mal a toda a juventude de um país, a certo nível de instrução útil ao Estado, e graduada segundo a necessidade: primeiramente se transmite quase imperceptivelmente aos espíritos débeis, aos ambiciosos de todas as

classes, a idéia de que só uma direção de vida reconhecida e estampada pelo Estado os conduz imediatamente a desempenhar um papel na sociedade. A crença nos exames oficiais e nos títulos conferidos pelo Estado vai tão longe, que até os homens que se formaram de uma maneira independente, que se elevaram pelo comércio ou pelo exercício de profissão, guardam uma gota de amargura no coração, enquanto sua aptidão não foi reconhecida por uma investidura oficial, por um título ou uma condecoração, até que consigam “fazer-se notar”. Por último, o Estado associa a nomeação dos milhares e milhares de funcionários e cargos retribuídos que dependem dele à “obrigação” de fazer-se educar e estampilhar pelos estabelecimentos do Estado: do contrário, esta porta sempre lhes permanecerá fechada; honras sociais, são, para eles, possibilidades de uma família, proteção de cima, espírito de corporação nos que foram educados em comum: tudo isso forma uma rede de esperanças, na qual se deixam prender todos os jovens: como poderiam sentir a menor desconfiança? Se afinal de contas, a obrigação do serviço militar tornou-se, a cabo de algumas gerações, um hábito e uma obrigação que se cumpre sem reservas, em vista da qual se regula de antemão a vida, o Estado pode arriscar ainda o golpe de mestre de encadear, por doações, a escola e o exército, a inteligência, a ambição e a força: quer dizer, atrair para o exército os homens de aptidões e de cultura superiores, e inculcar-lhes o espírito militar da obediência voluntário, o que os arrastará talvez a prestar juramento à bandeira para toda a vida e a proporcionar, por meio de suas aptidões, um novo esplendor à profissão militar. Então não fará falta outra coisa que buscar a ocasião para uma grande guerra; e se podem prever que, por sua profissão, os diplomáticos envelhecerão conservando toda a inocência, do mesmo modo que os periódicos e a especulação, pois o “povo”, quando é um povo de soldados, tem sempre “boa consciência” ao fazer a guerra, e não é preciso formá-la de antemão”. Numa carta que escrevi a Gersdorf, já em 70, eu via na Prússia vitoriosa o grande perigo para a cultura, e dizia:

“Ante o estado de cultura que virá experimento grande temor. Desconfio que tenhamos de pagar demasiado caro os grandes êxitos nacionais numa região em que eu, pelo menos, não permitiria nenhuma concessão. Em confiança: considero a atual Prússia uma potência extremadamente perigosa para a cultura...” E também escrevi:

“A pequenez e a miséria da alma alemã não foi nem é de qualquer maneira uma consequência do sistema dos pequenos Estados. Como sabemos, tem-se sido orgulhoso e cheio de dignidade em Estados muitos menores ainda.

O sistema dos grandes Estados não faz a alma mais livre e mais viril.

Na alma do que aceita o imperativo servil “tu deves e tens de ajoelhar-te! ordenando uma inclinação involuntária da cabeça ante títulos de honra, condecorações, olhares benignos desde alto até embaixo, este mesmo indivíduo se inclinará num “Império” muito mais ainda, e lambe o pó ante o grande soberano com maior frequência do que empregou ante o pequeno: disso não podemos duvidar. E eu também acrescentava:

“Vejo por cima de todas estas guerras nacionalistas estes novos “impérios”... O que a mim me interessa é a Europa Uma, porque a vejo preparar-se lenta e titubeante. Em todos os homens amplos e mais profundos deste século, foi o trabalho total o de verdadeiramente preparar aquela nova síntese e de afastar previamente, e a modo de ensaio, o “europeu” do porvir. Somente em suas horas débeis, ou quando chegaram a ser velhos voltaram a cair na estreiteza nacionalista dos “patrioteiros”, então foram”patriotas”. Penso em homens como Napoleão, Goethe, Beethoven, Stendhal, Heine, Schopenhauer...”

Para mim a unificação da Europa seria questão de tempo. Os fundamentos culturais já existiam. Poderiam sobrevir épocas de depressão, de refluxo dessa tendência com despertares nacionalistas, mas que elas obstinariam um fluxo mais exigente, depois.

No entanto, a unificação da Europa está ainda distante.

Muito sangue foi e ainda será derramado até atingir essa meta grandiosa para a história humana. Quando na juventude julguei que realmente os alemães eram um povo forte, desejei para eles a hegemonia da Europa, para violentá-la, para lançá-la no caminho de sua superação, primeira etapa para alcançar o caminho do super-homem. Mas quando compreendi o espírito bovino do povo alemão, sua fatal educação, que é um brutal amestramento para tornar o indivíduo, dentro do mais breve prazo de tempo, utilizável e aproveitável para o serviço do Estado, compreendi que à Alemanha não estava reservado um papel de orientadora da nova humanidade, que foi o sonho de minha vida. Bem claro foi o meu pensamento neste tema. Tanto que, ao tratar da vitória de Esparta sobre Atenas, eu disse:

“O ter a Grécia sucumbido politicamente significa a maior derrota da cultura. Tal fato deu lugar ao estabelecimento da repugnante teoria de que se pode fomentar somente a cultura quando se está simultaneamente armado até os dentes e provido de lutas de combate. O advento do cristianismo foi a segunda grande derrota. Por um lado a força brutal, por outro o intelecto suprimido obtiveram a vitória sobre o gênio aristocrático entre os povos. Ser “Philhellene” significa ser inimigo da força bruta e dos intelectos mofados. Neste sentido Esparta foi a perdição da Hélade, porque obrigou a Atenas a proceder de um modo federal e dedicar-se, deste modo, totalmente à política”.

-Cultura e estado – não é possível enganar-se a si mesmo – são antagonistas: “Estado-cultura” é somente uma idéia moderna. Um vive do outro, um prospera a expensas do outro. Todas as grandes épocas de cultura são épocas de decadência política: o que é grande no sentido da cultura foi impolítico, até antipolítico...”

O menos possível de Estado. Já exclamei e repito: Não necessito do Estado. E teria dado a mim mesmo, sem a violência tradicional, uma educação melhor, isto é, uma que correspondesse ao meu físico, e deste modo teria economizado a força que tive de dispendar depois para libertar-me. Se as coisas que nos rodeiam chegassem a ser um pouco mais inseguras, tanto melhor! Eu desejo que vivamos com um pouco de precaução e algo belicamente. São os comerciantes os que nos quiseram fazer esse Estado-rolha o mais simpático possível, são eles que dominam a todo o mundo com sua filosofia.

O Estado “industrial” não é a minha preferência nem a de Spencer. Eu mesmo queria ser no máximo possível Estado; tenho tantos ingressos e egressos, tantas necessidades, tanto que comunicar. Apesar de tudo fui pobre e não tive tendência para conquistar postos honoríficos, como também não senti admiração pelos lauréis guerreiros. Eu sei qual será a ruína destes Estados: o Estado non-plus-ultra dos socialistas. Sou seu adversário e já no Estado de hoje o odeio.

Na minha mocidade acreditei no valor positivo do Estado e acreditei que ele poderia fomentar e desenvolver a cultura. Eram certos preconceitos que eu trazia da educação que recebera. O Estado moderno não se considera um meio, mas um fim, e essa inversão de finalidade me foi profundamente odiosa, e o Estado, ao julgar-se um fim, deseja é aumentar o seu poder para tornar-se mais poderoso, cada vez mais poderoso, entre os outros Estados. Essa característica que tem, percebe-se logo, e esse desejo de aumento do poder leva ao

aumento do poderio bélico, do crescimento cada vez maior de suas forças, de sua maior amplitude e penetração na vida social. Nada mais perigoso para o Estado que o indivíduo, que a consciência de ser indivíduo, de ser pessoa.

Eu já disse: “o preconceito maior dos exércitos nacionais que tanto se glorificam agora; consiste na dissipação dos homens da mais elevada civilização. Em suma, estes existem somente mediante a proteção de todas as situações. Com que temor e economia se deveria tratá-los, porque se necessita de grandes espaços de tempo, a fim de preparar as condições causais para a criação de cérebros tão delicadamente organizados. Mas assim como os gregos se agitaram furiosamente no sangue dos gregos, assim o fazem hoje os europeus no sangue dos europeus, e, com efeito, sacrifica-se relativamente sempre os de mais cultura, ou seja, aqueles que garantem uma descendência abundante e boa. Estes, na luta, encontram-se sempre na frente e buscam mais o perigo por ambição. O patriotismo vulgar dos romanos, agora, que se oferecem problemas muito distintos, e mais altos que pátria e honra, é um tanto desleal ou é um sinal de atraso. Não se pode gastar além do que se tem, e esta verdade a atribui tanto aos indivíduos quanto aos povos. Se através da grande política, para a conquista do poder, para a ciência, para o parlamentarismo, para as transações comerciais, para os interesses militares, se para tudo isso se entrega uma quantidade de inteligência, de seriedade, de vontade, superação própria do que se tem, tudo isto então faltará em outro lado. A humanidade, hoje, gasta muito, demais, desorientadamente, nesse terreno, o que lhe faltará depois para si mesma, sem sequer superar-se.

Toda civilização perece através de seus próprios produtos, porque toda civilização é um desperdício do que foi acumulado durante séculos de esforço e de criação. “Custa muito caro alcançar-se o poder e o poder embrutece. O homem que não é supérfluo começa apenas onde termina o Estado. Ali começa a canção da necessidade, a melodia única e insubstituível. Onde “termina” é Estado... Mas, olhai além meus irmãos! Não vedes o arco íris e as pontes do super-homem?”

Assim já exclamava Zaratustra. O homem supremamente criador só existirá quando se liberte de todas as peias. Combati também aquele nacionalismo chauvinista que se pregara em meu tempo e que, para nós, homens mais espirituais, não é somente uma insipidez, mas uma deslealdade, um embrutecimento de nosso melhor saber e de nossa melhor consciência...

Os alemães, alimentados com periódicos, política, cerveja e música wagneriana, com sua estreiteza nacional, só cheiram o repugnante “*Deutschland über alles*” e, por fim a *paralysis agitans* das “idéias modernas”...

Não a existência do Estado, por qualquer preço, mas que os exemplares mais elevados possam viver e criar dentro dele, esta é a meta da comunidade.

Isto serve, também, de base à formação do Estado. Tinha-se tão somente uma opinião equívoca sobre a classificação dos exemplares superiores: os conquistadores, as dinastias, etc. Quando já não é possível suportar a existência de um Estado, quando os grandes indivíduos já não possam viver nele, então se forma o terrível Estado de emergência e roubo, no qual os indivíduos mais fortes se colocam em lugar dos melhores. Não é uma obrigação deles que nele possam viver o máximo, de pessoas com comodidade e moral. Não importa a quantidade, mas que nele se possa viver, de todos os modos, bem com moral, oferecendo, assim, a base para uma cultura. Em poucas palavras: a meta do Estado é uma humanidade mais nobre; seu fim está fora dele, porque o Estado não é mais que um meio”.

Combati a pretensão do Estado de “ser a estrela condutora da cultura” e proclamei, como revoltante, a “cultura de Estado uniformada”, que não passava de uma pseudo-cultura, e impede a criação, a experiência.

Denunciei os alemães por acreditarem que a força tem de se manifestar em dureza e crueldade. Por isso se submetem ao Estado com gosto e admiração.

Assim se afastam de sua debilidade compassiva e de sua sensibilidade para seguirem as nulidades e gozar devotamente do terror. Custa-lhes crer que existe força na doçura e na calma. O Estado quer ser o animal mais importante sobre a terra e todos ou quase todos acreditam nessa pretensão.

Tive sempre a fatalidade de estar no pequeno número daqueles que se libertaram de tantos preconceitos e, sobretudo, desse preconceito, o mais, caro, o mais terrível, o preconceito da necessidade desse monstro, o Estado, que tantas vítimas tem exigido, que tantas guerras tem provocado e que, não sabemos até quando, continuará exigindo o sangrento tributo de vidas e de esperanças.

O TEMA DO ETERNO RETORNO

-Uma das teorias mais criticadas que elaborou foi a do Eterno Retorno. Desejo perguntar-lhe: Não seria possível interpretá-la como a consequência de um desânimo provocado pela evolução de nossa era mercantil e industrial, que apresentava aos cérebros mais ativos e mais elevados da Europa a antevisão de um verdadeiro cativeiro novo para os homens? Não haverá um parentesco com o sonho de Rousseau? Ambos não desejam um retorno à primitividade, para a criação de uma nova Humanidade que negasse todas as mentiras da civilização atual e que a libertasse das cadeias que a oprimem? Já naquele tempo o sr., antevia a tortura que iria oferecer uma civilização que os arrancava da terra, que os acostumava a viver sob um chão que era a negação do próprio mundo, numa paisagem que negava a natureza. Esse “Eterno retorno” era talvez ainda um grito muito agudo, que vem de dentro de nossa ancestralidade. Um aviso, uma advertência das nossas próprias almas e sub-almas, gritando pela negatividade que o mundo do artificialismo realizava.

Talvez essa interpretação possua alguma coisa de verdade. Talvez ela reflita melhor toda a gênese da sua doutrina. Pessoalmente, quem sabe, fosse o sr. uma vítima dessa própria civilização que se forjava, cujas consequências terríveis já antevia genericamente. O “Eterno Retorno” apresentava-se, assim, como um acomodamento ante a possibilidade de vir a combater a primitividade ameaçada pelo “progresso”. Não seria o “Eterno Retorno” uma esperança, mais até que uma esperança, uma realidade na qual se obstinava em crer, para cuja crença, para cuja certeza, chegou a ultrapassar os umbrais da própria loucura? Ele respondeu profundamente sério:

-A teoria do “eterno retorno”, sei, tem sido ininteligível para muitos. E muitos tiraram dela conclusões absolutamente diferentes daquelas que desejei dar. Nunca tive esse sentido mítico de metempsicose que alguns emprestaram à minha teoria. Desejaria, agora, dar aos homens de boa vontade uma explicação que penso será sucinta e fácil e que lhes dará um esclarecimento da doutrina. Ouça: Creio que o mundo, concebido como força não pode ser ilimitado. Considero o conceito de uma força infinita inconciliável com o conceito de força. Isto em primeiro lugar. Tenho de admitir, no entanto, que essa força seja ativa, do contrário negaria o próprio conceito. E mais: que ela seja eterna, infinitamente, no tempo. Tenho de admitir, para essa força, um infinito do tempo, antes e depois.

Se não aceito antes, deveria aceitar a criação dela por um ente à parte da força, um criador da força. Poderia chegar à concepção de Deus que deveria aceitar como infinito, porque como finito bastaria, então, a concepção simples da força finita. Se o aceito infinito limitá-lo-ia com o conceito de força finita, porque a força tem de ser finita. Se concebesse, o que naturalmente me repugna, que um Deus infinito, realizasse uma força finita, teria de aceitar o infinito dessa força, porque Deus deveria estar sempre criando-a, o que a tornaria sempre infinita, como criação. Tal opinião me levaria a aceitar a destruição da força, para que essa produção de força, que deve preceder a um infinito, substitua-a, senão teria de aceitá-la infinita se fosse infinita essa produtividade. A destruição dela implicaria, assim, a aceitação de que o existente se destruiria, voltando a um nada, o que é absolutamente inadmissível, e também nos repugna. A aceitação da criação finita de uma força, por um deus infinito representaria uma limitação desse Deus que se tornaria, assim, finito. Poder-se-ia admitir, no entanto, que esse Deus criasse um infinito de universos de força finita. Essa criação, ou teria um princípio ou não. Se tivesse um princípio admitiria uma limitação de Deus.⁵

Se fosse infinitamente no tempo, antes e depois, admitiríamos, partindo da força, a desnecessidade desse deus. Assim chegamos, por exclusões contínuas, à concepção única admissível, que é: a força é finita, do contrário não é força. Se é finita, deve ser, no entanto, qualitativamente infinita no tempo, isto é, ela deve ter sido eternamente igual e eternamente ativa, o que admite um infinito no tempo. Dessa forma já transcorreu um infinito, isto é, já se verificaram todos os possíveis desenvolvimentos dessa força. Se assim admitimos, temos de admitir, outrotanto, que os seus desenvolvimentos momentâneos devem ser repetições, Ou teríamos de admitir que uma força, finita, portanto, tivesse um infinito de desenvolvimentos e de fases, o que seria, de qualquer forma, absurdo. A força, assim, não pode criar um infinito número de coisas, nem de instantes de composição, logo deve repetir-se. Essa é a minha conclusão.

Depois de uma pausa, um tanto longa, prosseguiu:

Substituo a palavra força pela palavra potência, que melhor se adapta ao sentido da minha tese. O mundo é infinito-finito. Infinito no tempo, isso é, a quantidade de potência foi

⁵ Não discutiremos aqui o aspecto teológico desta afirmativa de Nietzsche, mas, na verdade, se vê que ele não compreendia ou desconhecia as análises, já realizadas, sobre a criação, o que lhe permitiria compreender que o ato de criação é um ato infinito, pois só um poder infinito poderia criar do nada, o que o finito não pode realizar. Esta é a explicação que se atribui a Tomás de Aquino, cuja discussão não caberia aqui, e o fazemos em “O Homem perante o Infinito”.

sempre a mesma, ativa e eterna, e permanecerá a mesma sempre, ativa e eterna, pois não admitimos que algo venha do nada, ou algo se torne em nada, porque é uma contradição que, além de tudo, nos repugna.

Esse é um postulado que temos de aceitar. A potência é finita, porque, se o não fosse, negaria o sentido de potência, o característico de potência. Os momentos são finitos e, por sua vez, descontínuos. Não se pode admitir um número infinito de sistemas de força (potência); esse último suporia uma força indeterminada. E devo admitir um número de qualidades possíveis.

Não poderíamos admitir que a força que é determinada, que é finita, pudesse criar um sistema infinito de combinações, com estados completamente novos. Isso seria uma contradição à finitude da força, supondo que ela seja eterna. Teríamos, nesse caso, de admitir o finito da força, no tempo, para não admitir o retorno. Nesse caso, precisaríamos concluir: que ela teria um início no tempo e, no tempo, teria um fim, cessaria.

Para se admitir, num primeiro caso, o início da atividade, teríamos de admitir um equilíbrio anterior. Esse equilíbrio anterior seria eterno e não poderia determinar a atividade primeira. Nesse caso, teremos de admitir que não há variações infinitas, eternamente novas, senão um círculo de determinado número de variações que se repete constantemente. A atividade da força é eterna; portanto o número de produtos e de sistemas da força é infinito, logo teremos de admitir o retorno.

Se todas as combinações de forças já tivessem sido esgotadas, nem por isso teria atingido o infinito do tempo. Logo tudo deve necessariamente ter sido repetido um infinito número de vezes. Para não admitir o retorno, teríamos de aceitar um espaço infinito, onde a força (a potência) se evaporasse, atingindo, assim, um estado improdutivo, morto. Mas se a força (a potência) tivesse um fim, esse fim já teria sido atingido, porque admitimos um infinito no tempo para antes. Ou, então, teríamos de admitir que houve um princípio da força, o que daria, como resultado, a aceitação de um estado anterior de equilíbrio, o que já provamos acima ser impossível, porque se teria mantido eternamente.

Resta admitir um deus, que fosse eternamente criador, que eternamente estivesse criando forças e destruindo-as depois. Assim poderíamos negar o retorno. Aceitaríamos, assim, a obra finita, no tempo, o que negaria o retorno. Deus, dessa forma, seria um ser eterno e infinito que criaria eterna e infinitamente o finito.

A criação eterna do finito, de forças, não implicaria um ato infinito?

Nesse caso não limitaria Deus na finitude, nem esse ato seria uma contradição de seu atributo, porque ele criaria “infinitamente forças finitas”, mas seria infinito pelo próprio ato da criação!

Mas, dessa forma, teríamos, no entanto, de admitir que o infinito de Deus estaria no antes, não no depois. Porque a criação do finito implicaria o depois. Haveria sempre uma força que sucederia a outra força. A própria admissão do ato criativo de uma força limitaria a ação infinita de Deus, porque após a criação de uma força, ele aumentaria mais uma.

Restaria, apenas, a aceitação do infinito matemático de Deus. Mas, outrotanto, a admissão da criação de uma força, de um novo finito, não implicaria limitação, porque esse ato criativo permaneceria infinito no tempo.

A destruição posterior das forças permitiria a não realização do retorno e não implicaria uma limitação da infinitude de Deus, nem da infinitude do seu ato criativo, porque Deus, infinitamente continuaria criando forças finitas, e o número destas, no antes, acabaria sendo infinita no depois, e a criação não implicaria, assim, limitação, no número.

E a criação infinita dos finitos implicaria, por isso, um infinito criativo, o que não negaria o atributo de Deus.

Mas, admitindo um infinito antes, a força seria, nesse caso, infinita, pois já teria atingido o infinito.

Agora, admitindo o homem o finito (a força, a potência) cria o eterno do retorno e a infinitude do mesmo. Se a concepção daquele repugna-o, buscará a Deus pela negação do retorno. O homem, pensando no finito, precisa do infinito, como pensando no infinito precisa do finito. Deus torna-se, assim, uma necessidade absorvente do espírito, e o homem, deste modo, não se liberta da sua concepção. Resta a concepção do meu deus finito:

Dionísio, que é o retorno da vida.

Depois de uma pausa, ele continuou: - O último estado da força deve, necessariamente ser o primeiro. Essa é uma dedução que fazemos do anteriormente estabelecido.

O espaço, como a matéria, é uma forma subjetiva da força. O tempo, não! O espaço nasce unicamente pela hipótese de um espaço vazio. E a força é ativa. Se a força atingisse o repouso, este já teria sido atingido. Não há equilíbrio perfeito; o equilíbrio de forças é impossível, porque não há divisão da qualidade. A mecânica pode admitir a divisibilidade

das forças, pode ir até ao absolutamente divisível; não pode, porém, admitir a igualdade das partes divididas, porque, em cada divisão, há sempre qualidade, e a qualidade é indivisível; logo o equilíbrio de forças não se pode dar. Se as forças pudessem alcançar um perfeito equilíbrio, esse existiria ainda. O estado momentâneo contradiz a hipótese.

Se admitimos que alguma vez houve um estado absolutamente igual ao momentâneo, essa suposição não poderia ser refutada pelo repouso momentâneo.

Entre as infinitas possibilidades, deveria ter-se dado já esse estado, pois até agora transcorreu um tempo infinito. Se o equilíbrio fosse possível, já se teria produzido. Se esse estado momentâneo se houvesse produzido, também se teria produzido o que lhe deu origem e o que precedeu imediatamente, etc., do que se deduz que teria aparecido uma segunda e uma terceira vez, um sem número de vezes, em suma, para trás e para diante. Isto quer dizer que todo devir se move na repetição de um determinado número de estados perfeitamente iguais; mas entre todas as circunstâncias, o estado atual é um estado possível, prescindindo da capacidade ou incapacidade de nosso juízo a respeito do possível, pois é um estado real.

Segundo tal opinião, teria de dizer: todos os estados reais já tiveram seus iguais, supondo que o número dos casos não seja infinito e, sendo o tempo infinito, ter-se-ia apresentado um número finito de estados? Porque sempre, a partir de cada momento para trás, conta-se já um tempo infinito passado. É o estado de repouso das forças; seu equilíbrio é outro caso; mas não se realizou; por conseguinte, o número das possibilidades é maior que o das realidades. Que nada de igual se repita não pode ser explicado pelo acaso, mas por uma premeditação própria da essência das coisas, pois, se admitimos um número imenso de casos, é mais provável pensar que ao arrojarmos os dados se obtenha uma casual igualdade de pontos, e não a absoluta diferença.

Simplifiquemos: 1) se o mundo tivesse um fim já o teria alcançado; 2) se houvesse para o mundo um estado definitivo, impremeditado, deveria igualmente estar realizado; 3) se tivesse havido um estado permanente e um repouso, e se durante o seu curso o mundo o tivesse atingido, em sua plenitude, por um momento apenas, não poderia já existir; devir, nem por conseguinte, pensar. Não poderíamos contemplar um devir. 4) Se o mundo fosse um devir eternamente novo, seria algo maravilhoso, algo divino, criado livremente por si mesmo. 5) O eterno devir de novo supõe: que a força aumenta caprichosamente a si mesma,

e que não só tema a intenção, como também os meios de preservar-se da repetição de volver adotar alguma de suas antigas formas, e, com isso, o poder de controlar, em cada momento, qualquer movimento nesse sentido, ou a incapacidade de chegar ao mesmo estado, quer dizer que a quantidade de força não seja a mesma e, igualmente, as propriedades da força não sejam as mesmas. Teríamos de admitir algo não fixo, algo ondulante na força, ou, então, cairíamos no fantástico, ou nas antigas idéias criacionistas (multiplicação do nada, resto do nada, arbitrário absoluto e liberdade absoluta no incremento e nas propriedades).

O que não crê num processo circular do todo, tem de crer no deus caprichoso. Assim se condiciona minha consideração contra todas as doutrinas teístas do passado. O “caos do todo” como negação de toda finalidade, não está em contradição com a idéia de um movimento circular; este último é singelamente uma necessidade cega, sem nenhuma classe de finalidade formal, ética nem estética. Falta toda intenção na parte e no todo.

Não se deve pensar que o todo tenha a tendência de realizar certas formas, que queiram ser mais belas, mais perfeitas, mais complicadas. Tudo isso é antropomorfismo! Desordem, fealdade, forma, são conceitos inadequados. Na mecânica não há imperfeição. Tudo é repetição: Sírío e Aranha, e nossas idéias neste instante, e este pensamento que eu agora formulo de que tudo é repetição.

O mundo inteiro é cinza de inumeráveis seres vivos, e embora o que vive seja tão pouco em comparação com o todo, este todo já viveu em outro tempo e volverá a viver. Se admitimos um tempo eterno, teremos de admitir uma eterna mutação do existente. Uma vez eu disse: Quem quer que sejas, amado estrangeiro, que por primeira vez te encontro, entrega-te ao encanto desta hora e do silêncio que nos rodeia por todas as partes e deixa que te endereça um pensamento que se eleva ante mim igual a uma estrela, e que quisera arrojá-la sobre ti como sobre qualquer outro, porque é a missão das estrelas. O mundo das forças não sofre diminuição alguma, pois, do contrário, num tempo infinito, essas forças teriam diminuído até consumir-se totalmente. O mundo das forças não encontra repouso algum, pois, do contrário, já o houvera alcançado e o relógio da existência há muito houvera parado. Por conseguinte, o mundo das forças nunca está em equilíbrio; não tem um momento de descanso; a quantidade de força e a de movimento são sempre iguais em todo o tempo.

Qualquer estado que este mundo possa alcançar, tê-lo-á alcançado já, e não uma vez, mas um número infinito de vezes. Igualmente este instante já se deu em outro tempo, e volverá a dar-se, e todas as forças serão distribuídas novamente como o estão agora; e o mesmo se pode afirmar do instante que antecedeu e do que o seguirá.

Homem! Toda a tua vida é como uma ampulheta que constantemente é revirada, e sempre volve a correr; um minuto do tempo, durante o qual todas as condições que determinam a tua existência volvam a se dar na órbita do tempo.

E, então, volverás a encontrar cada uma das tuas dores e cada um dos teus prazeres, cada um dos amigos e cada um dos teus inimigos, e cada esperança, e cada erro, e cada fibra de erva, e cada raio de luz, e toda a multidão de objetos que te rodeiam. Esta corrente, da qual és um pequeno elo, volverá a brilhar eternamente. E, no curso de cada vida humana, haverá sempre uma hora em que primeiro a um, depois a muitos, e depois a todos, lhes iluminará a idéia mais poderosa de todas, a idéia do eterno retorno das coisas: essa será para a humanidade a hora do meio dia.

. . .

Como daremos gravidade à vida interior sem fazermos-nos maus e fanáticos a respeito dos que não pensam como nós? A fé religiosa decresce, e o homem vai aproximando-se da idéia de que é um ser efêmero e insignificante, com o que acabará por apequenar-se; já não cultiva o esforço, a resistência; quer gozar do momento presente; faz-se superficial, e talvez delapida muito espírito com este motivo...

A ilusão política, - dela eu me rio como contemporâneo da ilusão religiosa de tempos passados, - é antes de tudo secularização, fé no mundo e despreocupação do “mais além” e do “inferno”. O ideal presente é o bem estar do efêmero indivíduo; por isso, o fruto de tais crenças é o socialismo, quer dizer que o efêmero indivíduo quer conquistar a sua felicidade pela socialização; não tem por que esperar, como os homens de almas eternas e eterno devir e aperfeiçoamento futuro. Minha doutrina reza assim: “Vive de modo que desejes voltar a viver; tu viverás outra vez!”

Quem deseja o esforço, que se esforce; quem deseja a ordem, a conseqüência, a obediência, que obedeça.

Mas quem tenha consciência de seu fim não retroceda ante os meios!

Leve em si a eternidade!... “Mas se tudo é fatal, que posso sobre os meus atos?” A idéia e a fé são forças que gravitam sobre ti ao lado das outras forças, e mais que estas. Tu dizes que a alimentação, o meio, o ambiente, a sociedade te transformam e te condicionam? Pois bem, tuas idéias o fazem com mais força, pois elas te determinam a escolher a classe de alimentos, o lugar, o ambiente, a sociedade. Quando chegues a encarnar a idéia das idéias, esta te transformará. A pergunta, em tudo o que te disponhas a fazer: “É isso de tal natureza que eu o quisera fazer para toda a eternidade”? Esta é a maior força...

Credeis que dispondes de um largo descanso até o vosso renascimento? Pois vos equivocais. Entre o último instante de vossa consciência e o primeiro reflexo da nova vida não mediará tempo algum; será como um relâmpago, ainda quando houvesse criaturas vivas que contassem por bilhões de anos, nem assim o poderiam medi-lo. Intemporabilidade e sucessão se aliam uma à outra, enquanto o intelecto desaparece.

“Imprimamos o sinete da eternidade em nossa vida! Este pensamento contém mais que todas as religiões que desapreciam a vida como passageira e forçam o olhar para outra vida incerta.

Guarde-nos Deus de pregar esta doutrina como uma religião improvisada: deve infiltrar-se lentamente; gerações inteiras devem edificar sobre ela, dando-lhe fertilidade para que se converta numa grande árvore, que dê sombra à humanidade futura. Que são os dois mil anos que durou o cristianismo? Para os pensamentos fecundos são necessários muitos milhares de anos; durante longo tempo são pequenos e débeis. Singela e quase seca esta idéia não deve ter necessidade de eloquência. Estais já preparados?

Deveis ter atravessado todos os graus do ceticismo, e vos terdes banhado com delícia na água fria da torrente; do contrário, não teríeis direito a esta idéia; quero precaver-vos contra a leviandade e a fantasia.

Quero defender minhas teorias! Quero que sejam a religião das almas libérrimas, serenas e sublimes: um vale entre neves douradas e um céu puro! Assim tenho pensado sobre o Eterno Retorno. Mas se a loucura e a morte não me tivessem sobrevivido tão cedo, tê-lo-ia ultrapassado. Tudo, na minha filosofia, prometia essa vitória sobre mim mesmo. Mas sempre fui uma fatalidade...

As suas palavras ressoavam e excitavam em mim inúmeros pensamentos. A expressão profundamente séria que modelava o meu rosto era um índice do que se passava dentro de mim. Dirigi-me a ele com estas palavras:

-O tema do Eterno Retorno é um dos que exigem maiores observações e estudos. É fácil julgar, como o fez Unamuno, simplesmente uma idéia de louco, e não examiná-lo quando se refuta com palavras tão simples e tão ingênuas. Foi fixado no Eterno Retorno um problema que não é de hoje. Já Lau-Tseu falava claramente nele. E, posteriormente, em partes diversas do mundo, o tema foi abordado. É um velho mito que vive em todas as eras e em todas as culturas.

Mas vejamos simplesmente como fixou um tópico interessante, que tanto a ciência atual, como a filosofia se interessam, que é o caráter determinado e, portanto, finito do mundo. O próprio Spinoza, quando buscou tornar o mundo infinito, viu-se forçado, afinal, a determiná-lo em dois atributos: o espaço e o pensamento. Viu o universo finito, no infinito do tempo. Negou assim um absoluto infinito, mas tampouco o limitou. Para o sr. o universo seria infinito mas determinado: um infinito-finito.

O tema do Eterno Retorno volve como um recurso. O sr. dizia que o homem ou o aceitava ou buscava Deus. Não havia dois caminhos. Não quero fazer aqui a apologia da sua teoria. Julgo que o tema do Eterno Retorno encerra aspectos muito mais vastos que uma simples e precipitada apreciação possa fazer. Quero, aqui, tão somente, fixar os dados de onde partiu para a formação dessa teoria, dados esses que se encontram e se chocam com outras idéias suas, mas que encerram, no entanto, um problema sério e profundo de filosofia, que uma chocarrice ou um simples apelo ao tradicional racionalismo não podem refutar. Depois da sua morte – prossegui eu – muitos cientistas se interessaram pelo tema, além de muitos filósofos. Entre os primeiro salientou-se Abel Rey. Há citações que não se devem esquecer. Certamente deve conhecer essa frase de Proclo, no Prólogo do comentário de Euclides:

“Pois, como já disse o sobre-humano Aristóteles, os mesmos pensamentos volvem diversas vezes aos homens, seguindo certos períodos determinados do universo... mas aparecem e, uma um, desaparecem, seguindo os retornos das revoluções”.

Mais próximos a nós, Auguste Blanquis, em seu livro: *“L'éternité des astres”*, teve estas palavras: “O que eu escrevo neste momento, numa prisão do forte de Taureau, já escrevi e escreverei durante a eternidade sobre uma mesa, com uma pena, sob as vestes

penitenciárias, em circunstâncias semelhantes... O universo representa impertubavelmente no infinito os mesmos papéis”.

E Gustave Lê Bom, em *“L'homme et les sociétés”*, também disse: “mas se são os mesmos elementos de cada mundo que servem, após sua destruição, para reconstruir novos, é fácil compreender que as mesmas combinações, quer dizer os mesmos mundos habitados pelos seres, repetir-se-ão muitas vezes... Sombra dos tempos passados que pensáveis desvanecidas para sempre na bruma das idades e que a vareta mágica da ciência evoca a seu talante, não esperai o repouso, vós sois imortais”.

A lei do eterno retorno já havia sido percebida pela sabedoria oriental. Temos o exemplo de Lau-Tseu, de Heráclito, na filosofia grega e na hindu também. A interpretação do princípio de Carnot por Clausius pareceu a muitos tê-la de vez liquidado. Dentro da física atual, foi o que procurou mostrar Abel Rey, a teoria do Eterno Retorno continua obtendo elementos a seu favor. Mas ele bem o reconhece que essa teoria, na verdade, pertence mais à filosofia que à ciência e é, pelo menos, inseparável desta. Aceitando o Eterno Retorno, o princípio de identidade se realizaria, mas em tempos díspares. Assim: A uma vez será A e, porque uma vez, será um infinito de vezes A.

A luta, na física, entre as velhas escolas do contínuo e do descontínuo, dá maior ou menor relevo à doutrina do Eterno Retorno, Se a constituição descontínua da substância universal for uma verdade (a constituição atômica, eletrônica e suas subdivisões presentes e futuras), o Eterno Retorno das combinações é um postulado racional, aceitando-se a finitude – ilimitada do universo no sentido einsteniano, já anteriormente expressa em livros que o sr. escreveu. A aceitação da substância contínua do universo da qual as divisões conhecidas, da física seriam nada mais que corpúsculos de concentração, levar-nos-ia à concepção divina do universo, o que permitiria admitir, com tanto cunho de convencibilidade quanto a outra, numa criação eterna das formas, pela aceitação de Deus.

-Tive ocasião de dizer uma vez: ou o homem aceita o Eterno Retorno ou aceita Deus.

-E não haveria uma terceira saída?

-Enquanto vivi não encontrei essa terceira saída. A obra da física posterior a mim, vinha em favor de minha tese. A concepção einsteniana aceita o retorno. Antes dele tive estas palavras. Sei-as de memória:

-“A essa idéia – que o mundo evite deliberadamente uma meta e saiba prevenir-se artificialmente de cair num movimento circular – devem chegar todos os que queiram impor por decreto ao mundo a faculdade de remover-se eternamente, ou seja de impor a uma força finita determinada, de quantidade invariavelmente igual, como é o mundo, a milagrosa capacidade de uma nova configuração infinita de suas formas e de suas situações. O mundo, embora não sendo Deus, deve ser capaz da divina força da criação, da infinita força de transformação; deve voluntariamente abster-se de recair em uma de suas antigas formas, deve ter, não só a intenção, mas também os meios de guardar-se de toda repetição; deve, por conseguinte, controlar em todo o instante, cada um dos seus movimentos, para evitar metas, estados finais, repetições, e todas as outras possíveis conseqüências de uma opinião e de um desejo tão imperdoavelmente loucos. Tudo isto permanece sendo sempre o antigo modo de pensar e de desejar, uma espécie de aspiração a crer que, de qualquer modo, o mundo é igual ao velho Deus amado, infinito, ilimitadamente criador; que em qualquer lugar “o velho Deus vive ainda”, aquela aspiração de Spinoza que se expressa nas palavras “*deus sive natura*” (ele chegava até “*natura sive deus*”). Mas qual é o princípio e a crença com que se formula mais precisamente o câmbio decisivo, a preponderância agora conseguida do espírito científico sobre o espírito religioso, fabricante de deuses?

É acaso este: o mundo como força não deve ser imaginado como infinito, porque não pode ser imaginado assim; nós repelimos o conceito de uma força infinita como incompatível com o conceito de força. Logo ao mundo lhe falta a faculdade de renovar-se eternamente. E sabeis o que é para mim o mundo?

É mister que vo-lo mostre ao espelho? Este mundo é um monstro de força sem começo nem fim, uma quantidade de força brônzea que não se torna nem maior nem menor, que não se consome, mas só se transforma, imutável no seu conjunto, uma casa sem despesas nem perdas, mas também sem progresso, rodeada no “nada” como de uma fronteira.

Este mundo não é algo de vago e que se gaste, nada que seja de uma extensão infinita, mas, sendo uma força determinada, está incluído num espaço determinado, e não num espaço que seria vazio em alguma parte. Força em toda a parte, é jogo de forças e ondas de forças, uno e múltiplo simultaneamente, acumulando-se aqui, enquanto se reduz ali, um mar de forças que provocam sua própria tempestade, transformando-se eternamente num eterno vaivém, com imensos anos de retorno, com um fluxo perpétuo de suas forças, do mais

simples ao mais complexo, indo do mais calmo, do mais rígido e do mais frio ao mais ardente, ao mais selvagem, ao mais contraditório, para consigo próprio, para retornar, depois, da abundância à simplicidade, do jogo das contradições ao prazer da harmonia, afirmando-se a si mesmo, ainda nessa uniformidade das órbitas e dos anos, bendizendo-se a si próprio, como aquilo que eternamente deve retornar, como um dever que jamais conhece a saciedade, jamais o tédio, jamais a fadiga – este meu mundo dionisíaco da eterna criação de si mesmo, da eterna destruição de si mesmo, este mundo misterioso das voluptosidades duplas, meu “além do bem e do mal”, sem fim, senão o fim que reside na felicidade do círculo, sem vontade, senão um anel que possua a boa vontade de seguir seu caminho, sempre em redor de si mesmo e nada mais senão em redor de si mesmo: este mundo que eu concebo, - quem, pois, possui o espírito bastante lúcido para contemplá-lo sem ser cego? Quem é bastante forte para apresentar sua alma ante esse espelho? Seu próprio espelho ao espelho de Dionísio? Sua própria solução ao enigma de Dionísio? E aquele que fosse capaz disso, não precisaria que fizesse mais ainda? Oferta a si mesmo ao “anel dos anéis”? Com o voto do próprio retorno de si mesmo?

Como anel da eterna benção de si, da eterna afirmação de si? Com a vontade de querer sempre e ainda uma vez? De querer para trás, de querer todas as coisas que já foram? De querer para o futuro, de querer todas as coisas que serão? Sabeis agora o que é para mim este mundo? E o que eu quero quando quero este mundo?

Quereis um nome para esse universo, uma solução para todos os enigmas?

Uma luz até para vós, os mais ocultos, os mais fortes, os mais intrépidos de todos os espíritos, para vós, homens da meia noite? Este mundo é o mundo da *vontade de potência* e nada mais! E vós também sois esta *vontade de potência* e nada mais...

Após estas palavras, ajuntei:

-E se quiséssemos interpretar o Eterno Retorno como um desejo de regressão? Assim como o endeusamento do Estado que, para mim, é também um resultado desse desejo de regressão, desse impulso de desejar o amparo próprio daqueles que se encontram numa situação de instabilidade e que dela não sabem ou não podem sair?

-Deixe para os homens um problema de filosofia: o Eterno Retorno. Muitas vezes tornará a ser esboçado e muitas soluções serão oferecidas. Muitas vezes será negado e muitas outras novamente proposto. O que alega como causa não poderia ser um efeito? Eu sempre desejei

uma terceira saída para esse problema. O não encontrá-lo foi uma das minhas grandes torturas.

-E se aceitássemos que há o retorno, mas, ao aceitá-lo, não afirmássemos que todos os instantes possam retornar? Haveria situações, combinações, que o universo viveria uma única vez na eternidade. O retorno poderia ser apenas de determinados estados entre a totalidade dos estados, dos instantes. Não é outra possibilidade?

Ele me respondeu logo:

-Sim, seria uma possibilidade. E nesse caso teríamos de admitir uma parte de acaso na existência, acaso que permitisse, num certo momento, uma combinação nova que não se repetisse outra vez, mas também teríamos de admitir a possibilidade de uma ordem diferente de repetir, a seqüência de um determinado estado não seria o mesmo, por exemplo, o que ora vivemos. Neste instante poderia deixar subitamente de falar consigo. Então o que hoje nos parece coordenado e lógico não seria assim, e o inesperado seria comum na nossa vida, o que se não dá. Prefiro, portanto, aceitar que todos os momentos se repetem eternamente e o eterno retorno está em todos os instantes. Do contrário, daria uma saída à fraqueza ao criar uma possibilidade de que um momento de sofrimento pudesse não repetir-se.

Simplesmente em aceitar tal coisa seria uma covardia para mim e a tanto não cairia, porque toda a minha filosofia é uma filosofia da heroicidade.⁶

O TEMA DA MÍSTICA

Nietzsche místico?!

Depois dos períodos da juventude, de predomínio do cristianismo, sobreveio o período schopenhauereano, com suas manifestações românticas, até alcançar aquela fase positivista e pragmática da mocidade. Mas, durante todo esse período, a leitura de sua obra nos mostra sempre, um Nietzsche místico, profundamente místico, que se desabrocha depois em “Gaya Scientia” – esse alciônico misticismo bem occitânico, sem que ele mesmo o soubesse.

⁶ Na exposição deste tema buscamos ser fiéis ao pensamento nietzscheano, sem discuti-lo do ângulo filosófico, pois, em tal caso, teríamos que fazer muitíssimas restrições, o que nos afastaria do fim proposto nesta obra.

Em “Zaratustra”, o misticismo desabrocha-se plenamente. Obra realizada, como ele mesmo relata, em alguns dias apenas, sob grande entusiasmo, entre alegre e dolorido, vemos ali o emprego dos arquétipos místicos. Por isso Zaratustra é um dos livros mais difíceis. Sua leitura exige uma análise exegética e notas sobre a acepção mística de suas expressões principais.⁷

É na fase final de sua vida, na época das transvalorações, ao realizar “Vontade de Potência”, que o misticismo se precisa e assume as proporções imensas, acessíveis aos leitores iniciados e libertos da ditadura dos preconceitos.

...

O que logo transparece na sua obra é a simbólica sempre preferentemente alciônica. Conheceu ele a simbólica cristã, e através da obra de Schopenhauer e de outros autores, entrou, desde moço, em contato com a simbólica hindu.

O cristianismo já traz em sua simbólica os arquétipos universais. Com a presença da simbólica hindu e da alma profundamente mística de Nietzsche, sua obra é toda expressada em símbolos individuais metafóricos, há criptóforas, cujo significado é difícil ao profano. Em nosso “Tratado de Simbólica”, estudamos a gênese e a explicação do símbolo. O símbolo é alguma coisa que está em lugar de...; portanto, todo símbolo aponta, indica um simbolizado. Mas é exigível entre o símbolo e o simbolizado, a repetição, no primeiro de alguma ou algumas notas do segundo. Dessa forma todo símbolo é analógico ao simbolizado. E as notas repetidas formam a sua parte imitativa, que não se deve de forma alguma considerar apenas em sentido extensista, quantitativo, mas intensista, qualitativo. Há, na gestação do símbolo, uma preponderância da assimilação sobre a acomodação, psicologicamente consideradas. De tudo quanto não temos uma acomodação atual suficiente gera-se uma assimilação desequilibrada em relação àquela, o que leva a assimilar dentro dos esquemas anteriores, e eis o surgimento do símbolo.

Dessa forma, sem que possamos por hora examinar detidamente tal tema, devido sua magnitude, podemos enunciar que é símbolo tudo quanto está em lugar de outro, o qual tem, ou julgamos ter qualquer semelhança (intrínseca, extrínseca, analógica ou de

⁷ Foi o que fizemos em “Assim falava Zaratustra”, sob nova tradução direta do alemão, acompanhada de notas explicativas e análises simbólicas, que tornam o texto mais claro.

participação), sem que tenhamos acomodação de sua presença, e por meio da qual queremos transmitir essa presença não atual para nós.

Não é difícil concluir daí que símbolo é tudo, porque tudo está em lugar de outro. Mas se tudo é símbolo, tudo é, por sua vez, simbolizado. Há assim polarizações de funções: a simbolizante e a simbolizável, a que simboliza e a que é simbolizada. O símbolo, enquanto tal, é ativo; o simbolizado, enquanto tal, passivo. Que é a luz verde senão o símbolo de um número de vibrações eletromagnéticas?

Não tendo o homem uma acomodação suficiente dos fatos, e, sobretudo, não a tendo do que lhe fica oculto, não poderia falar do oculto, senão quando elementos conhecidos; falar, por símbolos, sobre o simbolizado.

A linguagem simbólica é universal, no tempo e no espaço. E como há essa linguagem, há também um pensamento simbólico que está ligado a todo o pensamento humano e funda também o pensamento operatório, intelectualizado, objetivo. Este trabalha com conceitos, esquemas abstratos, enunciados através de sinais verbais, os termos. E aqui se impõe distinguir o sinal de símbolo. É que, enquanto todo sinal pode ter ou não notas do simbolizado, o símbolo sempre o tem. Dessa forma, o símbolo é um sinal, mas nem todo sinal é símbolo, porque pode ser convencional, arbitrário até.

Outro aspecto se torna necessário acentuar: é que todo símbolo é polivalente, ou seja, poli-significável, podendo ser símbolo de vários simbolizados. Por sua vez o simbolizado é poli-simbolizável, podendo receber vários símbolos.⁸

Solidão, como simbolizado, pode receber vários símbolos que a indicam: uma árvore, numa planície deserta, ou um rochedo cercado das vagas de um oceano, etc. Por sua vez, solidão pode ser símbolo, na mística, do Um supremo (a sétima solidão mística), ou da alma na contemplação do Divino.

Dessa forma, vemos logo claramente, que cada símbolo pode poli-significar, como pode ser poli-significável.

Compreende-se, assim, que em toda linguagem mística há simbolismo, e a mística não pode expressar-se de outra maneira, pois é ela uma técnica de penetração no oculto por meios sistemáticos ou não. Supõe-se uma diferenciação clara da mística e da estética.

⁸ A dialética simbólica é analisada em nosso livro “Tratado de Simbólica”.

Nietzsche foi um esteta-místico, fez mística com filosofia, contemporaneamente com estética. E como não freou seus impulsos místicos, submetendo-os a um operatório vicioso, como sua fase positivista poderia ter permitido, penetrou no mais profundo, e teve esses vôos alciônicos que o levaram a alturas até então desconhecidas, conseguindo, através de si mesmo, alcançar o humano, o mais profundamente humano, o que o colocou, no campo da psicologia, por exemplo, no mais alto grau que alguém atingira em pleno século dezenove. Pode dizer-se, e o já o mostramos em “O homem que foi um campo de batalha”, que toda a psicologia moderna gira em torno da temática e da problemática nietzscheana.

...

Tem a estética as suas raízes na afetividade e não na intelectualidade, embora essas se combinem, sempre presentes e contemporâneas, mas em graus intensivos diversos. O artista é “páthico”, e o operatório sobrevém como auxiliar e, quando domina, temos o cerebralismo que já é um desfalecimento do estético.

Ora, a linguagem do artista é linguagem simbólica, que pode dispor operatoriamente, cingindo-se ao lógico da intelectualidade (formal). Todo artista sofre de uma angústia presente em toda a sua experiência expressiva: a limitação do símbolo, e a estreiteza do sinal. A criação estética é a expressão do simbolizado através de símbolos e sinais, os quais criam limites, entraves, impossibilidades que o artista tenta vencer, dominar, evadir-se delas. Assim, na criação estética, há sempre crise, a que surge da separação entre o simbolizado e o símbolo, entre o oculto e o que se manifesta.

Mergulhados na experiência mística, sentem os artistas que penetram na plenitude da arte. Mas há uma diferença, é importante. A experiência estética é um misticismo do símbolo, porque encerra em seu impulso o oculto que o símbolo expressa, e trabalha com símbolos para dispô-los esteticamente, fazendo-os falar como partes e como totalidades tensionais. Na estética, virtualizamos o simbolizado para deixar falar o símbolo. Na mística, temos a estética do simbolizado, não de qualquer simbolizado, mas do simbolizado oculto. Este é atualizado na experiência e virtualizado o símbolo, que o místico só atualiza quando o expressa no intuito de transmitir o intransmissível e, neste caso, torna-se esteta.

Toda a vez que o artista vive além de todo símbolo, ele se torna místico, mas quando, através de símbolos, procura apontar o oculto, ele é um esteta místico, porque combina o místico com o estético, e temos o exemplo de Nietzsche.

Toda a arte grande é uma linguagem simbólica, e por isso mística. Se se prende apenas ao símbolo, despiando-o de seu conteúdo, ela decai.

Caberia até aqui uma teoria da decadência. Está em decadência, toda aquela época em que o símbolo perde a pouco e pouco o seu significado. E o que assistimos hoje? Não é acaso uma estética tendente apenas a funcionar com os símbolos sem o seu significado? Vivemos acaso o que os símbolos ocultam? Não nos colocamos em face deles, sem captar o seu conteúdo? Eis por que nossa arte é abstrata, e convicta, abstrata, na convicção de que captamos melhor tudo, não procurando a linguagem em que eles expressam o conteúdo. Quando Nietzsche exclamava: “essas igrejas são cavernas e túmulos de Deus!”, não se referia ao simbolismo sem significado das nossas crenças?

E todo ciclo cultural não perece quando seus símbolos perderam todo contato com o conteúdo, quando eles não falam mais senão de si mesmos?⁹

...

Já no “Nascimento da Tragédia”, o místico transparecia. Vejamos esta passagem: “Uma consolação metafísica nos arranca momentaneamente da agitação das aparências mutáveis. Em poucos instantes, somos verdadeiramente o próprio Ser primeiro e sentimos o seu apetite, sua Felicidade desenfreada de existir. Luta, dor, aniquilamento dos fenômenos nos parecem, então, impostos pelo excesso das inúmeras formas de existência, que irrompem na vida nela se chocam, pela exuberante fecundidade do Querer universal, O aguilhão furioso desses sofrimentos nos coloca, no próprio momento em que somos um, com a imensa Felicidade primordial da existência e em que, no arrebatamento dionisiaco, apresentamos o que essa Felicidade tem de indestrutível e de eterno. O espanto e a compaixão não nos impedem de ser Felizes-viventes, não enquanto indivíduos, mas como identificados ao único Vivente, na embriaguez criadora de que nós nos fundamos”.

Após a fase positivista, pode dizer-se que a incorporação total de Nietzsche no misticismo se produziu em 1881, na solidão de Sils-Maria. Ouçamos essa carta que ele escreveu a Peter Gast, nessa ocasião (14 de agosto de 1881): “... O sol de agosto está sobre as nossas cabeças. Foi-se o ano, e há sobre os montes e bosques um silêncio e uma paz cada vez maiores. Ao meu horizonte ergueram-se pensamentos como até então não os tivera – não quero nada divulgar, e preciso guardar uma calma imperturbável. Bem que preciso viver

⁹ Esta tese é desenvolvida em nosso livro “Filosofia e História da Cultura”.

ainda alguns anos! Ah! Meu amigo, às vezes me passa pela cabeça a vaga idéia que, no fundo, vivo uma vida perigosa, sou como essas máquinas que podem explodir. As veemências do meu sentimento me fazem estremecer e rir – algumas vezes não pude deixar o quarto pela razão ridícula de que tinha os olhos inflamados – como foi isso? Sempre porque havia chorado demasiadamente na véspera em meus passeios, e lágrimas não de sentimentalidade, mas de júbilo; cantando e dizendo loucuras, cheio de uma visão nova de que tive a primícia antes de todos os homens”.

Foi nos dias seguintes que ele fez essa anotação: “Início de agosto de 1881, em Sils-Maria, a 6 mil pés acima do mar e muito mais alto de todas as coisas humanas”. E posteriormente, anos depois, ele dizia: “A 6 mil pés acima do homem e do tempo”.

Segue-se daí a obra mais alegre, mais vibrante, mais matizada e mais profunda, embora nem sempre a mais apreciada e mais lida: “Gaya Scientia”, (“Frölichen Wissenschaft”). Daí nasceu a figura sobre-humana de Zaratustra e o grande tema do Eterno Retorno. Foi nessa ocasião, em Sils-Maria, perto do lago de Portofino, que lhe surgiu a grande figura mística de Zaratustra. “Então, subitamente, Um tornou-se Dois – e Zaratustra passou diante de mim”. Afirmo que foi “assaltado” por ele.

É nessa época que surge esse fragmento póstumo: “Na verdade, não há verdades individuais, mas nada mais que erros individuais – o próprio indivíduo é erro... Somos os galhos de uma única Árvore. Um símbolo quase sempre para ele. Cessemos de nos sentir esse ego imaginário. Aprendamos a pouco e pouco a repudiar a pretendida individualidade. Descubramos os erros do ego. Reconheçamos que o egoísmo é erro. Sobretudo não concebamos o altruísmo como seu contrário; tal seria o amor das outras pretendidas individualidades. Não; ultrapassemos “eu” e “tu”; tenhamos o sentido cósmico”.

Nega Nietzsche sempre o conceito de indivíduo que para ele é falso. Mas a cada indivíduo é para ele nada mais que um modo da Realidade absoluta. A aliança entre o Sofrimento e a Alegria no Ser universal, eis a substância de nossa vida. Nós não somos senão “camadas em torno desse núcleo mortal”. Não se conclua daí que Nietzsche iria aceitar a aniquilação do indivíduo totalmente alienado ao Estado ou ao partido dos totalitários. Tudo quanto já vimos até aqui nos mostraria claramente que essa interpretação seria falha, e não iremos, outra vez, repeti-la.

Anticristão Nietzsche? É comum pensar-se assim, e ele mesmo o afirmava. No entanto, nesse “Froeblichwissenschaftslehrer”, nesse “professor de gaya scientia”, nesse místico amante do cósmico, atualizava-se a luta contra certa interpretação anti-cósmica do homem como do divino. Nunca Nietzsche negou o Cristo cósmico – lembremo-nos de sua frase “o único cristão morreu na cruz” – e sua obra nos revela esse amor e esse respeito a Cristo, o único homem sem ressentimentos. Era contra as interpretações sobre Cristo que ele se rebelava. “Deus concebido como a liberdade conquistada sobre a moral, encerrando toda a exuberância das oposições vitais e redimindo-as, inocentando-as em seu martírio: - Deus: o Além, o Acima em relação à miserável moral de mariola, que é a do “bem e do mal” (escreveu em 1888). E mais além: “A refutação de Deus: - na verdade, só o Deus moral está refutado”. De que valeria uma religião em que Deus era amado apenas por temor ou na esperança de benefícios? Não valeria esse Deus muito mais, e até que o amássemos sem esperança?

Seu pensamento volta sempre para Deus, representado pelo Todo, ou pelo Mais-alto, o Altíssimo no Todo, infinito e eterno, síntese do diverso, harmonia do discordante, coincidência dos opostos, à semelhança em grande parte do pensamento de Nicolau de Cusa.

Profunda meia-noite, sol a pino, pureza suprema, alegria luminosa, desejo profundo, querer de potência acima de todas as coisas, tudo isso é a voz do mais distante, do mais estranho, do mais desconhecido. A esse Deus vinha outro, o espírito do Pesadume, o Tentador, o desejo original, divino ainda, ainda criador, que se manifesta na queda do ser pelo devir. A esse espírito de pesadume opunha Dionísio, dos pés ligeiros, mediador da salvação, o eterno masculino, como Ariadna é o eterno feminino.

E por meio dos dois espíritos em nós, de Dionísio e o de Ariadna, que nos libertamos do espírito de pesadume, e alcançamos o divino”.

E voltando-me para ele, pus-me a recitar:

-“É nas Alturas que eu estou comigo mesmo, as Alturas, não as desejo. Não ergo os olhos; sou aquele que desce o seu olhar, aquele que bendiz, por que desce sempre o olhar aquele que bendiz...”

Senti que seu rosto se iluminava, e foi ele quem prosseguiu:

-Vive-se entre nuvens e raios como entre os seus iguais, mas também com os raios do sol, as gotas do orvalho, os flocos de neve, com tudo o que vem necessariamente do alto e não pode, caso se mova, senão mover-se do alto para baixo... As aspirações para as alturas não são as nossas... – fez uma pausa, e como se evocasse prosseguiu: - uma visão de pássaro... viver acima de nós.

Ah Santo Janeiro... minha “primavera”... aqueles que temos olhos e o espírito ofuscados que busquem a sombra, mesmo quando corram atrás do sol... –E num tom de confiança: - Depois que estava cansado de procurar, aprendi a encontrar; porque só depois quem um vento nos foi contrário podemos rogar por todos os ventos. Ser puro não é o dever dos astros? E não era eu um predestinado aos caminhos astrais, e, como astro, que me importava a sombra? – e pendendo mais para mim: - Mas, hão de vir as horas em que perceberás o que é o infinito, e que nada há de mais irredutível que o infinito. Pobre pássaro, que te sentiste livre e, no entanto, te debates nas paredes dessa gaiola. Infeliz de ti se a nostalgia da Terra te prender, como se houvesse aqui mais liberdade,, quando já não exista mais Terra.

Quem quer que sejas, caro estrangeiro que encontro pela primeira vez, toma consciência dessa hora feliz e do silêncio que nos cerca e que está acima de nós, e deixa-me falar-te de um pensamento que se ergueu ente os meus olhos como um astro, e que pede apenas deixar tombar sobre mim seus raios, sobre mim e sobre ti, e sobre todos, como é peculiar à luz dos astros. Os indivíduos efêmeros querem conquistar a felicidade pela socialização; eles não têm nenhuma razão para atingi-la, como não a têm os homens de almas eternas, no devir eterno e no aperfeiçoamento futuro, já o disse uma vez.

Só ali onde há túmulos há ressurreições. Meu Querer quis ser o destruidor de túmulos. Não é em torno dos inventores de novos ruídos, mas em torno dos inventores de novos valores que gira o universo; e embora não o ouçam, ele gira. Os grandes acontecimentos não são os mais ruidosos, mas se processam nas horas mais silenciosas. Levaram ao máximo o desespero dos homens, porque os destruidores do humano estão à espreita em todas as esquinas do mundo, para seduzir a todos os ingênuos. Quanta mentira entronizada como verdade, que marcha apressada para o abismo. Deve morrer o que tem de morrer, e deve ser enterrado o que já está morto. Mas que terrível espetáculo, quando a morte representar o papel da vida. Tudo isso é o prólogo da Catástrofe.

Quando Zaratustra já não sabia como obedecer, caber-lhe-ia, então, mandar. Mas Zaratustra respondeu à sua Voz Silenciosa que lhe faltava a voz do leão.

Mas são as palavras mais silenciosas as que erguem tempestades. São os pensamentos que surgem com passos de sombra que movem o mundo. Não é nas horas mais silenciosas da noite que cai o rocio?

Zaratustra ainda não estava maduro para os seus frutos maduros.

-Mas está agora Zaratustra maduro, depois de haver se recolhido à montanha para meditação?

-Já disse que são as palavras mais silenciosas que erguem tempestades. Há pensamentos com passos de sombra, que penetram em todas as almas. O homem é destrutivo quando não pode criar. Ele precisa fazer alguma coisa... Não temi a ascensão do niilismo, porque este acabaria cansado de sua passividade. E o niilismo ativo também cansará de sua negatividade. E, então, há de surgir um niilismo ativo e positivo, que é tão meu, que foi minha carne e foi meu sangue.

Os homens já estão cansados de odiar e cansados do seu furor, e sobre o caminho solitário, eles têm visões de luz que lhes sugerem: “Por que não amar afinal? – Há um tão doce frenesi no Amor!”

Eu fui uma estrela, porque então não me resignaria a errar sem Pátria?

Solidão, solidão, minha Pátria!

Eu sou esse homem predestinado que fixa valores para milênios.

Na verdade, tudo vem à hora que deve ir!

Preguei um novo momento de potência: o estado místico e o mais claro, o mais audacioso racionalismo, que serve de caminho para alcançá-lo.

Nós não somos mais cristãos, porque ultrapassamos o cristianismo, não por tê-lo vivido muito perto, e sobretudo por que dele saímos. É a nossa piedade, tornada mais rigorosa e mais difícil de satisfazer que, hoje, nos impede de ser cristãos. Acusaram-me de pecados contra o meu Deus? Mas acaso quem sabe quem é o meu Deus?

Como poderia ter eu vivido se não tivesse visões do futuro, de um futuro além de vós? É preciso salvar o homem da *Aparência*, custe o que custar. Estamos no período da Catástrofe, e até os fracos sentem que tem de fazer alguma coisa.

Mas eu quero falar aos fortes, aos que têm o olhar mais claro e mais agudo, o braço mais longo e o coração mais duro, aos mais resolutos, a esses homens da mais consciente e mais vasta responsabilidade.

Sei que é impossível ensinar a Verdade ali onde o pensamento é baixo.

Falo aos que têm sangue nas veias, aos capazes de ouvir o canto do Pássaro, aos fortes que quebrarão todas as algemas! Igualdade para os iguais, desigualdade para os desiguais!

Quem for exceção, que seja exceção; quem for regra, que seja regra. Mas só há exceções onde há a regra.

Ele agora desaparecia. Foi num ímpeto que perguntei:

-Podem os homens partir da humanidade para alcançar a super-humanidade?

Sua voz distante balbuciou mais profunda do que nunca:

-Desde quando são humanos os homens? Ah! Não penseis que para alcançar a humanidade não precisais das exceções. Criai-as, forçai-as que surjam. A vossa libertação será ganho passo a passo, à proporção que compreendais o que há de grande em vós. Por que tentais ser rãs, quando é sendo águias que ascendereis às grandes alturas?

Quando assim compreenderdes e assim procederdes, então ouvireis um canto novo: o mundo será transfigurado, e os Céus se rejubilarão!

MEDITAÇÕES SOBRE A FANTASIA COMO COMPENSAÇÃO DA REALIDADE

O que a humanidade pode vir a criar está em potências nos homens de hoje, como já estava nos homens de ontem. Individualmente, pode um homem não ter essa potência num grau tão elevado como outro, ou mesmo carecer dela.

No entanto, ela está nos homens de hoje. Alguns de nós é o receptáculo de algo grande do amanhã. Basta esta consciência para que a vida humana tenha outra dignidade. Um de nós, e muitos de nós, serão portadores do que de maior poderá realizar o homem. Por isso somos a ponte, e é por amor a esse amanhã que nos devemos amar e respeitar. Somos, por isso, muito mais do que parecemos ou externamos; somos em potência, o futuro. Não é por termos uma intuição desse amanhã que, por mais que as condições históricas dele nos desliguem, não podemos nunca dele nos afastar? E também não está aí a angústia que

sentimos ante o que não fazemos, o desencanto ante as nossas possibilidades que não conseguimos atualizar?

A discussão sobre as origens da arte está hoje, mais do que nunca, submetida às investigações que antropologistas e estetas (no sentido naturalmente filosófico) estão empreendendo para apontá-las.

Os estudos sobre a psicogênese da arte, já nos oferecem um certo número de dados, que são extraordinariamente úteis para serem manejados, no intuito de esclarecer alguns pontos controversos.

Em primeiro lugar, como o examinamos na “Estética”, é imprescindível distinguir a esta, como disciplina que tem por objeto o estudo do belo, tanto transcendente como imanente, de a arte, que é uma realização do homem. A Estética é assim devolvida à Filosofia, não mais no seu primitivo sentido de disciplina que estuda a sensibilidade, mas já no sentido post-baumgarteniano, de disciplina que estuda as coisas belas, tanto independentes como dependentes da atividade humana.

Assim um crepúsculo, uma cadeia de montanhas, uma baía são objetos de análise estética; enquanto um quadro, um edifício, uma escultura, objetos de arte.

Mas precisemos alguns outros aspectos, embora sinteticamente, para que possamos analisar temas da obra nietzscheana sobre a estética e a arte, de que ora nos ocupamos, sem que tal indique ou tente ser um estudo exaustivo das suas idéias, o que nos caberá fazer no futuro. Apenas assinalemos alguns aspectos, que nos falam mais diretamente e, por isso, são de maior interesse.

O homem primitivo, ao passar de sua fase original de hominídeo até alcançar a sua posição de *homo faber* entrou para a vida, trazendo nitidamente evidenciada a capacidade de captar possibilidades de possibilidades, aspecto fundamental da especificidade do homem, e que o distingue totalmente dos animais.

Nessas condições especiais e únicas na natureza, poderia ele tornar-se o que se tornou: homem, *homo sapiens*.

Não podemos aqui repetir nossos estudos insertos na “Estética”, mas devemos lembrar que, em face da natureza, do mal, e sobretudo, ante a morte, primeira e profunda meditação do homem, os valores opositivos teriam naturalmente alcançado uma atualidade muito maior. O terror cósmico que o avassalava, exarcebara esses valores; que, para se atualizarem,

exigiriam que o homem conhecesse, como naturalmente conheceria, momentos, fatos, acontecimentos, onde os valores positivos estivessem presentes. Mas o efêmero da felicidade na vida é algo que já o homem primitivo sentia, e que nós, cultos e civilizados, agudizamos com a ênfase que lhes dá a nossa consciência.

Aterrorizado entre o mal constante e o bem esporádico, toda a religiosidade desse homem era espanto, terror, medo, os quais se estruturaram em túmulos e petrificaram-se depois em templos.

Até chegar a esse estado já tão avançado, próprio das altas culturas, peiado pelos freios da sociedade da qual não se livra, mas na qual se sente, ele, como nós, eternamente preso à consciência de si mesmo, espectador ante o malogro dos próprios sonhos e das suas fantasias, que sempre o acompanham e têm suas raízes tão profundas no sensório-motriz, o homem quis purificar-se de tudo quanto o angustiava. A “catharsis” era uma decorrência necessária dessa condição.

Para o homem primevo a simetria das coisas, das plantas, dos cristais não tinha significado para si. Mas um dia, graças à sua capacidade de captação de possibilidades de possibilidades, conseguiu arrancá-la da magia, em que estava imersa, ao criar a técnica. E foi a técnica que lhe permitiu realizar simetrias.

Foi a técnica, desde a pedra lascada, que lhe permitiu sentir e captar, numa afetividade ainda ingênua, o equilíbrio das formas, gênese de uma captação posterior e culto do equilíbrio dos valores.

E essa purificação, essa “catharsis”, quando pela técnica pode expressar-se em valores de equilíbrio, de harmonia, permitiu ao homem criar a arte.

Quando expressava aos pulos a sua satisfação ou a sua tristeza, quando articulava, no ritmo primitivo e vital, suas ânsias, seus medos, seus desejos, não realiza arte. Quando modelava a pedra, quando modelava a madeira para servir-lhe de prolongamentos de seus músculos, para defesa e para o ataque, ainda não realizava arte. Mas, no dia em que deu a tudo isso algo daquela estética, aquela ordem que se revela nas harmonias simétricas, quando expressou em termos de estética a sua “catharsis”, ele tornou-se artista.

A imaginação, a fantasia que já se revela até nos animais (embora muito se discuta), e que nós temos patentes nas alucinações visuais que Johannes Muller estudou, e a neurologia

moderna procura explicar, permitiu-lhe, graças à técnica, atualizar-se em formas estéticas, o que era um passo para a concretização da arte.

E essa técnica, decomposta em seus elementos, revela-nos a inteligência, um querer, que está na atividade, e um fim a que se destina, o que permite sistematizá-la posteriormente, transmiti-la, ensiná-la. E, como fator predisponente, permitiu que alguns homens, mais sensíveis, mais afetivos, pudessem transformá-la no grande meio que deu coerência à “catharsis” e às formas. E a arte surgiu então, balbuciante sempre como em todos os princípios da vida, mas que se amadureceu e se firmou afinal, reveladora eterna de um avançar do homem, que os fluxos e refluxos da história jamais apagarão nem destruirão.

...

Nascer a arte com a religião e a religião com a arte? Talvez um dia se responda a esta pergunta dizendo que a arte e religião são apenas distintos de uma mesma identidade, porque há tanto de religioso no artista como há de artístico na religião. E, nesse caso, ambas se encontrariam numa raiz comum, nessa “catharsis” da alma humana, que por meio da técnica atinge até o estético.

Mas tudo depende do conceito que se dá à religião, e embora não coubesse aqui um estudo aprofundado de tema de tal magnitude, desejaríamos apenas dizer que religião não tem nada com *religare*, como desde Cícero se diz, mais sim de *relego*, reunir, ajuntar, mas com veneração, com homenagem, de *alegeyn*, verbo grego, também sua possível raiz. Mas dúplice sentido oferece esta palavra, pois *alegeyn* também é preocupar-se, afligir-se. E também *relego* não é um dizer-se de novo? E não é religião um falar de novo, um falar sempre, do que nos aflige, do que nos preocupa, prestando uma homenagem ao que nos liga com o que é por nós inominável, superior a nós? Não tem essa palavra tanto, não aponta tanto, que todas as origens que os etimologistas buscam não dizem muito pouco da religião. Que símbolo imenso, esse, e com quantos significados.

Nietzsche sentiu muitos aspectos das religiões, mas quanto à arte, há um aforismo que merece citar-se e sobre ele meditar:

“A arte levanta a cabeça quando as religiões perdem terreno”. (Não estamos aqui em face de um refluxo das religiões que se temporalizam, afastam-se da eternidade, e a arte surge

para dar-lhe aquela eternidade que se perdeu? Lembremo-nos do misticismo de um El Greco, em pleno barroco, e bem musical. Não nos expressa a piedade que os tempos já não expressam, e que não ressoa mais nos corações? E a contra-reforma não é grande na arte, já que não pode mais despertar, senão em raros, aquele ardor religioso que não se espraia mais nos movimentos coletivos de que o gótico tanto evidenciava? Ouçamos Nietzsche:

“Recolhe uma multidão de sentimentos e de tendências produzidos pela religião, põe-nos sobre o coração, e então torna-se mais profundo, mais cheio de alma, até o ponto de que pode comunicar a elevação e o entusiasmo, que antes já se não podia. O tesouro do sentimento religioso, engrossado até formar uma torrente, desborda-se de novo e quer conquistar novos reinos; mas o progresso das luzes quebrantou os dogmas da religião e inspira uma desconfiança fundamental: então o sentimento expulso pelas luzes da esfera religiosa, refugia-se na arte, em alguns casos também na vida política, e até diretamente na ciência. Onde quer que se advirta nos esforços humanos uma colaboração superior mais sombria, pode conjecturar-se que o temos dos espíritos, o perfume do incenso e as sombras da Igreja ficaram ali presos”.

Este é o panorama do barroco. Uma religiosidade já diferente, porque muito de vital, de humano e de terra invade aquela arte que homenageia também a vida. É a época da filantropia, da consciência da mísera condição humana.

O desequilíbrio do homem decorre da sua insatisfação, na qual está sempre imerso. E esse desequilíbrio vem de eras remotas, daquele momento em que o hominídeo, ao descer das árvores, e ao percorrer as longas planícies em busca do alimento que rareava, viu-se, subitamente, forçado pelas circunstâncias, a escolher a hominilidade. Essa “escolha”, que estudamos na “Noologia Geral”, é uma das hipóteses mais bem fundadas da antropologia moderna, pois sem ela, não poderíamos, de forma alguma, compreender esse salto qualitativo que elevou o hominídeo à humanidade.

Nesse estado primitivo, imerso ainda no concreto, nas fases mais primárias da intuição, o homem não construíra ainda a sua subjetividade, por isso busca no mundo exterior, nas coisas, a satisfação que lhe falta.

Mas as coisas lhe resistem e não se submetem desde logo. Precisa vencê-las, dominá-las, usa umas para dominar outras; a experiência lhe ensina, e tem ele já a capacidade

assimiladora que o seu espírito, ainda não totalmente delineado, mas já suficiente para construir novos esquemas, permite aos poucos vencer.

Conhece vitórias e conhece malogros, e sonha com novas satisfações, imagina novas vitórias. Passam-se os anos e os milênios, os instrumentos são re-criados, constrói novos prolongamentos para os seus membros tão fracos. E cria a técnica. Sempre que não pode tecnicamente dominar as coisas, ele procura dominá-las magicamente. A magia está sempre onde está a técnica, e a técnica onde está a magia.

E levado pela técnica, a ela se submete aos poucos, torna-se realista.

E onde a técnica não basta, sobrevém o pensamento mágico, e sonha, e cria satisfações possíveis. E por entre sonhos, há realidades. E descobre novos meios de domínio, e a eles, por sua vez, se submete. E, assim, de uma fase de imaginação, surge uma de realismo. E às satisfações sobrevém insatisfações. É um fluxo e refluxo, revolta e submissão, sonho e realidade, paz entre duas guerras, guerra entre duas partes.

E a arte está aí como um testemunho eloqüente de todos esses períodos, que continuam sucedendo numa invariância de funções, apesar de todas as modalidades, as formas novas e inéditas que lhe marcam a variância de suas formas.

Dois períodos sempre se defrontam. O homem ante as coisas, o domínio de si, a vitória sobre si mesmo ou a vitória sobre os fatos corpóreos do mundo exterior. Num a magia, noutro a técnica, seguindo linhas diferentes, que ora se entrecruzam, ora se chocam ora se distanciam, mas sempre opostas e sempre cooperando apesar da oposição. A magia criando possibilidades e a técnica, atualizando-as, para, por sua vez, criar através de suas satisfações novas insatisfações, que fazem sonhar com possibilidades que se atualizam, depois, pela técnica.

Mas por entre esses períodos de fluxo e refluxo, podemos visualizar alguns em que há uma ênfase, de um lado ou de outro, maior que noutras ocasiões. Então a história nos conta o trágico desse choque com cores que empalidecem os fatos anteriores, e a amargura nos lábios dos homens é muito nítida e muito expressiva para que não saibamos que sofrem.

...

Não reproduz nunca o artista a realidade senão esquemática e simbolicamente. É o realismo um equívoco que surge em certas ocasiões, nas épocas decadentes, quando, por

diferenciação, e por oposição aos excessos da fantasia na arte, há artistas que sentem a imposição da época que quer e precisa ver a realidade em toda a sua crueza. E o artista julga que pode ser um realista também, como qualquer homem objetivo, cujo interesse *páthico* é um viver constante sobre o mundo objetivo que a sua intelectualidade constrói. “Devolvemos o que nos encanta nas coisas, o que nelas nos atrai; mas esses sentimentos não são respeitados pela realidade! Não sabeis o que é a causa dos sentimentos! Toda boa arte se julgou realista!”

A contradição fundamental entre o artista, como homem preponderante *páthico*, afetivo portanto, ansioso dessas frêneses, desse saber que adquire pela sua fusão com as coisas, os homens e os sentimentos, manifesta-se no seu realismo, que é muito diferente do realismo do homem intelectualizado e objetivo, que toda a atividade se extroverte num desejo de domínio das coisas. O homem realista desse sentido quer dominar a realidade, o artista quer vivê-la. Como se entenderiam, portanto?

Arte honrada, burguesmente honrada, assim se presume esse realismo que no artista atinge o aspecto caricatural, não de um dominador da realidade, mas de um simples dominado, de um submetido ao objeto. Mísera honradez ingênua, temerosa de embriagar-se com seus próprios sentimentos, por isso copia, imita, repete. E, sobretudo, mente a si mesmo quando, como Nietzsche o mostra, proclama: “A realidade é uma perfeição”; este sofisma foi muito repetido. “O que admiramos muito deve ser verdade.”

A perfeição da natureza é estética, e quase sempre uma meta a ser alcançada; a perfeição do artista é artística, e também uma meta a ser alcançada. Mas o artista é, na arte, um criador; é cultura, é causa. Como natureza é apenas efeito. E ao copiá-la não é plenamente ele próprio.

...

Para Nietzsche, todo momento humano é decadência e ascensão. A gradatividade desses processos é que empresta a variedade da história.

“Nossa vida deve ser uma ascensão de degrau em degrau, não um vôo nem uma queda; mas esta última é o ideal dos homens de fantasia. Este mau costume degrada a maior parte da vida; por sua vez nos acostumamos a menosprezar os outros homens, porque não os vemos em êxtase: é insano, pois temos que pagar as dissipações estético-morais. Quando sentimos profundo mal-estar e desânimo interior, a dose de elevação deve ser cada vez mais forte, e

chegamos a fazermos-nos indiferentes ante o mérito e cedemos à excitação mais forte.

Decadência. Este processo é visível na história de todas as artes: a época clássica é aquela em que o fluxo e o refluxo muito pouco se diferenciam, e a norma é um cômodo sentimento de força: falta sempre o que produz comoções fortes: estas aparecem nos períodos da decadência.”

Ora, para Nietzsche, há sempre um mundo que nasce e um mundo que morre, um mundo que ascende e um mundo que decai. Esses dois processos têm intensidades gradativas. Nos períodos de cultura, de criação juvenil, o processo ascensional é intensivamente forte, e o que morre perece em silêncio e sem saudades, com os olhos voltados para o amanhã; mas esse amanhã é quase sempre uma decepção e essa amargura marca profundamente a vida. Morrem primeiros os sonhos e as esperanças; e o equilíbrio de um fluxo ascensional e de um defluxo de decadência se equilibram dinamicamente em certo período, em que o homem se satisfaz com as conquistas já feitas e quer vivê-las plenamente apenas; e temos o clássico. Depois... o amargo depois da descida, nostálgico final, cheio de ímpetos, de uma juvenilidade tardia, de um erotismo senil, em que julga criar quando apenas repete, desmensura, exarceba valores adquiridos, realiza buscas por falsos caminhos que o leva a escuros abismos. E retorna decepcionado em procura de esperanças fora de si, porque dentro, na alma, no coração, há muito silenciaram as vozes criadoras. É o final, o crepúsculo cheio de luzes e cambiantes, de muito ouro fosco e de vermelhos sanguíneos. Mas apenas um crepúsculo em que cada instante é uma afirmação das trevas que caminham imprescritivelmente para cobrir tudo com o seu silêncio de sombras.

Mas nesse entardecer, nesse refluxo cheio de ouropéis e de vaidades, silenciosamente, por entre as trevas, alguém ascende uma luz, uma luz trêmula a início, mas que brilhará depois, e há de confundir-se, afinal, com o maravilhoso surgir vitorioso das madrugadas que afirmam a luz.

Assim é a história dos homens. Um eterno capítulo que repete uma vitória entre duas madrugadas e uma eterna nostalgia entre dois crepúsculos.

...

A pouca cultura atual é consequência do advento do capitalismo que permite uma rápida ascensão, aos pontos mais elevados, de homens de baixa cultura e de comprovada

debilidade mental. Faltou-lhes aquela ociosidade do sábio que empreende o estudo, aprofunda-se no conhecimento.

Também não é de admirar que, hoje, mais do que nunca, se combata o homem de estudo, “o homem de gabinete”, o que “vive em torre de marfim”, e outros clichês, que todos os primários do mundo repetem, e repetem numa monotonia insuportável, como o do coaxar das rãs.

A improvisação do saber é a regra, e para encobri-la com algum manto, e este bem diáfano, de aparência de seriedade, o diploma das escolas superiores estão para afirmar que o seu portador sabe o que seria apenas uma mera presunção.

A vulgarização precipitada do saber favorece a simples leitura de uma brochura qualquer, que dá ao primário a auto-suficiência de quem já sabe.

E não faltam para estes, ainda, filosofias de cordel, concepções do mundo expostas em pouco mais de uma dúzia de páginas, para que enriqueça o saber, acompanhado dessa mal cheirosa literatura dos periódicos, o grande campo de convergência dos mais auto-suficientes primários da nossa época.

Tudo isso auxilia o malogro da nossa cultura. No entanto, tal não impede que muitos, fugindo ao contacto nauseabundo da praça pública, fugindo aos grupos de auto-elogio, ao literato sistemático, devotem seu tempo e sua capacidade de trabalho e de inteligência às grandes aventuras do pensamento e às pesquisas tão necessárias para fugir a esse primarismo ignorante, que se veste com a capa do mais perfeito revolucionarismo de todos os tempos, como se evoluíssemos em qualquer sentido, transformando o beócio auto-suficiente em guia da humanidade.

Esse capítulo repulsivo da história, que já começa a um bom par de séculos, ainda não encerrou sua última página. Mas ao vermos os personagens que vão representar o último ato, já podemos prever o histrionismo do final. Dói-nos, magoa-nos, no entanto, é que tudo isso será profundamente trágico.

...

Um dos aspectos mais importantes da obra de Nietzsche é certamente o tema do valor. Propriamente, quem abriu o caminho para o estudo deste tema, o grande tema da nossa época, foi ele. Compreendia já, em pleno século passado, que o homem colocaria, e aqui

nos referimos ao homem de nervos sensíveis, excitáveis, o problema do valor sobre a mesa, porque o homem em geral havia perdido tanto em dignidade, que pouco lhe restava.

Que Nietzsche é um romântico, nada nessa afirmação haveria de original. Mas Nietzsche é um romântico à Nietzsche, com uma heroicidade que nada tem que ver com o condoreirismo romântico. Sentiu, e também em suas carnes, a decadência que avassalava o mundo. Não era, porém, ao capitalismo que a acusava. O capitalismo só dominara porque a decadência já se estabelecera; portanto era apenas uma decorrência e não um fator. Mas, por sua vez, o capitalista apressaria essa decadência, e a ascensão fácil de homens de baixa cultura aos altos postos levaria a precipitação do aceleração do processo de decadência. E que surge nesses períodos quando atingem seu clímax? A pergunta inevitável é a de que vale tudo isso? Que valor tem tudo isso?

E essa pergunta, que surgiu dos seus lábios, não ficou bailando num mero “nitchivo” niilista das estepes. Nietzsche quis responder a pergunta, porque ele era um niilista positivo e ativo, como se definiria, e, portanto, precisava responder. E graças às suas respostas, novas perguntas surgiram, e eis o tema do valor crescer de tal modo que hoje temos uma disciplina como a Axiologia e outra como a Timologia, que o estudam. Nunca se escreveu tanto sobre um tema como este. E a pergunta continua terrivelmente exigente: que vale tudo isto?

E só há duas respostas: uma por exclusão e outra escalar. Ou nada, ou alguma coisa. E por que nada e por que alguma coisa? E em que consistiria esse alguma coisa de valor?

...

Mas Nietzsche, que entedia o valor como ligado à vida, e apenas à vida, já compreendia em suas palavras o que Camus depois o diria em outras: “Il n’est pas de destin qu’on ne surmonte par l’*mépris*”.

Mas esse desprezo para Nietzsche era, além de heróico e supinamente heróico, um apontar de amor para a superação, porque, ao desprezar e vencer o seu destino, o homem precisaria também amá-lo (“amor fati”), amá-lo como o companheiro inseparável de sua vida. Mas há amor com submissão, como há amor com superação. Era deste amor que Nietzsche falava. E o valor da vida estava na própria vida enquanto vida, e em nós ao exaltá-la pela nossa heroicidade. Ora, o heróico era o valor do valor então. E realmente assim o era para Nietzsche. Por isso uma categoria de valores nietzscheana exigiria que se dispusessem além

dos valores positivos e opositivos normais, valores positivos e opositivos viciosos. E pairando sobre todos, como valor que valoriza valores, o heróico.

Assim o bondoso seria o valor vicioso do bom, ao qual o mal seria o seu oposto e o maligno a forma viciosa do mal. E qual a sua posição então? Entre ser mau e maligno, entre ser bom e bondoso, Nietzsche prefere os valores normais e desmerece os viciosos. Ou os homens são bons ou maus, jamais bondosos ou malignos. Há uma grandeza também no mal, como há no bem. Mas há valorização desses valores, quando o heróico penetra, porque há uma heroicidade no bem e outra no mau. Esse heróico (e toda filosofia de Nietzsche é a filosofia da heroicidade, e é inútil buscar-se sistemas ou construções nietzscheanas como pensam tantos), é o ímpeto, o vetor valorizador de todos os valores.

Dir-se-ia que Nietzsche então quisesse ou o bem ou o mal? Deveríamos escolher, é verdade, mas escolher o que nos daria motivos para maior heroicidade. E a maior estaria no bem, porque é, realmente, mais fácil ser mau.

Querer o homem que abençoa, é um grito nietzscheano, um olhar de amor para a humanidade que sofre, mas de amor maior para a humanidade que se supera, o olhar de Zaratustra. “Que de bem fiz eu hoje?”, esta é a oração de todos os homens heróicos ante a vida. É preciso vencer a pequenez de nossa existência por um grande desprezo, mas desprezo à fraqueza, à fragilidade, à compaixão passiva, e lutar por aquele irmão viril da compaixão, a ativa, a rebelde, a criadora.

O heróico sempre. Mas, trariam passagens em que Nietzsche considerou o herói apenas um tipo aceitável, e acima dele pôs o santo e o sábio. É verdade, mas deve considerar-se que heroicidade não é uma nota exclusiva dos heróis. Há no herói heroicidade, mas há uma heroicidade ante o mistério do mundo, ante o papel, ante o pensamento, ante nós mesmos até, e sobretudo, ante nós mesmos. O santo é heróico, e o é o sábio. Eis o heróico sempre presente para valorizar valores.

E toda essa digressão, que até agora fizemos, impunha-se por que tratamos da arte. Há para o artista também uma possibilidade heróica?

Há, seria a resposta de Nietzsche, e não foi outra em toda a sua vida e em toda a sua obra, que, como artista, foi a personagem da heroicidade. Mas nem sempre o artista é um herói, porque os há desesperados. E porque os há, ei-los a destruir o que não podem fazer ou o que já fez a grandeza de outros.

“Quando um artista não pode dar os frutos de sua fantasia num ambiente claro e bom, mas necessita para fecundá-la das trevas e das cavernas, deixemo-lo. Igualmente quando necessita ódio e inveja para guardar fidelidade ao seu caráter artístico. Um artista não é um guia para a vida, como já disse anteriormente”, e diz tudo.

O hindu, imóvel, contemplando o mundo, assiste, a mutabilidade das coisas, a Maya eternamente mutável; o romano, ativo, conquistador do mundo, homogeneizando as distâncias, vê a imutabilidade, o eternamente o mesmo, o ser idêntico.

Semelhante observação nos assalta ao espírito quando pensamos na personalidade de Nietzsche. Quem o lê, sem nele penetrar, concluirá facilmente que ele é de uma volubilidade extrema, sua obra é uma variação constante, a incoerência predomina em suas afirmativas, ora enérgico, duro, seco, ora suave, meigo, terno, ora afirmativo, ora negativo; ora aceita, ora repele.

No entanto, a volubilidade em Nietzsche é o superficial da sua obra. Como o hindu imóvel ante o espetáculo do mundo, ele vê a mutabilidade das coisas, dos homens e até de si mesmo. E nesse ponto está a grandeza de sua obra; Nietzsche transforma a si mesmo num espetáculo, num objeto que analisa e reanalisa, decompõe, examina, observa, ora com olhos suaves e meios, ternos e condescendentes, ora ríspido, cruel, duro, de uma intolerância rigorosa.

Há variantes, mas há invariantes em sua obra.

E entre esses invariantes, nunca por ele desmentidos, está a sua imensa fidelidade a si mesmo, nunca deixando de ser o que é em cada um dos seus momentos, ingênuo e cínico, mas de uma extrema heroicidade em cada lanço do seu caminho, até nos momentos em que tudo fraqueja à sua volta, em que o corpo já não pode, o espírito heróico, quixotesco e arrogante, não trepida e avança sempre em sua marcha. Mas há mais: há esse imenso amor cósmico, esse *amor fati*, sem uma nota de desespero ou de queixa, essa eterna confiança na superação humana, apesar de todas as decepções que assiste.

Não é sua obra, nunca, uma justificação da fraqueza, mas uma exaltação da força, não no sentido superficial e meramente físico. A força de que Nietzsche fala não é a força dos músculos, nem a força das armas, mas a força do forte, do homem corajoso e heróico, do homem capaz de enfrentar todos os perigos, quer do corpo, quer do espírito. Por isso exaltava o filósofo, o sábio, o santo, o herói. Nunca, porém, a fraqueza.

